UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília

CECÍLIA LORENA SILVA GUIDA

DESCRIÇÃO PROSÓDICA DA FALA DE CRIANÇAS BRASILEIRAS:
uma interface com a clínica fonoaudiológica

Marília-SP
2026

CECÍLIA LORENA SILVA GUIDA

DESCRIÇÃO PROSÓDICA DA FALA DE CRIANÇAS BRASILEIRAS:
uma interface com a clínica fonoaudiológica

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Marília, para obtenção do título de Mestra em Ciências da Saúde e Comunicações Humanas.

Área de Concentração: Ciências da Saúde e Comunicação Humana

Orientador(a): Profª. Dra. Geovana Carina Neris Soncin Santos

Marília-SP
2026

G946d

Guida, Cecília Lorena Silva

Descrição prosódia da fala de crianças brasileiras : uma interface com a clínica fonoaudiológica / Cecília Lorena Silva Guida. -- Marília, 2026

156 p. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientadora: Geovana Carina Neris Soncin Santos

1. Prosódia infantil. 2. Aquisição de linguagem. 3. Funções prosódicas. 4. Produção de fala. 5. Fonoaudiologia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Do ponto de vista científico, o trabalho contribui para o avanço dos estudos sobre prosódia ao articular modelos formais da Fonologia Prosódica e perspectivas funcional-pragmáticas. Essa integração amplia o campo de investigação ao considerar a prosódia não apenas como fenômeno acústico ou estrutural, mas como dimensão constitutiva da significação e da interação. Além disso, oferece dados empíricos sobre o Português Brasileiro, ainda pouco explorados na literatura.

No âmbito técnico e clínico, a pesquisa subsidia práticas fonoaudiológicas ao propor uma ampliação do olhar avaliativo para além do plano segmental e de critérios normativos rígidos. Ao invés de tomar a aquisição como sequência previsível de etapas, os resultados favorecem uma escuta clínica sensível às diferentes formas de organização prosódica da fala infantil, contribuindo para avaliações mais contextualizadas e intervenções mais alinhadas ao funcionamento linguístico do sujeito.

O impacto social relaciona-se à qualificação das práticas de cuidado e acompanhamento do processo de aquisição de linguagem. Ao deslocar a noção de "desvio" de uma lógica exclusivamente normativa para uma perspectiva de funcionamento linguístico, o estudo pode contribuir para reduzir processos de "patologização" excessiva e para promover práticas clínicas e educacionais mais inclusivas.

Quanto ao potencial inovador, a pesquisa se destaca por introduzir, no campo da Fonoaudiologia e dos estudos prosódicos, uma abordagem que integra fonologia e pragmática, ainda pouco explorada em investigações empíricas com crianças. A proposta de analisar funções prosódicas em tarefas de fala sob essa perspectiva constitui avanço metodológico e conceitual na área.

No plano educacional, os resultados podem subsidiar a formação de fonoaudiólogos, linguistas e professores, ampliando a compreensão sobre o papel da prosódia na construção de sentidos e na organização da interação entre sujeitos. Tal contribuição favorece práticas mais atentas à dimensão oral da linguagem e às múltiplas formas de participação infantil.

O impacto cultural decorre da valorização da fala infantil como produção legítima de linguagem, reconhecendo a criança como sujeito linguístico. Ao investigar a prosódia no Português Brasileiro, o estudo também contribui para a descrição de aspectos da oralidade que integram essa língua.

No âmbito econômico, a qualificação de processos de avaliação e intervenção em linguagem pode contribuir para maior eficácia em serviços de saúde e educação, otimizando recursos ao favorecer encaminhamentos mais precisos e práticas terapêuticas mais precisas às necessidades reais das crianças.

Quanto à internacionalização, a pesquisa dialoga com referenciais teóricos amplamente reconhecidos internacionalmente (como a Fonologia Prosódica e os estudos pragmáticos da prosódia), ao mesmo tempo em que oferece dados originais do Português Brasileiro, ampliando a representatividade de línguas não hegemônicas no debate científico global.

Em termos de inserção local, regional e nacional, o estudo se articula às demandas clínicas e educacionais brasileiras, especialmente no contexto da Fonoaudiologia, contribuindo para a produção de conhecimento situado e socialmente relevante. Os resultados podem subsidiar práticas em serviços públicos de saúde e educação, com potencial de alcance regional e nacional.

Por fim, no que se refere ao desenvolvimento sustentável do conhecimento, a pesquisa fortalece uma perspectiva interdisciplinar que integra Linguística e Fonoaudiologia, promovendo a circulação de saberes entre universidade, clínica e sociedade. Ao propor uma mudança de olhar sobre a linguagem infantil, contribui para a construção de práticas científicas menos normativas e mais sensíveis à diversidade dos modos de dizer.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

From a scientific perspective, this study contributes to the advancement of prosody research by articulating formal models of Prosodic Phonology and functional-pragmatic perspectives. This integration broadens the field of investigation by considering prosody not only as an acoustic or structural phenomenon, but also as a constitutive dimension of meaning and interaction. In addition, it provides empirical data on Brazilian Portuguese, which is still underexplored in the literature.

In the technical and clinical domain, the research supports speech-language pathology practices by proposing an expansion of the evaluative perspective beyond the segmental level and rigid normative criteria. Rather than treating acquisition as a predictable sequence of stages, the results encourage a clinical listening approach that is sensitive to different forms of prosodic organization in children's speech, contributing to more contextualized assessments and interventions that are better aligned with the individual's linguistic functioning.

The social impact relates to the qualification of care practices and monitoring of the language acquisition process. By shifting the notion of "deviation" from an exclusively normative logic to a perspective centered on linguistic functioning, the study may help reduce processes of excessive pathologization and promote more inclusive clinical and educational practices.

Regarding its innovative potential, the research stands out for introducing, in the field of Speech-Language Pathology and prosodic studies, an approach that integrates phonology and pragmatics, still little explored in empirical investigations with children. The proposal to analyze prosodic functions in speech tasks from this perspective represents a methodological and conceptual advancement in the field.

In the educational sphere, the findings may support the training of speech-language pathologists, linguists, and teachers, broadening the understanding of the role of prosody in meaning construction and in the organization of interaction among subjects. This contribution encourages practices that are more attentive to the oral dimension of language and to the multiple forms of children's participation.

The cultural impact stems from valuing children's speech as a legitimate form of language production, recognizing the child as a linguistic subject. By investigating prosody in Brazilian Portuguese, the study also contributes to the description of aspects of orality that are part of this language.

In the economic domain, the improvement of language assessment and intervention processes may contribute to greater effectiveness in health and educational services, optimizing resources by enabling more accurate referrals and therapeutic practices better suited to children's real needs.

Regarding internationalization, the research engages with theoretical frameworks widely recognized internationally (such as Prosodic Phonology and pragmatic studies of prosody), while also providing original data from Brazilian Portuguese, thereby increasing the representation of non-hegemonic languages in the global scientific debate.

In terms of local, regional, and national insertion, the study is aligned with Brazilian clinical and educational demands, particularly in the field of Speech-Language Pathology, contributing to the production of situated and socially relevant knowledge. The findings may support practices in public health and education services, with potential impact at regional and national levels.

Finally, with respect to the sustainable development of knowledge, the research strengthens an interdisciplinary perspective that integrates Linguistics and Speech-Language Pathology, promoting the circulation of knowledge among the university, clinical practice, and society. By proposing a shift in perspective on children's language, it contributes to the development of scientific practices that are less normative and more sensitive to the diversity of ways of speaking.

CECÍLIA LORENA SILVA GUIDA

DESCRIÇÃO PROSÓDICA DA FALA DE CRIANÇAS BRASILEIRAS:
uma interface com a clínica fonoaudiológica

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Marília, para obtenção do título de Mestra em Ciências da Saúde e Comunicações Humanas.

Área de Concentração: Ciências da Saúde e Comunicações Humanas

Data da defesa: 20 / 02 / 2026

Banca Examinadora:

_____
Profa. Dra. Geovana Carina Neris Soncin Santos
UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília

_____
Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho
Departamento de Fonoaudiologia / UNESP / Câmpus de Marília - FFC

_____
Profa. Dra. Ana Carla Estellita Vogeley
Departamento de Fonoaudiologia / UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho à minha mãe, que, mesmo atravessando mares revoltos, nunca deixou de ser farol. Sempre com amor e firmeza, enfrentou a dor da perda, seguiu estudando, pesquisando, conquistando espaços, e transformou cada dificuldade em caminho. Sua força silenciosa e sua coragem imensa fazem dela minha maior inspiração — como mulher, como pesquisadora e como pessoa.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, minha profunda gratidão pela parceria construída ao longo de seis anos. Nossa relação é extensa demais para ser limitada aos papéis de orientadora e orientanda. Foram anos de aprendizado, crescimento e construção conjunta. Obrigada pelos ensinamentos, pela confiança, pelo rigor e por caminhar comigo em tantas etapas da minha formação acadêmica e pessoal.

À minha família, meu alicerce. À minha mãe, Anahi, pelo amor constante, pelo apoio incondicional e por me servir de modelo de pessoa e pesquisadora, minha maior inspiração. Ao meu pai, Heraldo (*in memoriam*), cuja presença segue viva em mim, em minha família e em minha "família de sangue unespiano". À minha avó, Zélia, pelo carinho, pela sabedoria e, como boa professora, por sempre destacar a importância do estudo para a sociedade. Ao meu irmão, Miguel, e à minha irmã, Sofia, pelo companheirismo e pela torcida de sempre.

Ao meu companheiro de vida, Gustavo, meu agradecimento mais carinhoso. Obrigada por dividir comigo as alegrias e os desafios desse percurso, por me apoiar, incentivar, acolher e sustentar nos momentos em que precisei. Sua parceria foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Às minhas amigas de faculdade e de profissão, Lucila, Mariana e Vitória, pela amizade construída ao longo do caminho, pelo incentivo, pela escuta, pelo acolhimento nos momentos difíceis e, principalmente, por acreditarem em mim. Às minhas amigas de laboratório, Karol, Melissa e Fernanda, pelas trocas tão ricas, pelas discussões instigantes, pelos novos olhares e pelo companheirismo ao longo do processo de pesquisa. À minha amiga Luciana, apelidada carinhosamente por "Lu da padaria", pelas conversas leves, risadas descontraídas e orações.

À Ana Carla Vogeley, pela leitura atenta e pelas contribuições como banca.

Ao Lourenço, que ocupa uma posição de avô e professor na minha vida. Como professor, foi parte fundamental da minha formação, agradeço pelos aprendizados e pelos questionamentos epistemológicos que transformaram a minha forma de olhar para o sujeito, tanto na clínica quanto na pesquisa, sem deixar de lado os tantos cafés com bolo na nossa salinha querida. E como avô, agradeço pelo cuidado, pela escuta generosa e pela presença constante, que acolhe, orienta e incentiva.

Às escolas que gentilmente abriram suas portas para a realização desta pesquisa, a EMEF Profª Ignez Alves de Rezende Silva, da cidade de Ocauçu-SP, e a EMEF Profª. Geralda César Vilardi, de Marília-SP, pela disponibilidade, acolhimento e compromisso com a produção do conhecimento científico.

Aos pais e responsáveis das crianças participantes, pela confiança, pela compreensão das demandas da pesquisa e pela generosidade em me acolher, tornando possível a realização das coletas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/18201-7.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa trajetória e contribuíram para que este trabalho se concretizasse.

RESUMO

Esta dissertação investiga a aquisição da prosódia no Português Brasileiro, propondo uma abordagem que integra perspectivas fonológicas, pragmáticas e interacionais. O objetivo geral desta dissertação é caracterizar padrões de emergência de quatro diferentes funções linguísticas desempenhadas pela prosódia no PB em tarefas de produção de fala durante o processo de aquisição prosódica. Esse objetivo geral se desdobra em três objetivos específicos: (1) comparar a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno; (2) identificar mudanças (ou não) no uso dos padrões prosódicos para marcar as quatro funções investigadas durante o processo de aquisição prosódica do PB; e (3) Caracterizar qualitativamente a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias, identificando se haveria variação entre sujeitos no interior de um mesmo grupo no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno. A partir destes objetivos, teve-se como hipótese que: (1) crianças mais velhas apresentariam maior acurácia prosódica nas tarefas de produção de fala, o que se refletiria em um deslocamento do uso de padrões melódicos e rítmicos mais básicos para um uso orientado por demandas pragmáticas, em consonância com o objetivo específico (1); (2) a acurácia na marcação das diferentes funções prosódicas ocorreria de forma gradual e diferenciada, de modo que algumas funções, como o acento de palavra, tenderiam a apresentar maior acurácia em faixas etárias mais precoces, enquanto outras, como a marcação de foco prosódico, se consolidariam mais tardiamente, em alinhamento com o objetivo específico (2); e (3) haveria variação entre sujeitos na marcação prosódica das funções investigadas, mesmo no interior de um mesmo grupo, o que dialoga diretamente com o objetivo específico (3) e permite relativizar a noção de marcos aquisicionais rígidos, considerando as distintas relações que se estabelecem entre sujeito e linguagem quando o processo de aquisição é analisado a partir de uma perspectiva singularizada da criança. Metodologicamente, trata-se de um estudo transversal, descritivo e analítico, com abordagem quali-quantitativa. Este trabalho contou com 100 participantes distribuídos em cinco grupos: 4-5 anos; 6-7 anos; 8-9 anos; 10-12 anos; e 18-23 anos. Os dados foram coletados por meio de um instrumento estruturado em tarefas lúdicas, que elicitaram a produção das funções prosódicas em contextos pragmático-interacionais controlados. As produções foram registradas em áudio e vídeo e posteriormente avaliadas por juízes, a partir de escalas específicas para os planos pragmático e prosódico. A análise combinou procedimentos estatísticos inferenciais, para comparação entre grupos, e análise qualitativa, voltada à descrição dos padrões de produção e das variações observadas. Os resultados apontaram para variação da acurácia prosódica conforme a função linguística e a faixa etária. A marcação de acento lexical apresentou alta estabilidade desde as idades mais precoces, com desempenho semelhante ao de adultos, indicando tratar-se de uma função menos dependente de fatores pragmáticos. Em contraste, funções como o foco prosódico e a força ilocucionária mostraram maior variabilidade e um percurso de estabilização mais prolongado. O foco informacional foi produzido com alta acurácia desde cedo, enquanto o foco contrastivo apontou para maior complexidade, especialmente entre crianças mais novas, devido à maior exigência de articulação entre forma prosódica e contexto pragmático. No domínio da força ilocucionária, atos declarativos foram dominados precocemente, ao passo que interrogativas, ordens e, sobretudo, pedidos apresentaram maior variabilidade e desenvolvimento gradual, com refinamento progressivo das estratégias linguísticas e prosódicas. No que se refere à marcação de troca de turno, observou-se evolução ao longo da idade, com maior estabilidade em contextos mais previsíveis, como enumerações, e maior oscilação em produções sintaticamente mais complexas, especialmente entre crianças mais novas. De modo geral, os resultados indicam que o desenvolvimento prosódico não

ocorre de maneira homogênea, sendo influenciado pela complexidade das funções e pela integração entre aspectos prosódicos, linguísticos e interacionais. A discussão dos resultados reforça a concepção de aquisição prosódica como um processo não linear, marcado por reorganizações graduais e dependente da relação entre criança, língua e interlocutor. Diferentes funções prosódicas apresentam trajetórias distintas de estabilização, refletindo sua inserção nas práticas interacionais. Funções mais estruturais tendem a estabilizar-se mais cedo, enquanto aquelas que exigem maior articulação com o contexto pragmático demandam um percurso mais longo de refinamento. Do ponto de vista clínico, os achados destacam a importância de considerar a variabilidade prosódica como parte do desenvolvimento típico, especialmente em funções mais complexas. A identificação de parâmetros aquisicionais torna-se fundamental para distinguir entre variação esperada e alterações clinicamente relevantes, contribuindo para práticas avaliativas mais sensíveis à heterogeneidade da prosódia.

Palavras-chave: prosódia infantil; aquisição da linguagem; funções prosódicas; produção de fala; fonoaudiologia.

ABSTRACT

This dissertation investigates the acquisition of prosody in Brazilian Portuguese, proposing an approach that integrates phonological, pragmatic, and interactional perspectives. The general objective of this study is to characterize patterns in the emergence of four different linguistic functions performed by prosody in Brazilian Portuguese (BP) in speech production tasks during the process of prosodic acquisition. This general objective unfolds into three specific objectives: (1) to compare prosodic accuracy in the speech production of children from different age groups with regard to the marking of word stress, focus, illocutionary force, and turn-taking; (2) to identify changes (or lack thereof) in the use of prosodic patterns to mark the four investigated functions throughout the process of prosodic acquisition in BP; and (3) to qualitatively characterize prosodic accuracy in the speech production of children from different age groups, identifying whether there is variation among subjects within the same group with respect to the marking of word stress, focus, illocutionary force, and turn-taking. Based on these objectives, the following hypotheses were proposed: (1) older children would show greater prosodic accuracy in speech production tasks, reflected in a shift from the use of more basic melodic and rhythmic patterns to usage guided by pragmatic demands, in line with specific objective (1); (2) accuracy in marking different prosodic functions would occur gradually and in a differentiated manner, such that some functions, such as word stress, would tend to show higher accuracy at earlier ages, whereas others, such as prosodic focus marking, would stabilize later, in alignment with specific objective (2); and (3) there would be variation among subjects in the prosodic marking of the investigated functions, even within the same group, which directly relates to specific objective (3) and allows for a relativization of rigid developmental milestones, considering the different relationships established between the subject and language when the acquisition process is analyzed from a child-centered perspective. Methodologically, this is a cross-sectional, descriptive, and analytical study, with a mixed-methods (qualitative-quantitative) approach. The study included 100 participants distributed across five groups: 4–5 years, 6–7 years, 8–9 years, 10–12 years, and 18–23 years. Data were collected through a structured instrument composed of playful tasks designed to elicit the production of prosodic functions in controlled pragmatic-interactional contexts. The productions were recorded in audio and video and subsequently evaluated by judges using specific rating scales for both the pragmatic and prosodic domains. The analysis combined inferential statistical procedures, for comparisons across age groups, with qualitative analysis aimed at describing production patterns and observed variation. The results indicate that prosodic accuracy varies according to both the linguistic function and the age group. Word stress marking showed high stability from early ages, with performance similar to that of adults, suggesting that it is a function less dependent on pragmatic factors. In contrast, functions such as prosodic focus and illocutionary force displayed greater variability and a more prolonged stabilization trajectory. Informational focus was produced with high accuracy from early ages, whereas contrastive focus proved more complex, especially among younger children, due to the greater demands involved in articulating prosodic form and pragmatic context. In the domain of illocutionary force, declarative acts were mastered early, while interrogatives, commands, and especially requests showed greater variability and gradual development, with progressive refinement of linguistic and prosodic strategies. Regarding turn-taking marking, development was observed across age groups, with greater stability in more predictable contexts, such as enumerations, and greater variability in syntactically more complex productions, particularly among younger children. Overall, the findings suggest that prosodic development does not occur homogeneously, being influenced by the complexity of the functions and by the integration of prosodic, linguistic, and interactional aspects. The discussion reinforces the conception of prosodic

acquisition as a non-linear process, characterized by gradual reorganizations and dependent on the relationship between the child, language, and interlocutor. Different prosodic functions follow distinct trajectories of stabilization, reflecting their role within interactional practices. More structurally grounded functions tend to stabilize earlier, whereas those requiring greater articulation with pragmatic context demand a longer refinement process. From a clinical perspective, the findings highlight the importance of considering prosodic variability as part of typical development, especially in more complex functions. The identification of developmental benchmarks becomes essential for distinguishing between expected variation and clinically relevant alterations, thereby contributing to more sensitive assessment practices that account for the heterogeneity of prosody.

Keywords: child prosody; language acquisition; prosodic functions; speech production; speech-language pathology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os cegos e o elefante 4

Figura 2 – Sistema de Classificação dos Transtornos de Fala 8

Figura 3 – Diagrama arbóreo da hierarquia dos constituintes prosódicos 19

Figura 4 – Categorias de fonação não segmentais no Inglês 25

Figura 5 – Caracterização pragmática de seis atos diretivos 39

Figura 6 – Panorama de idade de aquisição de consoantes 45

Figura 7 - Imagens das cartas que serão utilizadas na brincadeira do jogo do absurdo 65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) da acurácia prosódica geral dos grupos nos planos pragmático e prosódico 94

Tabela 2 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) da acurácia dos grupos na marcação do acento por tipo de estrutura métrica nos planos pragmático e prosódico 98

Tabela 3 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) da acurácia dos grupos na marcação de foco informacional e contrastivo nos planos pragmático e prosódico 99

Tabela 4 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) da acurácia dos grupos na marcação de diferentes tipos de força ilocucionária nos planos pragmático e prosódico 102

Tabela 5 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) da acurácia dos grupos na marcação de troca de turno por tipo de estrutura coordenada nos planos pragmático e prosódico 105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PB	Português Brasileiro
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
TSF	Transtorno dos Sons da Fala
ASHA	Associação Americana de Fala, Linguagem e Audição
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª Edição
TMF	Transtorno Motor de Fala
AFI	Apraxia de Fala Infantil
ReST	*Rapid Syllable Transition Training*
DTTC	*Dynamic Temporal and Tactile Cueing*
DEMSS	*Dynamic Evaluation of Motor Speech Skill*
T-TRIP	*Test of Rhythm and Intonation Patterns*
PROP	*Prosody Profile*
PVSP	*Prosody Voice Screening Profile*
FAB	*Florida Affect Battery*
PEPS-C	*Profiling Elements of Prosodic Systems - Children*
LAAC	Laboratório de Análise Acústica
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Av	Avaliadora
P	Participante

LISTA DE SÍMBOLOS

σ	Sílaba
Σ	Pé métrico
ω	Palavra fonológica
Cl	Grupo clítico
ϕ	Frase fonológica
I	Frase entonacional
U	Enunciado fonológico
F0	Frequência fundamental

SUMÁRIO

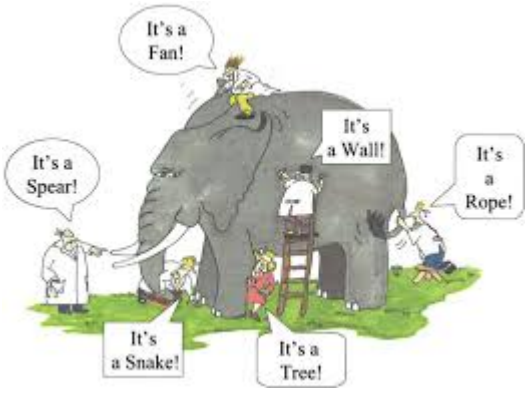
1	**INTRODUÇÃO**	**21**
2	**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**	**28**
2.1	**A prosódia em termos histórico-teóricos**	**30**
2.1.1	Teoria da Fonologia Prosódica	32
2.2	**Funções prosódicas e a interface com a pragmática**	**36**
2.2.1	A pragmática	37
2.2.2	Distinções entre o olhar fonético-funcional e o fonológico-pragmático das funções prosódicas	39
2.2.2.1	Marcação de acento de palavra	47
2.2.2.2	Marcação de foco prosódico	49
2.2.2.3	Marcação de força ilocucionária	51
2.2.2.4	Marcação de troca de turno	56
2.3	**A produção de fala e a aquisição prosódica**	**59**
2.3.1	A prosódia no sistema fonológico	59
2.3.2	A aquisição da prosódia	61
2.3.3	Protocolos de avaliação e técnicas terapêuticas que incluem a prosódia	64
2.3.4	A aquisição de linguagem e a prosódia	69
2.4	**Lacunas sobre aquisição prosódica: organizando as justificativas do estudo**	**71**
3	**OBJETIVOS E HIPÓTESES**	**73**
3.1	**Objetivos**	**73**
3.2	**Hipóteses**	**73**
4	**MATERIAL E MÉTODO**	**75**
4.1	**Aspectos metodológicos da pesquisa**	**75**
4.1.1	Participantes da pesquisa	75
4.1.2	Aspectos éticos da pesquisa	77
4.1.3	Procedimentos e aplicação de instrumento para coleta de dados	77
4.1.3.1	Tarefa de acentuação de palavra	78
4.1.3.2	Tarefa de foco prosódico	80
4.1.3.3	Tarefa de força ilocucionária	81
4.1.3.4	Tarefa de troca de turno	82
4.1.4	Forma de análise dos resultados	83

5 RESULTADOS 87
5.1 Resultados qualitativos 87
5.1.1 Marcação de acento lexical 87
5.1.2 Marcação de foco prosódico 89
5.1.2.1 Foco informacional 90
5.1.2.2 Foco contrastivo 93
5.1.3 Marcação de força ilocucionária 95
5.1.3.1 Declarativas 96
5.1.3.2 Interrogativas 97
5.1.3.3 Ordens 100
5.1.3.4 Pedidos 103
5.1.4 Marcação de troca de turno 106
5.1.4.1 Sentenças coordenadas 106
5.1.4.2 Enumeração de itens lexicais 108
5.2 Resultados quantitativos 110
5.2.1 Comparação da acurácia geral dos grupos nas funções prosódicas 110
5.2.2 Acurácia específica dos grupos por função prosódica 114
5.2.2.1 Acurácia na função de marcação de acento 114
5.2.2.2 Acurácia na função de marcação de foco 115
5.2.2.3 Acurácia na função de marcação de força ilocucionária 118
5.2.2.4 Acurácia na função de marcação de turno 122
5.2.3 Acurácia dos grupos nos planos pragmático e prosódico 125
6 DISCUSSÃO 127
6.1 Marcação de acento lexical 128
6.2 Marcação de foco 130
6.3 Marcação de força ilocucionária 133
6.4 Marcação de troca de turno 136
6.5 Discussão geral das funções considerando os planos prosódico e pragmático 138
7 CONCLUSÃO 141
REFERÊNCIAS 143

1 INTRODUÇÃO

Inicia-se esta dissertação com a apresentação da parábola indiana intitulada “Os cegos e o Elefante”, que conta a história de um grupo de homens cegos que depararam com um animal novo em seu vilarejo. Com grande curiosidade, decidiram tocar o corpo do animal a fim de conceptualizá-lo. Então, cada homem tocou uma parte do animal e a descreveu com base em suas experiências limitadas: “tem um rabo pequeno”, “tem orelhas grandes”, “possui presas”, assim por diante. Cada descrição, diferente uma das outras, apresentava um aspecto que não estava exatamente equivocado, mas tampouco nenhuma delas compreendia o todo.

Figura 1 – Os cegos e o elefante



Fonte: https://www.esalq.usp.br/visoes-da-ciencia/sites/default/files/Seven_Blind_Men_800_593_0.jpg.

Essa parábola é uma ótima metáfora para se pensar no fazer científico. Ao pesquisar, tocamos fragmentos de um objeto maior, sempre a partir de recortes teóricos, metodológicos e, como no caso dos cegos, empíricos. Não há neutralidade ou completude: cada pesquisa, por mais rigorosa que seja, ilumina aspectos e obscurece outros. Reconhecer essa limitação não enfraquece o conhecimento – ao contrário, convida-se à escuta e ao diálogo com outras experiências e abordagens.

Desse modo, este trabalho parte justamente do princípio de que a prosódia, no campo da aquisição da linguagem e da clínica fonoaudiológica, tem sido vista como fragmentos e recortes, e sendo definida em partes: entoação, melodia, acento. Cada estudo, inclusive este, contribui com peças desse quebra-cabeça, descrevendo e discutindo especificidades da prosódia na fala de crianças.

No entanto, é importante destacar que, nessa metáfora, a prosódia, assim como o elefante, é um todo muito complexo, cujas partes não correspondem à totalidade. Assim, ao investigar suas partes, buscamos também provocar um olhar mais atento ao conjunto que elas formam – e ao papel central que esse conjunto desempenha na fala e na comunicação.

Historicamente, os recortes feitos por estudos linguísticos que caracterizam a aquisição fonológica da fala da criança privilegiaram o plano segmental como principal domínio descritivo e clínico. Além da linguística, a literatura fonoaudiológica se debruça sobre a caracterização da fala de crianças em "desenvolvimento" típico de linguagem, com o objetivo de estabelecer parâmetros de referência sobre o sistema fonológico infantil e identificar processos fonológicos esperados para cada faixa etária (Lamprecht, 2004; Yavas, 1988). Para os fins de diagnóstico clínico, somente a partir destes estudos, é possível – numa avaliação fonoaudiológica de base fonológica – mapear na produção de fala os processos fonológicos desviantes, ou seja, aqueles processos que indicam simplificações e inadequações no sistema fonológico em aquisição e que não são esperados para a faixa etária e/ou etapa de aquisição em que a criança se encontra, implicando, assim, a necessidade de intervenção terapêutica.

Entretanto, a fala não se resume ao plano segmental. O sistema fonológico de uma língua é constituído também por uma estrutura prosódica subjacente responsável por organizar a fala, estabelecendo contrastes prosódicos, muitos deles com valor distintivo. Essa perspectiva teórico-metodológica sobre a prosódia ganha espaço nos estudos linguísticos na década de 80 com a publicação dos modelos não lineares de fonologia.

Nessa perspectiva, os modelos teóricos de Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986) impactam os estudos fonológicos, uma vez que demonstram a constituição prosódica como organizadora da língua e, portanto, ressaltam que o plano prosódico integra o sistema fonológico das línguas, estando assim em estreita relação com o plano fonológico segmental.

Em termos descritivos, a análise aprofundada desse plano enriquece a compreensão da estrutura fonológica, pois permite ir além da caracterização de unidades segmentais para explorar dimensões mais abrangentes – como os padrões de acentuação e entoação que contribuem para a constituição dos sentidos produzidos na língua pelas relações de interação que a prosódia estabelece com outros planos linguísticos (como a sintaxe, a semântica e a pragmática) e que, consequentemente, produzem impacto na interação comunicativa. No entanto, embora a literatura linguística aponte a relevância da prosódia, os estudos fonoaudiológicos e, especialmente, a prática clínica continuam a privilegiar o segmento.

Apesar do reconhecimento crescente, a prosódia segue ausente na maioria dos protocolos de avaliação fonológica infantil, o que pode ser justificada pela formação ainda incipiente de fonoaudiólogos em aspectos prosódicos – tanto no Brasil quanto no exterior.

Essa lacuna se expressa de modo concreto na escassez de avaliações sistemáticas dos aspectos prosódicos e na ausência de convenções amplamente difundidas de transcrição e anotação prosódica (conferir em Mello et al., 2012), em contraste com o que ocorre no plano segmental, amplamente consolidado tanto no ensino quanto na prática clínica fonoaudiológica.

Uma pesquisa feita nos Estados Unidos entrevistou 245 fonoaudiólogos(as), a fim de acessar suas práticas clínicas em relação à prosódia e identificar potenciais barreiras endereçadas à prosódia no contexto clínico. Enquanto a maioria dos profissionais concordaram que a prosódia faz parte do seu repertório clínico, foi relatado que raramente são acessados ou tratados os aspectos prosódicos quando suspeitam que haja uma alteração. Além disso, foi respondido que há pouco conhecimento sobre a natureza prosódica, experiência com pacientes/clientes com implicações prosódicas, e o reconhecimento de acessibilidade e métodos terapêuticos envolvendo a prosódia (Hawthorne; Fischer, 2020).

Para o francês, foi aplicado um questionário semelhante, 128 respostas foram analisadas, identificando que aspectos emocionais e linguísticos da prosódia são examinados por fonoaudiólogos(as). No entanto, apesar de reconhecerem que a prosódia pode estar alterada em diversas patologias, a maioria dos profissionais raramente ou nunca avalia a prosódia. Foi relatado que eles se sentem mais desconfortáveis para trabalhar clinicamente com a prosódia em comparação com outros domínios da fala, tornando, assim, a prosódia, pouquíssimas vezes, um alvo terapêutico (Petitpain *et al*., 2024).

No que diz respeito à aquisição da prosódia, um conjunto de pesquisas desenvolvidas na área dos estudos linguísticos e, portanto, não realizadas na interface com os estudos clínicos – tanto em âmbito internacional (Leonard *et al*., 1996; Jusczyk; Hohne, 1997; Gerken; Aslin, 2005; Bosch; Sebastián-Gallés, 1997; Seidl, 2007; Prieto, 2012), quanto nacional (Name; Corrêa, 2003; Name; Teixeira; Uchôa, 2015; Silva; Name, 2014) – tendem a investigar a aquisição inicial da prosódia em crianças entre 0 e 4 anos e discutem que essa aquisição se inicia muito cedo, isso ocorre, fundamentalmente, pela percepção por meio da discriminação de padrões entoacionais e rítmicos da língua em aquisição em relação a outras línguas.

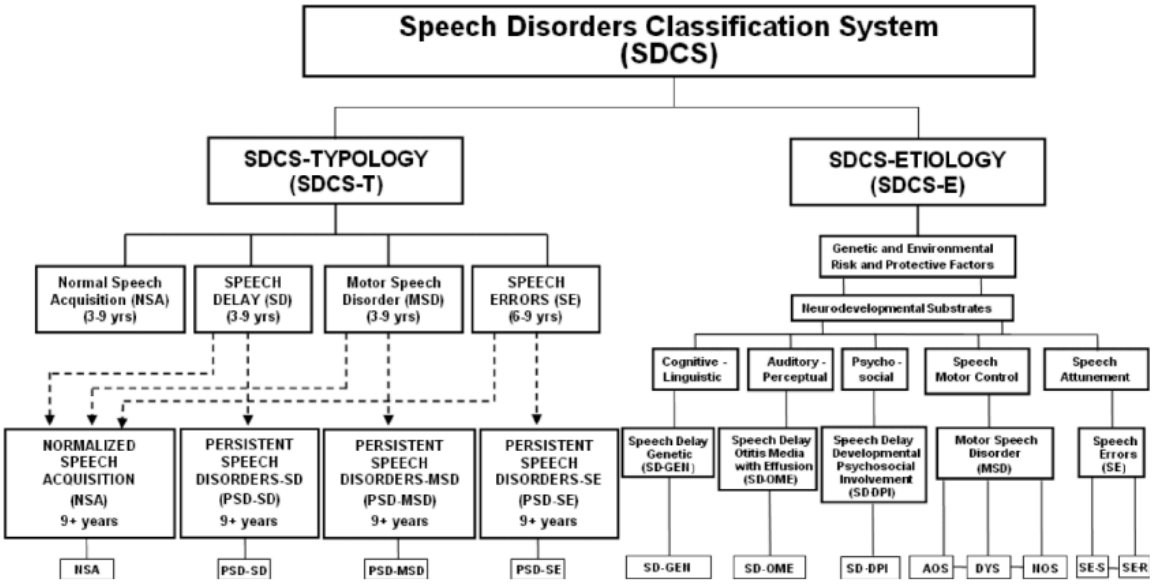
Entretanto, apesar da robustez desses achados para a aquisição da prosódia, outros aspectos continuam lacunares, particularmente no que diz respeito às mudanças que ocorrem no sistema prosódico que as crianças estão a adquirir, as quais ocorrem ao longo da infância (Speer; Ito, 2009). Especialmente para o Português Brasileiro (doravante PB), são poucos os estudos que abordam a aquisição da prosódia em crianças a partir dos 4 anos.

Destaca-se que estudos realizados com diferentes línguas mostram que a aquisição da prosódia se estende até a adolescência (Filipe *et al.*, 2017; Kalathottukaren; Purdy, 2017; Peppé; MacCan, 2003). Tais estudos, evolvendo diferentes faixas etárias são importantes para que possa ser analisado e descrito como crianças de idades distintas produzem e percebem padrões prosódicos da língua em aquisição e, assim, captar as mudanças nesse processo.

Essa lacuna recebe especial relevância quando se consideram os Transtornos dos Sons da Fala (TSF). A ASHA (2021) os define como dificuldades na percepção, representação fonológica ou produção motora dos sons da fala. Essas dificuldades se manifestam por processos como plosivização, anteriorização, apagamento de líquida, entre outros (Yavas, 1988). A etiologia pode ser orgânica, funcional ou idiopática (Shriberg *et al*., 2010, 2019). O DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª Edição) (APA, 2013) enquadra os TSF como transtorno da fala (F80.0). Por outro lado, Dodd (2013) considera os TSF sob perspectiva linguística, destacando a heterogeneidade dos perfis fonológicos.

Apesar de tradicionalmente descrito a partir de seus aspectos segmentais, os TSF hoje são conhecidos como um conjunto heterogêneo de perfis (Shriberg et al, 2017). Nesse contexto, a proposta classificatória de Shriberg (2010) — *Speech Disorders Classification System* (SDCS), apresentado na Figura 2 — norteia os diagnósticos fonoaudiológicos, uma vez que organiza os transtornos da fala infantil em dois eixos: tipologia (aquisição normal, atraso de fala, transtorno motor de fala e erros persistentes) e etiologia (considerando: genética, otite média, fatores psicossociais, entre outros).

Figura 2 – Sistema de Classificação dos Transtornos de Fala



Fonte: Shriberg, 2010.

É válido destacar que essa proposta considera o TMF como um nível superordenado de classificação, reconhecendo que quadros como a Apraxia de Fala Infantil (AFI) e a disartria não podem ser compreendidos como simples atrasos, mas como alterações específicas do controle e do planejamento motor da fala, frequentemente acompanhadas por alterações de ritmo, acento e entoação (Shriberg *et al*., 2010, 2017). A própria definição operacional desses quadros inclui, entre seus critérios diagnósticos, parâmetros prosódicos, como alongamento de transições coarticulatórias e padrões acentuais e entoacionais atípicos.

Nesse sentido, a ausência de descrições da aquisição da prosódia no PB compromete diretamente a capacidade de identificar, interpretar e acompanhar alterações prosódicas em crianças com TSF, tanto nos quadros de atraso quanto nos de TMF.

Tais características articulatórias e temporais têm motivado a produção de técnicas e instrumentos de avaliação que, em alguma medida, incluem aspectos prosódicos. Entre eles, destacam-se: (1) o *Rapid Syllable Transition Training* (ReST) (Ballard *et al*., 2010; McCabe *et al*., 2017), adaptado para o PB (Oliveira; Oliveira, 2023), o qual incorpora elementos de acento lexical e sintático; (2) o *Dynamic Temporal and Tactile Cueing* (DTTC) (Baas *et al*., 2008; Strand *et al*., 2013, 2019), o qual considera, em nível lexical, os aspectos de acento, mudança entoacional de marcação de emoções; e (3) o *Dynamic Evaluation of Motor Speech*

Skill (DEMSS) (Strand *et al*., 2013; Strand; McCauley, 2019), adaptado para o PB (Araújo, 2020; Gubiani *et al*., 2021), o qual contempla o acento lexical.

Além desses instrumentos, há protocolos internacionais anteriores que foram amplamente difundidos, embora não tenham sido concebidos para avaliar diretamente a prosódia e, portanto, a incluem como um componente secundário. Dentre eles destacam-se o *Tennessee Test of Rhythm and Intonation Patterns* (T-TRIP) (Koike; Asp, 1981), *Prosody Profile* (PROP) (Crystal, 1992), *Voice Assessment Protocol* (VAP) (Pindzola, 1987), *Prosody Voice Screening Profile* (PVSP) (Shriberg; Kwiatkowski; Rasmussen, 1992), *Florida Affect Battery* (FAB) (Blonder; Bowers; Heilman, 1998) e o *Profiling Elements of Prosodic Systems – Children* (PEPS-C) (Peppé; McCann, 2003).

Dentre eles, o PEPS-C é o mais utilizado, abrangendo compreensão e expressão prosódica, com padronização para crianças típicas e atípicas (Fekar-Gharamaleki *et al*., 2019). Já foi traduzido e adaptado para diversas línguas e nacionalidades como: inglês, espanhol, francês, norueguês (Wells; Peppé; Goulandris, 2004; Martínez-Castilla; Peppé, 2008; Filipe; Vicente; Frota, 2012; Filipe *et al*., 2017). Sua versão para o PB foi realizada em 2020 com adaptação e tradução dos estímulos presentes no protocolo (Sousa, 2020). A produção do protocolo concebeu a prosódia como um conjunto de "habilidades", podendo ser receptivas e expressivas, em dois níveis: o formal e o funcional. No primeiro nível, tem-se "habilidades" perceptivas, processamento da informação acústica e imitação desses estímulos. Já no segundo nível, faz-se referência à compreensão e expressão com funcionalidade dos aspectos prosódicos (Sousa, 2020). No entanto, esse protocolo se restringe ao uso acadêmico.

Diante desse cenário, esta dissertação fundamenta-se na necessidade de explorar aspectos relativos à aquisição da prosódia do PB por meio da caracterização sobre como crianças de diferentes faixas etárias manifestam em sua produção de fala diferentes funções linguísticas desempenhadas pela prosódia. A descrição de padrões de emergência das funções prosódicas é de suma importância e explicita o caráter inovador deste trabalho, pois tem como impacto futuro a possibilidade de favorecer a identificação de processos desviantes na clínica fonoaudiológica.

Nesse âmbito, a fim de compreender a relação entre prosódia e TSF, o projeto "Produção e Percepção da Prosódia em crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico", no âmbito do Programa "Jovem Pesquisador" da FAPESP (Proc. 2020/10144-3), coordenado pela orientadora do presente projeto é desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Prosódia no Laboratório de Análise Acústica (LAAC) – da UNESP, campus de Marília –, do

qual tenho participado desde 2021, tem encontrado achados significativos. Em particular, os estudos desse projeto têm indicado que crianças com TSF podem apresentar inconsistências e/ou dificuldades na produção de fala em aspectos relacionados à prosódia (cf. por exemplo, Soncin; Polli; Berti, 2022; Polli, 2022; Santos *et al.*, 2023; Lima; Guida; Soncin, 2023; Soncin *et al.*, 2024; Lima, 2024).

A partir desses trabalhos, é possível afirmar que crianças com TSF marcam prosodicamente contrastes relevantes para a interação comunicativa, porém o padrão prosódico de alguns desses contrastes, tais como o de foco prosódico (Soncin; Polli; Berti, 2022; Santos, *et al*., 2023; Soncin *et al*., 2024) e o de sentenças interrogativas (Lima; Guida; Soncin, 2023; Lima, 2024), é alvo de instabilidades e alteração formal na fala.

Assim, esses resultados apontam para a urgência de novos estudos que descrevam a acurácia prosódica em diferentes faixas etárias, a fim de construir parâmetros de referência para a clínica. Ou seja, este trabalho tem como lacuna central a não descrição do processo de aquisição típica de linguagem para funções prosódicas no Português Brasileiro.

Dessa maneira, este estudo não apresentará discussões de conteúdo clínico, mas é fundamental para o pensamento clínico, pois a partir dele podem ser feitas relações com processos de aquisição atípico de linguagem. Ademais, é a base para propostas de criação de instrumentos, de avaliação clínica, carentes no campo da Fonoaudiologia.

Com base nas lacunas apresentadas anteriormente, o objetivo geral desta dissertação é caracterizar padrões de emergência de quatro diferentes funções linguísticas desempenhadas pela prosódia no PB em tarefas de produção de fala durante o processo de aquisição prosódica. Esse objetivo geral se desdobra em três objetivos específicos: (1) comparar a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno; (2) identificar se haveria mudanças no uso dos padrões prosódicos para marcar as quatro funções investigadas durante o processo de aquisição prosódica do PB; e (3) caracterizar a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno.

Como hipótese, partindo da literatura sobre aquisição prosódica infantil (Frota *et al*., 2020; Chen *et al*., 2020) e considerando a natureza gradual, funcional e não linear de padrões prosódicos emergentes, propõe-se que: (1) comparar a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno; (2) identificar mudanças (ou não) no uso dos

padrões prosódicos para marcar as quatro funções investigadas durante o processo de aquisição prosódica do PB; e (3) Caracterizar qualitativamente a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias, identificando se haveria variação entre sujeitos no interior de um mesmo grupo no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno.

A fim de atender aos objetivos propostos, a pesquisa desenvolvida se caracterizou como de natureza transversal, descritiva e analítica, adotando uma abordagem metodológica quantitativa e qualitativa.

A organização da dissertação foi construída de modo a acompanhar o seguinte percurso investigativo: no primeiro capítulo, apresentam-se a fundamentação teórica e a revisão bibliográfica, abordando os aspectos estruturais e funcionais da prosódia, sua interface com a pragmática e sua aquisição no contexto do PB. No segundo capítulo, dedica-se à metodologia, com a descrição dos participantes, das tarefas de coleta e das estratégias de análise. No terceiro capítulo, apresentam-se os resultados das análises qualitativas e quantitativas. Por fim, o quarto capítulo será destinado à discussão dos principais achados, à luz dos objetivos e de uma perspectiva de aquisição gradual da prosódia, bem como da apresentação de suas contribuições teóricas e clínicas e de possíveis desdobramentos para pesquisas futuras.

Seguindo, portanto, essa ordem, serão explicitadas primeiramente a fundamentação teórica e a revisão bibliográfica do presente trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A construção de conhecimento científico exige, entre outros fatores, a reflexão crítica sobre as bases epistemológicas que orientam as teorias adotadas. Isso significa reconhecer que toda teoria carrega consigo uma visão de mundo, uma maneira específica de conceber o objeto que se estuda, de definir o que conta como "evidência" válida e quais perguntas são legítimas. Em estudos que se dedicam à fonologia (incluindo aqui linguistas e fonoaudiólogos), é comum que pesquisadores e profissionais trabalhem com modelos teóricos consolidados sem necessariamente refletir sobre suas origens, pressupostos e limitações. No entanto, esse tipo de reflexão é essencial não apenas para entender melhor os fenômenos investigados, mas também para sustentar escolhas metodológicas, discussões coerentes e abrir espaço para abordagens complementares ou alternativas.

Para este trabalho, inicia-se essa fundamentação teórica mencionando a Teoria Gerativa de Chomsky que revolucionou a linguística a partir da década de 1950. Sua principal ideia é de que a linguagem é uma capacidade inata do ser humano, guiada por uma gramática mental universal (Chomsky; Halle, 1968).

> We may think of a language as a set of sentences, each with an ideal phonetic form and an associated intrinsic semantic interpretation. The grammar of the language is the system of rules that specifies this sound-meaning correspondence (Chomsky; Halle, 1968).
>
> *Podemos pensar em uma língua como um conjunto de sentenças, cada uma com uma forma fonética ideal e uma interpretação semântica intrínseca associada. A gramática da língua é o sistema de regras que especifica essa correspondência entre som e significado (tradução nossa).*

Essa teoria, voltada para a descrição da competência linguística, busca identificar regras formais que explicam como os falantes de uma língua geram e compreendem um número infinito de frases. Dentro desse paradigma, a fonologia passou a ser concebida como um componente da gramática mental, responsável por transformar representações abstratas em formas fonéticas realizáveis – perspectiva que também embasa a Teoria da Fonologia Prosódica (a qual será abordada mais adiante neste capítulo).

Essa base teórica, embora amplamente adotada, não é isenta de críticas. Ao privilegiar a competência formal, a Teoria Gerativa frequentemente marginaliza as relações entre os falantes e o contexto comunicativo.

Além disso, ao propor uma Gramática Universal, assume-se uma estabilidade estrutural entre línguas que nem sempre se verifica nos dados empíricos. É válido destacar que essas limitações não invalidam a teoria, mas por meio delas é possível identificar limites de escopo – e, portanto, surge a necessidade de dialogar com outras abordagens teóricas, que concebem a linguagem como prática social.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer que nenhuma teoria dá conta, isoladamente, de explicar toda a complexidade da linguagem humana. Avanços significativos na descrição da prosódia, por exemplo, têm sido possíveis graças ao cruzamento entre diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, que ora priorizam aspectos formais, ora enfatizam o uso real da linguagem em contextos comunicativos. A própria prosódia desafia qualquer tentativa de redução puramente formal, por estar intrinsecamente ligada à estrutura sintática, à informação pragmática e à expressividade emocional da fala.

Desse modo, no percurso teórico deste trabalho, propõe-se realizar um cruzamento entre ideias da Teoria Gerativista – que, através da sua formulação no componente fonológico, proporcionou o desenvolvimento da Teoria da Fonologia Prosódica, elaborada por Selkirk (1984) e por Nespor e Vogel (1986) – e as contribuições teóricas e metodológicas de perspectivas funcional-pragmáticas, que concebem a prosódia como elemento estruturante da interação comunicativa. A adoção de tais referenciais não se dá por uma tentativa de conciliação entre modelos epistemologicamente distintos, mas pelo reconhecimento de que cada abordagem oferece contribuições complementares à análise da prosódia, especialmente no contexto de aquisição de linguagem. A Teoria da Fonologia Prosódica fornece critérios linguísticos para segmentar e compreender a estrutura hierárquica prosódica, orientando a segmentação e categorização dos dados de fala a partir de unidades linguísticas formalizadas.

Somado a esse construto teórico, Arvaniti (2020) apresenta a prosódia como um termo guarda-chuva utilizado para cobrir uma variedade de fenômenos interconectados que interagem entre si – sendo eles: acento, ritmo, fraseamento e entoação. A partir dessa abordagem, a prosódia pode ser vista como um componente linguístico central relevante para a produção, aquisição, processamento e percepção da fala. A autora se dedica especialmente ao fenômeno da entoação, como um sistema formalmente organizado, formado por unidades

discretas e regido por regras estruturais que estabelecem relações entre os níveis fonético e fonológico. Para isso, são considerados parâmetros acústicos como frequência fundamental, duração e intensidade, destacando seu papel na delimitação de fronteiras e na marcação de proeminências. Suas análises reforçam a natureza hierárquica e sistemática da prosódia, concebida como parte da gramática da língua, em contraste com abordagens que a tratam como mero veículo de funções comunicativas.

A coexistência desses referenciais no presente estudo, portanto, se sustenta na intenção de articular o rigor formal e a atenção ao uso, ampliando o escopo interpretativo dos dados. Mediante o exposto, o tópico a seguir aborda de maneira mais específica como podemos tratar a prosódia em termos conceituais por meio de uma descrição histórico-teórica.

2.1 A prosódia em termos histórico-teóricos

Para compreender a concepção de prosódia adotada neste trabalho, é necessário percorrer brevemente a trajetória histórica e teórica desse conceito. A escolha por apresentar esse percurso não é meramente cronológica, mas visa destacar como diferentes tradições moldaram o entendimento da prosódia e como, ao longo do tempo, ela passou de um papel acessório na fala para uma posição única na linguagem.

É nesse contexto que inicio esse percurso retomando a origem etimológica do termo e os sentidos que ele carregou até alcançar o estatuto teórico de hoje. A palavra “prosódia” tem origem na Grécia Antiga, ela deriva do termo "prosōidía" (προσῳδία). O prefixo pros- (προσ -) tem sentido de “sobre” ou “para”, já a raíz -ōdē (- ᾠδή) “canção” significa algo como "melodia que acompanha o discurso (fala)", tendo sua primeira aparição no livro “República”, de Platão (Mira Mateus, 2004). Inicialmente, o termo designava o acompanhamento melódico da fala nos cantos litúrgicos ou recitações poéticas, em que se notava variação na entoação e no ritmo das sílabas. Ao longo do tempo, a palavra “prosódia” passou a ser empregada para designar os aspectos não segmentais da fala, como a entoação, o ritmo, a acentuação e a pausa, sendo incorporada aos estudos linguísticos como o conjunto de propriedades que moldam a “melodia da fala” (Ladd, 2014; Ladd; Couto; Seara, 2019).

Assim, pensando a prosódia em termos histórico-teóricos, uma figura-chave que proporciona uma inflexão importante na compreensão da prosódia enquanto parte constitutiva da linguagem foi Firth. Suas ideias, bastante modernas para a década de 40, propõem que a

fonologia não deve se limitar aos sons isolados, rompendo com a fonologia segmental tradicional – como junções entre palavras, marcações de início e fim de sílabas, pausas, acentos e até o uso do espaço gráfico –, mas sim ser vista como "prosódias", e não como fonemas. Para ele, essas características não pertencem a um som específico, mas à estrutura sequencial da fala, sendo fundamental para a construção de sentido; portanto, pertencem à organização sintagmática do enunciado (Firth, 1948). Ainda que sua proposta não tenha gerado uma teoria formalizada, Firth antecipou uma abordagem funcional e contextual da prosódia, que influenciou fortemente as formulações teóricas das décadas seguintes.

Entretanto, o pensamento de Firth (1948) não predominou na área da prosódia. Por décadas, o que prevaleceu foi a concepção de prosódia como um fenômeno essencialmente suprassegmental e vinculado a uma perspectiva fonética. Entre as contribuições mais influentes da tradição suprassegmental, destaca-se o trabalho de Crystal (1969), cuja obra *Prosodic Systems and Intonation in English* marcou a consolidação de uma visão da prosódia como um sistema que atua "sobre" os segmentos da fala. Para o autor, a prosódia é composta por elementos como entoação, acento, ritmo e pausa, que se sobrepõem aos fonemas sem integrar-se estruturalmente à gramática. Essa concepção reforça a ideia de que os aspectos prosódicos constituem uma camada suprassegmental, organizada paralelamente à sequência segmental, e que sua principal função é moldar a "melodia da fala". Nessa abordagem, a prosódia tem um estatuto auxiliar, mais descritivo do que explicativo, configurando-se como um recurso complementar à fonologia segmental.

No mesmo período, Lehiste (1970) também contribuiu decisivamente para consolidar essa tradição, a partir de uma abordagem fortemente ancorada na fonética acústica. Em seus estudos, a prosódia foi descrita primordialmente por meio de parâmetros mensuráveis – duração, intensidade e frequência fundamental (F0) –, tratados como correlatos físicos das categorias perceptivas de ritmo, acento e entoação, respectivamente. Essa perspectiva enfatiza a possibilidade de analisar a prosódia de forma quase independente da gramática, como um conjunto de propriedades acústicas que recobrem os segmentos. Embora essa tradição tenha desempenhado um papel essencial na sistematização dos métodos de análise instrumental da fala, acabou por restringir a prosódia a uma dimensão essencialmente fonética, sem reconhecer plenamente sua função estrutural na organização linguística.

Como apontado anteriormente, as ideias de Firth (1948) não tiveram continuidade imediata, sendo ofuscadas pela tradição suprassegmental e fonética que prevaleceu. Autores como Crystal (1969) e Lehiste (1970) foram fundamentais para a literatura, contribuindo com

grande rigor descritivo e metodológico, mas restritos a um enquadramento fonético e suprassegmental da prosódia. Foi apenas a partir dos anos 1980 que a prosódia passou a ser integrada nas teorizações fonológicas, agora concebidas a partir de modelos formalizados e hierárquicos. Nesse movimento, destacam-se os trabalhos de Selkirk (1984) e de Nespor e Vogel (1986), que, ao elaborarem a Teoria da Fonologia Prosódica, retomam em novos termos os apontamentos de Firth, propondo que os fenômenos prosódicos não se reduzem a propriedades físicas ou ornamentais da fala, mas constituem uma organização autônoma da gramática, mediando a interface entre sintaxe, fonologia e uso.

Assim, o tópico a seguir busca aprofundar a Teoria da Fonologia Prosódica, que consolidou a compreensão da prosódia enquanto estrutura linguística hierárquica. Dessa forma, os trabalhos seguintes continuaram com a ideia de que a fonologia seria mais abrangente do que a descrição, a caracterização e a organização de fonemas de uma língua numa estrutura linear, resultando na proposição de diferentes teorias fonológicas, as quais explicitam a não homogeneidade do plano fonológico e a sua não linearidade – motivo pelo qual são chamadas teorias não-lineares.

2.1.1 Teoria da Fonologia Prosódica

Uma das pioneiras no movimento de valorização da prosódia como estrutura gramatical autônoma foi Selkirk (1984). A autora propôs uma arquitetura fonológica na qual a relação entre estrutura sintática e estrutura fonológica não é diretamente derivada da sintaxe, mas mediada por uma estrutura intermediária composta por unidades prosódicas hierarquicamente organizadas e cuja estrutura não é isomórfica à sintaxe.

Segundo a autora, diferentes constituintes prosódicos – como pé métrico (*foot*), palavra fonológica (*phonological word*), sintagma fonológico (*phonological phrase*) e frase entoacional (*intonational phrase*) – são responsáveis por regular o domínio de aplicação de regras fonológicas, como atribuição de acento, elisão e sandhi[1]. Essas unidades não seguem

[1] Sob a luz da Fonologia Autossegmental, o sândi externo é um processo de ressilabificação, motivado pela tendência de evitar hiatos. Trata-se de uma motivação fraca, pois as regras do sândi se aplicam variavelmente (Bisol, 1996a, b, 2000). Por exemplo, "a casa amarela", onde as vogais finais e iniciais podem se fundir ou ser alteradas. A elisão, por sua vez, é controlada por uma restrição rítmica, a qual tende a não ser aplicada se a segunda vogal for portadora de acento principal. Também a degeminação está sujeita a essa restrição. Sobre a elisão, há ainda uma restrição morfoprosódica (não se aplica em monomorfemas (Bisol, 2000)). Um exemplo de elisão é o caso de “menina humilde”: me.ni.na. u.mil.de = “me.ni.nu.mil.de”.

necessariamente as divisões sintáticas, o que permite descrever a prosódia como um sistema com regras internas e fronteiras próprias, organizadas de maneira sistemática.

A proposta de Selkirk (1984, 1986) foi fundamental para consolidar a ideia de que a prosódia não é um fenômeno puramente fonético ou estilístico, mas sim uma camada estrutural da gramática, responsável por mapear a fala em unidades rítmicas e melódicas organizadas hierarquicamente. Sua teoria permitiu o desenvolvimento de análises mais refinadas sobre como a prosódia intervém na segmentação da fala, na atribuição de proeminência e na construção da entoação. Além disso, sua concepção de constituintes prosódicos oferece uma base explicativa para a interface entre fonologia e sintaxe, mostrando que fenômenos tradicionalmente tratados como exceções ou variações livres podem ser compreendidos como efeitos estruturais do mapeamento prosódico.

Essa abordagem, conhecida como *End-Based Theory*, tem como mérito a simplicidade formal e o paralelismo entre sintaxe e fonologia, ancorando-se no ideal gerativista de modularidade e autonomia dos componentes gramaticais. No entanto, ao restringir o mapeamento prosódico às fronteiras sintáticas, o modelo de Selkirk (1984, 1986) limita a possibilidade de explicar fenômenos que envolvem relações semânticas, informacionais e discursivas mais amplas. Ampliando essa perspectiva, Nespor e Vogel (1986, 2007) desenvolveram e sistematizaram a Teoria da Fonologia Prosódica, propondo uma hierarquia prosódica universal e explicitando, de modo mais abrangente, os princípios de interface entre fonologia e demais componentes da gramática.

Diferentemente de Selkirk, que enfatiza a relação entre prosódia e sintaxe – defendendo um mapeamento local e restrito às fronteiras sintáticas –, Nespor e Vogel (1986, 2007) estruturam explicitamente os constituintes prosódicos em níveis discretos, cada um podendo operar como domínio para regras fonológicas específicas. Sua hierarquia inclui, do menor para o maior nível: sílaba (σ), pé métrico (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (Cl), frase fonológica (ϕ), frase entonacional (I) e enunciado fonológico (U).

Cada nível dessa hierarquia define domínios nos quais certas regras fonológicas podem se aplicar – como processos de redução vocálica, deslocamento de acento, inserção de pausas e marcação de fronteiras –, demonstrando que a prosódia constitui uma arquitetura própria, que interage com a sintaxe, mas não depende totalmente dela, podendo também interagir com outros componentes da gramática a depender do nível da hierarquia.

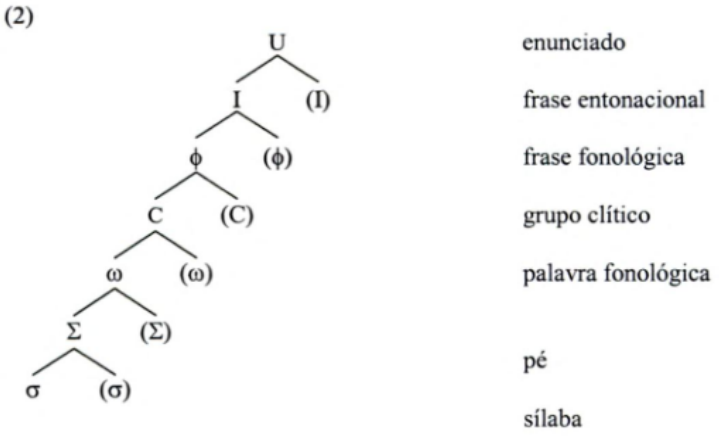
Acima da sílaba (σ) – que conta com um núcleo obrigatório – o pé métrico (Σ) organiza uma ou mais sílabas em uma relação de proeminência interna, como em “casa”

[ˈca.sa], em que a primeira sílaba é forte; a palavra fonológica (ω) reúne um ou mais pés, é formada a partir de uma estrutura morfológica que reúne radical e seus afixos, além de ser portadora de um acento primário; o grupo clítico (Cl) combina palavras de conteúdo com elementos clíticos, como em “para a casa” [pra 'kaza]; a frase fonológica (ϕ) engloba um ou mais grupos clíticos e serve como domínio para regras de acento; a frase entonacional (I) organiza contornos entoacionais, cujos limites podem ser associados a pausas, sem que haja coincidência necessária, e se encontra na estrutura sintática preferencial; e o enunciado fonológico (U) constitui a unidade prosódica mais ampla, formada por uma ou mais frases entoacionais e dotada de unidade semântica e pragmática.

As regras de mapeamento do modelo de Nespor e Vogel (2007) propõem o modelo Relation-Based, segundo o qual o mapeamento sintaxe-fonologia depende de relações estruturais mais amplas, que incluem não apenas fronteiras morfossintáticas, mas também noções semânticas e informacionais (como focalização ou proeminência). Para essas autoras, a construção dos constituintes prosódicos é guiada por algoritmos de formação específicos em cada nível da hierarquia prosódica (por exemplo, grupo clítico, sintagma fonológico, sintagma entoacional), que integram informações provenientes de diferentes componentes da gramática. Essa proposta, portanto, reconhece a interdependência entre sintaxe, fonologia e semântica, permitindo explicar fenômenos prosódicos de natureza mais ampla, como os ligados à entoação e à focalização (Tenani, 2022).

A Figura 3 representa a hierarquia de constituintes prosódicos numa estrutura arbórea, como comumente adotado nas teorias fonológicas de base gerativa.

Figura 3 – Diagrama arbóreo da hierarquia dos constituintes prosódicos



Fonte: Bisol, 2005, p. 244.

Como apresentado anteriormente, ainda que o termo “prosódia” tenha sido amplamente difundido como sinônimo de entoação ou de “melodia da fala”, seu tratamento teórico permaneceu, por muito tempo, vinculado à noção de que os aspectos rítmicos e melódicos seriam apenas suprassegmentais. Nesse contexto, é válido destacar a crítica de Ladd (1996) ao termo “suprassegmental”, que, segundo o autor, expressa uma concepção inadequada da prosódia como nível “acessório” ou “decorativo” que se sobrepõe aos segmentos fonológicos – para o autor, é mais apropriado conceber a prosódia como um componente fonológico formal, que opera com unidades próprias (tons, acentos, fronteiras) e se articula estruturalmente com outros níveis da gramática. Essa reformulação conceitual, explicitada por Ladd (1996), ajuda a compreender retrospectivamente a mudança teórica que vinha sendo construída desde Firth até os modelos da Fonologia Prosódica e Entoacional.

Para Ladd (1996), a prosódia deve ser entendida como um componente formal da gramática, dotado de estrutura interna, regularidades próprias e papel funcional. Ao invés de se sobrepor aos segmentos, a prosódia atua na organização da fala em unidades fonológicas e informacionais, operando com elementos como tons, acentos e fronteiras. Essa reformulação conceitual ajuda a compreender retrospectivamente a mudança teórica que vinha sendo construída desde Firth até os modelos da Fonologia Prosódica e Entoacional. Assim, o autor afirma a natureza da prosódia como complexa e hierárquica, composta por camadas que se articulam com a sintaxe, a semântica e, sobretudo, com a pragmática.

Anos depois, Ladd (2014) define prosódia como o conjunto de aspectos fonético-fonológicos responsáveis por caracterizar a melodia e o ritmo das línguas, destacando sua função na organização do discurso e na interpretação da fala em contextos comunicativos reais.

O autor também desempenhou um papel central na consolidação da chamada Fonologia Entoacional, particularmente no modelo autosegmental-métrico cujos princípios essenciais foram apresentados por Pierrehumbert (1980). Tal modelo, *grosso modo*, busca representar os contornos entoacionais por meio de unidades discretas (H, L) associadas a pontos específicos da estrutura prosódica, como elementos nucleares e fronteiras de constituintes prosódicos.

Ladd (2014) propõe que a entoação deve ser tratada como um sistema formalmente organizado, mas sensível às funções comunicativas da fala, como a marcação de foco, a delimitação de unidades informacionais e a gestão da interação discursiva. Nesse sentido, sua proposta complementa os modelos da Fonologia Prosódica, ao interagir com eles, quando

enfatiza que a prosódia não é apenas uma estrutura hierárquica, mas também um aparato necessário para a descrição fonológica da entoação.

O modelo autossegmental-métrico fornece uma separação entre curvas de f0 e entoação, ao fazer isso, pode levar em conta tanto os detalhes fonéticos quanto permitir generalizações fonológicas (cf. Arvaniti; Ladd, 2009; Arvaniti, 2019). A entoação representa modulações sistemáticas e específicas da língua a partir de f0 que abrangem enunciados inteiros e têm função(ões) gramatical(is), como codificar informações pragmáticas e marcar limites frasais – ou seja, trata-se do uso linguisticamente estruturado da f0 para comunicar sentidos pragmáticos no nível da sentença (Arvaniti, 2020).

Os aspectos prosódicos têm sido abordados por diferentes nuances, como distinções funcionais (paradigmática/sintagmática), por níveis (lexical/frasal) e por características (suprassegmental/segmental). No entanto, numa abordagem fonológica, recorre-se à noção de estrutura prosódica: uma organização fonológica hierárquica que determina onde e como traços prosódicos se distribuem. Uma metáfora útil é a musical: assim como uma partitura organiza melodias e ritmos, a estrutura prosódica organiza os contornos e os ritmos da fala (Cole, 2015). Essa estrutura não se limita à forma: é justamente por meio dela que a prosódia atua na comunicação. Os mesmos mecanismos que organizam a fala em unidades hierárquicas permitem que diferentes significados sejam expressos – desde distinções lexicais e gramaticais até intenções comunicativas e nuances discursivas. Nessa perspectiva, a prosódia é formalmente estruturada, mas pragmaticamente orientada (Arvaniti, 2020), pois sua realização depende do contexto e da interação verbal entre falantes.

O estudo da prosódia, portanto, não pode se restringir à descrição de sua forma, devendo considerar também as funções comunicativas que ela desempenha na interação. Segundo Mira Mateus (2004), as propriedades prosódicas das línguas podem ser utilizadas, por exemplo, para: (i) marcar os limites das unidades (o acento pode indicar o fim ou o início da palavra; a curva de entoação pode igualmente marcar os limites de unidades prosódicas); (ii) criar oposições distintivas (nas línguas tonais como, p.ex. o mandarim, o tom de uma sílaba, por contraste com os tons das que a rodeiam, pode opor significados entre duas palavras cujos segmentos são iguais tendo, assim, uma função distintiva; da mesma forma, a duração de uma sílaba pode ter valor distintivo como p. ex. em latim ou em inglês); (iii) distinguir significados globais de construções frásicas (a entoação é usada frequentemente para diferenciar uma interrogação de uma afirmação, por exemplo; neste caso pode dizer-se que a entoação tem valor distintivo).

Essas funções demonstram como a prosódia não se restringe a aspectos acústicos isolados, mas atua de forma estruturada e funcional na organização da fala, orientando tanto a interpretação lexical quanto a interpretação sintática e de estruturas comunicativas. Sendo assim, ao considerar a prosódia como um sistema hierárquico e organizado, a seguir, serão abordadas algumas das principais funções linguísticas desempenhadas pela prosódia, com atenção especial à sua interface com a pragmática.

2.2 Funções prosódicas e a interface com a pragmática

Como abordado anteriormente, a prosódia é vista sob diversas perspectivas. Em um primeiro momento, foi concebida como um componente formal, de natureza fonética; posteriormente, passou a ser entendida também como um fenômeno fonológico, ligado à estrutura linguística. Com o avanço dos estudos, a prosódia passou a ser investigada ainda em termos de seu papel no uso da língua para fins comunicativos. Mais do que um conjunto de propriedades formais, a prosódia – aqui considerada sob uma perspectiva fonológica – mantém interface constante com a pragmática e atua como um recurso na construção de sentidos em contextos reais de interação.

Esta seção, portanto, tem como objetivo apresentar e discutir a prosódia com interface com a pragmática. Para isso, adota-se a mesma organização seguida no capítulo anterior (histórico-teórica, seguindo a cronologia dos autores em seus respectivos pontos de vista) a fim de fornecer uma visão ampla da construção dos conceitos de pragmática e das funções prosódicas, destacando como diferentes autores e correntes teóricas contribuíram para essa concepção.

Inicialmente, será apresentada a concepção de pragmática para a linguagem – proposta por Austin (1990), que marca um ponto de inflexão com seu livro “Quando dizer é fazer”. Na sequência, será traçado um percurso teórico sobre as funções prosódicas, com base em autores que, em diferentes momentos, discutiram o papel da entoação na expressão e na organização do sentido. Posteriormente, serão retomadas abordagens mais recentes, especialmente as contribuições de Cole (2015), que consolida uma visão da prosódia orientada pelo uso e pelo contexto. Por último, serão apresentadas as funções prosódicas consideradas neste trabalho, especificamente na fala da criança.

2.2.1 A pragmática

A inserção da prosódia no campo da pragmática se sustenta, em grande parte, nas contribuições de Austin, cuja obra *How to do things with words* (1962) contribui para a filosofia da linguagem e inaugura, de forma sistemática, o estudo dos Atos de Fala. O autor rompe com as concepções da linguagem como algo que possa ser interpretado por noções como de “verdadeiro/falso", mas sim como uma proposição do falante em que, ao dizer algo, o falante faz algo, ou porque ao dizermos algo fazemos algo: ou seja, todo ato de fala envolve uma ação.

Em síntese, para Austin, dizer algo é sempre, em algum sentido, fazer algo. No entanto, esse “fazer” não é único, mas pode ser compreendido em três sentidos distintos: ato locucionário, ato ilocucionário e ato perlocucionário.

O ato locucionário corresponde à realização de um proferimento “em sentido normal e completo”, isto é, ao ato de emitir certos ruídos, certas palavras numa determinada construção gramatical, dotadas de sentido e referência – esse ato envolve os níveis fonético, fático e rético –, por exemplo: “Ele me disse, ‘Você não pode fazer isso’” (há somente o relato do que foi dito, sem considerar o que se fez ao dizê-lo; trata-se, portanto, do ato de dizer algo, e não ainda do ato realizado ao dizer algo).

Ao realizarmos um ato locucionário, realizamos um ato ilocucionário, isto é, um ato que consiste na maneira como a locução é usada em determinada ocasião. Determinar o ato ilocucionário é determinar com que força ilocucionária o proferimento foi emitido – por exemplo: “Ele me instigou (ou aconselhou, ordenou, etc.) a atirar nela.”.

> [...] há alguns anos começamos a perceber cada vez com mais clareza que a ocasião de um proferimento tem enorme importância, e que as palavras utilizadas têm de ser até certo ponto "explicadas" pelo "contexto" em que devem estar ou em que foram realmente faladas numa troca linguística. Contudo, talvez ainda nos inclinemos demasiado pelas explicações em termos do "significado das palavras". Admitimos que podemos usar "significado" também com referência à força ilocucionária - "Suas palavras tiveram o significado de uma ordem", etc. (Austin, 1990, p. 89).

Por último, o ato perlocucionário corresponde aos efeitos produzidos por dizer algo; o falante pode produzir certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos, pensamentos ou

ações do ouvinte – por exemplo: “Ele me persuadiu a atirar nela” (persuadiu, convenceu ou forçou o outro a atirar).

Esse deslocamento conceitual – de uma visão da linguagem como referencial e formal, para uma ação – abre espaço para o reconhecimento da prosódia como parte integrante da função comunicativa e na construção da intenção comunicativa. No entanto, apesar dessa abertura acontecer, deve-se ter a cautela de considerar a complexidade da dimensão pragmática. Dentro da fonoaudiologia, a dimensão pragmática é frequentemente confundida ou reduzida à funcionalidade. “Obviamente, a funcionalidade é um dos aspectos dessa dimensão. Mas há muito mais a se dizer da dimensão pragmática do que essa confusão/redução permite enxergar acerca de para o que se olhar na linguagem.” (Chacon, 2020).

A prosódia, nesse contexto, tem papel na codificação dos traços pragmáticos, não se limitando à análise sintática das unidades, mas estendendo-se também a marcações específicas nos níveis macro (lida com a produção do ato de fala) e micro (lida com a estrutura informacional), pois cada língua codifica convencionalmente vários tipos ilocucionários (Mello; Panunzi; Raso, 2012, p. 134). Por exemplo, um mesmo enunciado: “ficou lindo”, pode funcionar como afirmação, pergunta, sugestão ou ironia.

Essa variação de sentido depende das características prosódicas de contorno entoacional, da intensidade, do ritmo e de outros parâmetros prosódicos que o acompanham (Ladd, 2014; Arvaniti, 2020). Ainda que Austin não tenha se debruçado diretamente sobre a prosódia como meio de manifestação dos atos de fala, sua teoria oferece uma base conceitual que abriu caminhos para que outros pesquisadores interessados no tema desenvolvessem uma descrição de como os traços prosódicos atuam na marcação de sentidos de diferentes atos de fala.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que a prosódia, ao lado de outros elementos linguísticos e contextuais, desempenha um papel ativo na produção e na interpretação dos sentidos que emergem nas situações comunicativas. Para ser discutido mais adiante, essa relação entre prosódia e ilocução será retomada no tópico “2.5. Marcação de força ilocucionária”.

A seguir, serão abordadas as funções desempenhadas pela prosódia.

2.2.2 Distinções entre o olhar fonético-funcional e o fonológico-pragmático das funções prosódicas

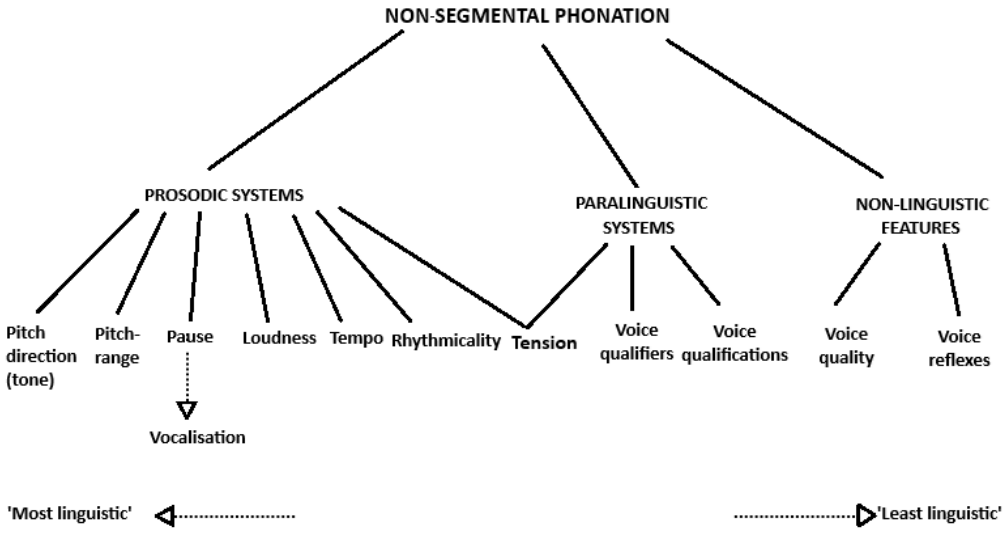
Na seção anterior, foram apresentadas teorias que se fundamentam principalmente em descrever a prosódia sob uma perspectiva formal, considerando o sinal acústico como organizador de sentidos comunicativos (Lehiste, 1970; Crystal, 1969). Em seguida, foi apresentada a teoria da Fonologia Prosódica, a qual organiza a prosódia em divisões de constituintes prosódicos que se organizam hierarquicamente entre si (Selkirk, 1984; Nespor; Vogel, 1986, 2007). Nesse contexto, este tópico propõe discutir como os aspectos formais e fonológicos se somam e são interpretados de maneiras funcionais.

Entre as primeiras tentativas de sistematizar o papel funcional da prosódia, destaca-se Crystal, cuja obra *The prosodic features of English* (1969) propõe uma abordagem descritiva dos padrões entoacionais e de outros parâmetros suprassegmentais, com ênfase no papel que desempenham na comunicação. Crystal foi um dos primeiros autores de sua vertente a sugerir que a prosódia não atua apenas como elemento decorativo ou redundante, mas sim como integrante do sistema linguístico, responsável por transmitir significados específicos.

Em sua proposta, o autor parte da observação de que certos parâmetros fonéticos (frequência fundamental, duração, intensidade e pausa) podem ser organizados sistematicamente para desempenhar funções comunicativas. Com isso, propõe uma distinção conceitual entre aspectos prosódicos "suprassegmentais", que estão inseridos no sistema linguístico propriamente dito, e aspectos paralinguísticos, que dizem respeito à expressão emocional, à atitude e ao envolvimento do falante – e por isso não seguem regras formais da gramática, podendo ser: risos, suspiros, timbre emotivo, etc.

A seguir, a figura apresentada sintetiza o conjunto de categorias de contraste fonológico consideradas na proposta descritiva do autor. Nela, são delimitadas as categorias não segmentais, isto é, aquelas relacionadas a sistemas prosódicos e paralinguísticos, que se distinguem dos traços puramente segmentais da língua. Cada uma dessas categorias é definida com base em variáveis acústicas, articulatórias e auditivas, que permitem caracterizar os traços responsáveis pela diferenciação fonológica (Crystal, 1969).

Figura 4- Categorias de fonação não segmentais no Inglês



Fonte: Crystal, 1969, p.130

No Brasil, Cagliari (1992), ancorando-se predominantemente no trabalho de Halliday, propõe a descrição de funções linguísticas de "elementos suprassegmentais prosódicos". O autor divide tais elementos em três grupos: (i) elementos da melodia da fala, sendo eles tom, entoação e tessitura; (ii) elementos da dinâmica da fala, quais sejam: duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo e ársis/tesis; e (iii) elementos da qualidade da voz, referentes a volume, registro e qualidade de voz.

Segundo Cagliari (1992), tais elementos exercem diversas funções linguísticas que contribuem para a organização e interpretação da fala. Entre essas funções, destacam-se: (i) a delimitação de frases e sentenças, realizada por meio de pausas, variações entoacionais e padrões rítmicos; (ii) a desambiguação de significados, em que a entoação atua como recurso para interpretar frases potencialmente ambíguas; (iii) a marcação de foco, em que o acento prosódico destaca informações novas ou relevantes no discurso; (iv) a organização do discurso, em que os recursos prosódicos contribuem para a gestão dos turnos conversacionais e para a fluidez da interação verbal; (v) a indicação de modalidade, por meio da qual a entoação sinaliza se uma sentença é declarativa, interrogativa ou exclamativa, refletindo a intenção pragmática do falante; e (vi) a expressão de estados emocionais, atitudes e intenções, possibilitada pela modulação entoacional ao longo do enunciado.

Ainda que as propostas de Crystal (1996) e de Cagliari (1992) tenham sido desenvolvidas em contextos diferentes, é possível observar convergências entre ambas. Os dois autores partem de uma concepção formal e foneticamente orientada da prosódia,

compreendendo-a como um fenômeno suprassegmental baseado nos parâmetros físicos da fala – frequência fundamental, duração, intensidade e pausas. Suas propostas, embora distintas na sistematização e na aplicação empírica, compartilham a ideia de que tais elementos operam na sinalização de funções linguísticas fundamentais, como delimitação de enunciados, foco, modalidade e expressividade.

Ainda nessa perspectiva fonético-funcional, Fónagy (2003) propõe uma classificação das funções da entoação que busca contemplar sua complexidade no plano comunicativo. Diferentemente de modelos que reduzem a prosódia a uma função informacional ou afetiva, o autor argumenta que a entoação atua simultaneamente em múltiplos domínios da comunicação, sendo, portanto, inerentemente multifuncional.

De modo interpretativo, pode-se observar que tal classificação de funções é organizada em três grandes eixos: (i) linguístico-estrutural (incluem-se funções como: demarcadora, culminativa ou enfática, gramatical, sintática e modal); (ii) discursivo-cognitivo (incluem-se funções como: lógica, preditiva e exploratória ou preparatória); (iii) afetivo-expressivo (incluem-se funções como: expressiva, estética, imitativa, chamamento e identificadora). Para o autor, essas funções não atuam isoladamente, mas de forma simultânea e sobreposta, o que explicita o caráter multifuncional e integrado da entoação.

Apesar do detalhamento de sua proposta de sistematização das funções da entoação, seu inventário de quinze categorias apresenta limitações de ordem teórica e metodológica que dificultam sua aplicação prática. Observa-se que a elevada quantidade de funções pode gerar uma sobreposição conceitual: por exemplo, a função demarcadora, gramatical e sintática pode ser confundida com a segmentação e organização do enunciado analisado; outro exemplo são as funções expressiva e modal, possivelmente interpretadas com as atitudes. Essa redundância dificulta a possibilidade de replicação de análises, além de critérios operacionais claros para a identificação e distinção dessas funções no material acústico analisado.

Encerrando a apresentação da construção histórico-teórica do ponto de vista fonético funcional, destaca-se Barbosa (2012), cuja abordagem integra a prosódia a múltiplos níveis comunicativos. O autor retoma a distinção entre fatores linguísticos – como acento, fronteira de constituinte, ênfase, entoação e ritmo – e fatores paralinguísticos – como marcadores discursivos (tais como: “né”, “entendo”, “an-han”), atitudes proposicionais (tais como: confiante, duvidoso) e sociais (tais como: hostil, solidário) –, acrescentando ainda fatores extralinguísticos – ligados à expressão de emoções. Para o autor, a análise prosódica é sempre aplicada a um *corpus* – constituído a partir de gravações de fala espontânea, semi-espontânea

ou de laboratório –, cuja composição e grau de controle do pesquisador sobre a elicitação impactam diretamente a interpretação dos resultados.

No que se refere às funções prosódicas, Barbosa (2012) organiza sua proposta em dois grandes planos: linguístico/paralinguístico e expressivo. No primeiro, identifica três funções principais: (i) funções discursivas, que podem ser dialógicas, como a sinalização de turnos e os *backchannels* (“uhum”, “entendo”),, ou não dialógicas, como a marcação de modalidade (por exemplo, o contraste prosódico entre um enunciado assertivo e um interrogativo); (ii) funções demarcativas, que assinalam limites de constituintes prosódicos (como sílabas, palavras fonológicas e grupos acentuais) por meio de pausas, variações entoacionais ou ajustes rítmicos, de forma relativamente autônoma em relação à sintaxe; e (iii) funções de proeminência, que destacam um constituinte em relação aos demais, como no caso do foco prosódico contrastivo (em que os parâmetros de duração, intensidade e contorno melódico são aumentados a fim de produzir ênfase em determinada informação).

No segundo plano, o expressivo, o autor distingue mais três funções: (iv) funções atitudinais, que se associam à postura interpessoal e ao estilo de elocução; (v) funções afetivas, que se relacionam à expressão de emoções (tristeza, alegria, raiva) e afetos (como o humor); e (vi) funções indiciais, que revelam características sociais e identitárias do falante, como gênero, faixa etária, origem regional ou pertencimento a um grupo social.

A proposta de Barbosa (2012) é relevante por combinar uma base fonética com uma categorização funcional, estabelecendo pontes entre a prosódia, a organização estrutural do discurso e a codificação de significados interpessoais e sociais. Embora ainda parta de um olhar mais formal sobre os correlatos acústicos da fala, sua abordagem se aproxima de concepções que integram aspectos pragmáticos e interacionais, o que a posiciona como um elo de transição entre as perspectivas fonético-funcionais e abordagens de caráter fonológico-pragmático.

Assim, conclui-se esta primeira etapa com a abordagem de Barbosa (2012), cuja perspectiva fonético-funcional encerra o percurso iniciado com autores de orientação mais formal-fonética. A partir desse ponto, a discussão sobre funções prosódicas passa a se sustentar em três pilares centrais: (i) o reconhecimento de que os parâmetros fonéticos são essenciais para a demarcação das funções prosódicas; (ii) a necessidade de integrar esses parâmetros a uma análise fonológica que contemple níveis hierárquicos de organização – tanto no plano teórico quanto metodológico; e (iii) a incorporação do nível pragmático, entendido, à luz de Austin (1962), como dimensão essencial para a compreensão da intenção comunicativa.

É nesse sentido que, na sequência, serão apresentados os trabalhos de duas autoras cujas contribuições consolidam essa integração: Couper-Kuhlen (1986) e Cole (2015), dispostas aqui em ordem cronológica de publicação.

A análise de Couper-Kuhlen (*An Introduction to English Prosody*, 1986) situa-se em um ponto de transição entre as propostas fonético-funcionais e as formulações fonológico-pragmáticas contemporâneas, ao mesmo tempo em que realiza uma revisão crítica das formulações clássicas de Crystal (1969). Seu recorte está centrado exclusivamente na entoação, entendida como componente do sistema prosódico responsável por contrastes significativos na fala. O ponto de partida da autora é a definição de função com base na noção de contraste significativo: duas configurações entoacionais minimamente distintas serão consideradas funcionais se falantes nativos as associarem a significados diferentes – de natureza descritiva, expressiva ou social – ou se forem adequadas a contextos comunicativos distintos. Essa concepção enfatiza que a função está intrinsecamente ligada ao papel da prosódia na organização e na interpretação da fala, em consonância com uma perspectiva estruturalista de Martinet (1962), segundo a qual a estrutura só pode ser compreendida em relação ao seu funcionamento na comunicação.

Ao propor um inventário funcional – informacional, gramatical/sintática, ilocucionária, atitudinal, textual/discursiva e indexical – Couper-Kuhlen (1986) retoma categorias discutidas por Crystal (1969), mas recusa sua aplicação formal. Sua crítica se organiza em três eixos: (i) *co-ocorrência*, questionando a exigência de uma correlação estatisticamente frequente entre forma e função para legitimar um papel funcional, pois tal correlação, embora fortalecedora, não é condição necessária para que haja contraste significativo; (ii) *range*, problematizando o uso amplo e pouco delimitado de rótulos como "função gramatical" ou "função atitudinal", já que, na prática, apenas parte dos recursos entoacionais contribui para esses domínios; e (iii) *uniqueness*, mostrando que raramente a entoação atua sozinha na codificação de significados, havendo sempre interação e redundância com léxico, morfossintaxe e outros recursos discursivos.

Essa abordagem de Couper-Kuhlen (1986), embora ancorada em categorias herdadas da tradição fonético-funcional, abre espaço para um entendimento mais flexível da função prosódica, já não restrito à correspondência rígida entre forma e função. Esse movimento se aprofunda em trabalhos posteriores da autora, como Couper-Kuhlen (1998) e Couper-Kuhlen e Selting (1996), nos quais a prosódia é analisada no contexto da interação conversacional. Nessas pesquisas, a função não é definida por listas pré-estabelecidas, mas pela sua

emergência nas interações comunicativas e na organização sequencial do discurso, deslocando o foco da entoação isolada para o conjunto de recursos prosódicos mobilizados na construção colaborativa do sentido.

Por sua vez, Cole (2015), a partir de uma revisão de estudos prosódicos em diversas línguas e metodologias, propõe que a prosódia desempenha três grandes funções, todas entendidas como relativas a informações contextuais, mas situadas em planos linguísticos distintos: (i) sinalização da estrutura linguística, (ii) sinalização do significado do discurso e (iii) sinalização de informação situacional.

A primeira função de sinalização da estrutura linguística diz respeito ao papel da prosódia na demarcação do contexto estrutural constitutivo do enunciado, abrangendo os níveis lexical, sintático e discursivo. No nível lexical, isso se manifesta principalmente pelo acento de palavra, cuja posição é condicionada por propriedades métricas e realizada por meio de correlatos acústicos como duração, intensidade e fortalecimento articulatório. No nível sintático, a prosódia marca a estrutura frasal por meio de eventos associados a fronteiras prosódicas – pausas, alongamentos e padrões de F0 – que frequentemente coincidem com fronteiras sintáticas. No nível discursivo, há também marcação de unidades de discurso, como tópicos conversacionais, que podem ser sinalizadas por padrões tonais característicos de início e encerramento.

Em segunda categoria, a função de sinalização do significado do discurso abrange três subfunções principais: (a) marcação de foco e estrutura informacional, atribuindo proeminência a elementos que introduzem informação nova, estabelecem contraste ou corrigem afirmações anteriores; (b) codificação da força ilocucionária, isto é, a contribuição prosódica para a distinção de atos de fala (por exemplo, diferenciar uma pergunta de uma declaração) por meio de combinações específicas de acentos tonais e padrões de fronteira; e (c) expressão de atitudes e estados emocionais, por meio de variações de contorno entoacional e ajustes globais de intensidade e duração.

Por fim, a função de sinalização de informação situacional envolve pistas prosódicas que marcam aspectos do contexto imediato de produção da fala, como identidade do falante (por exemplo, idade ou gênero) e estilo situacional (diferenças entre fala espontânea, lida ou encenada). Tais características tendem a afetar propriedades prosódicas globais, como valores médios de F0, distribuição de fronteiras e padrão de declinação tonal.

Para Cole (2015), a relevância dessas funções está no fato de que a prosódia e o contexto comunicativo se afetam mutuamente: tanto a localização e o grau de proeminência

prosódica quanto as propriedades das fronteiras dependem das condições interacionais e do tipo de significado a ser construído. A autora propõe que a estrutura prosódica desempenha um papel mediador entre forma e função, organizando as diferentes camadas de informação que se manifestam na fala. Por essa razão, as funções prosódicas são compreendidas como fonológicas, na medida em que se ancoram em uma hierarquia formal, que estrutura aspectos fonéticos, mas também operam na constituição de dimensões comunicativas, na medida em que participam da organização do uso da linguagem em contexto.

Quanto às características funcionais, aproxima-se da visão de Cole (2015) ao considerar que cada elemento prosódico pode sinalizar estruturas linguísticas (marcação de fronteiras, proeminências, dentro de uma hierarquia prosódica), além de marcar significados pragmáticos (tais como: foco, força ilocucionária e atitudes), e codificar informações situacionais e indexicais (como: a identidade do falante, estilo de fala, etc).

Desse modo, a partir da trajetória delineada pelas propostas de Barbosa (2012), Couper-Kuhlen (1986) e Cole (2015) é possível observar um movimento de expansão conceitual e metodológica no estudo das funções prosódicas. Partindo de Barbosa (2012), contempla-se uma integração entre parâmetros fonético-acústicos e categorias funcionais, centrada em uma visão formal, mas atenta às interfaces com o uso comunicativo. Já Couper-Kuhlen (1986) avança nessa direção ao propor uma abordagem explicitamente funcional, embora restrita à entoação, fundamentando a noção de função na existência de contrastes significativos e problematizando limites conceituais das categorias tradicionais. Por fim, a proposta de Cole (2015) se amplia para o conjunto da prosódia, organizada em três macrofunções – estrutural, pragmática e situacional – que explicitam a interdependência entre hierarquia prosódica, significado e contexto de produção. Assim, a diferença entre essas propostas se encontra entre a transição das abordagens fonético-funcionais para modelos fonológico-pragmáticos, nos quais a prosódia é entendida não apenas como um conjunto de marcas formais, mas como um recurso central para a construção de sentido na interação.

Com o objetivo de sistematizar o percurso teórico apresentado e explicitar as distinções entre as diferentes abordagens discutidas, o Quadro 1 sintetiza as principais propostas sobre as funções prosódicas consideradas neste capítulo. Nele, organizam-se os autores segundo o enquadramento teórico adotado — formal-fonético, fonético-funcional ou fonológico-pragmático — e a síntese dos aspectos centrais de cada proposta, permitindo visualizar continuidades, deslocamentos conceituais e pontos de transição entre os modelos:

Quadro 1 – Síntese dos trabalhos da literatura que organizam as funções desempenhadas pela prosódia

Autor / Ano	Abordagem	Síntese da proposta
Crystal (1969)	Fonético-funcional	Prosódia como conjunto de traços suprassegmentais organizados para desempenhar funções comunicativas; distinção entre funções linguísticas e paralinguísticas
Cagliari (1992)	Fonético-funcional	Classificação de elementos suprassegmentais e descrição de funções linguísticas da prosódia na organização da fala
Fonágy (2003)	Fonético-funcional	Inventário amplo de funções entoacionais distribuídas em eixos linguístico, cognitivo e afetivo
Barbosa (2012)	Fonético-funcional	Articulação entre correlatos acústicos e funções discursivas, demarcativas e expressivas
Couper-Kuhlen (1986)	Fonológico-funcional	Função definida por contraste significativo; crítica à correspondência rígida forma–função
Cole (2015)	Fonológico-pragmática	Prosódia organizada em macrofunções estruturais, pragmáticas e situacionais, mediadas pela hierarquia prosódica

Fonte: elaborado pela autora

A partir do percurso teórico apresentado, este trabalho não assume a totalidade dos inventários funcionais propostos na literatura, mas opera um recorte analítico, orientado por critérios teóricos, metodológicos e clínicos. Considerando o objetivo de descrever a aquisição de funções prosódicas, privilegiam-se aquelas que podem ser descritas no interior de uma hierarquia fonológica, que admitem delimitação operacional e descrição sistemática em termos fonético-prosódicos, e que se articulam diretamente a dimensões pragmáticas centrais da comunicação, como a estrutura informacional, a força ilocucionária e a organização interacional da fala, relevantes para a caracterização da acurácia prosódica infantil em contexto clínico. Funções de natureza predominantemente afetiva, embora reconhecidas como constitutivas do uso da linguagem, não são tomadas como foco deste estudo, por demandarem contextos interacionais mais amplos e metodologias específicas que vão além do escopo desta investigação. Assim, a escolha das categorias analisadas não implica considerar algumas

funções mais importantes do que outras, mas resulta de uma delimitação metodológica coerente com o enquadramento fonológico-pragmático adotado, bem como com os objetivos de descrição de dados de fala infantil obtidos em tarefas de elicitação controlada, com implicações para a avaliação clínica fonoaudiológica.

Diante desse panorama, na sequência são apresentadas as funções prosódicas consideradas neste trabalho, buscando articular a discussão teórica com os procedimentos metodológicos adotados. Inicia-se pela descrição da marcação de acento de palavra e, na sequência, apresentam-se a marcação de foco, de força ilocucionária e de troca de turno conversacional. Em cada subseção, explicitam-se tanto a caracterização teórica de cada função quanto a forma como elas foram investigadas nesta pesquisa.

1.1.1. Marcação de acento de palavra

Ao considerar o acento como função prosódica, é necessário compreender sua localização na hierarquia prosódica e o papel que exerce tanto na estrutura lexical quanto no ritmo da fala.

Considerando o modelo de Fonologia Prosódica (Nespor; Vogel, 1986; 2007) o acento lexical se define por meio de propriedades relacionais, ou seja, define-se pelas relações estabelecidas entre as unidades prosódicas na estrutura linguística da qual faz parte. De acordo com Bisol (2004), a caracterização do acento lexical envolve os seguintes constituintes da hierarquia prosódica: sílaba, pé métrico.

Em termos teóricos, do ponto de vista prosódico, a palavra fonológica é definida pelo acento, cuja posição será definida a depender do tipo de pé métrico, o qual será, portanto, relevante para estabelecer qual sílaba portará o acento:

> o elemento fundamental da palavra fonológica é o pé métrico que determina o acento, o seu identificador. Mas como pé métrico se define pelo nível imediatamente inferior, que é a sílaba, ambos, sílaba e pé métrico, são os elementos constitutivos da palavra fonológica. (BISOL, 2004, p. 61)

Conceitualmente, o acento de palavra é responsável por dar saliência prosódica a uma sílaba no interior de uma sequência fônica que se delimita nos limites de uma palavra. A posição da sílaba saliente define-se pela estrutura métrica da língua em questão.

Em relação ao PB, neste trabalho, assume-se a proposta descritiva de Massini-Cagliari (1999), de acordo com a qual o pé troqueu é o pé métrico preferencial do PB, caracterizando

80% das palavras dessa língua. Para além do pé troqueu, o pé dáctilo e o pé iambo são consideradas estruturas relevantes para a atribuição do acento no PB, porém são menos frequentes.

O pé troqueu tem proeminência à esquerda, caracterizando-se o padrão *forte - fraco* como é o caso das palavras MEsa, FOlha, TEXto. Em outros termos, o pé troqueu corresponde ritmicamente às palavras caracterizadas como paroxítonas. O pé iambo, inversamente, tem proeminência à direita e caracteriza o padrão rítmico *fraco - forte*, como em café e beBÊ. O pé iambo corresponde, assim, às palavras caracterizadas como oxítonas. O pé dáctilo, por sua vez, caracteriza-se como um pé ternário, em que, na relação entre três sílabas, a última mais à esquerda recebe o acento da palavra, tais como em palavras como FÓSforo, aBÓbora e Xícara. Em termos rítmicos, portanto, o pé dáctilo corresponde às palavras classificadas como proparoxítonas (Massini-Cagliari, 1991).

Demais estudos refinaram a compreensão dessa função prosódica, mostrando que a sinalização do acento envolve múltiplos correlatos acústicos, como duração, intensidade e frequência fundamental (Major, 1981; Cagliari; Abaurre, 1986). No PB, a duração tende a ser o correlato mais robusto para o acento principal, enquanto a intensidade e a variação de F0 ganham relevância na percepção de acentos secundários (Barbosa; Madureira, 2015; Santos, 2018). Esses parâmetros não apenas diferenciam itens lexicais (por exemplo, sábia vs. sabiá), mas também contribuem para o ritmo e a segmentação da fala, auxiliando no reconhecimento de palavras e na organização métrico-prosódica do discurso (Frota *et al.*, 2015; Santos; Guimarães-Filho, 2020).

Destaca-se, ainda que, o acento lexical tem valor distintivo no Português (Mattoso Câmara, 1969), como se observa em palavras como *baba* e *babá*, que se diferenciam como itens lexicais pela posição onde recai o acento, demonstrando a relevância desse fenômeno prosódico para o léxico da língua, além de seu efeito rítmico.

A compreensão dessa articulação entre acento lexical e ritmo é essencial para descrever o funcionamento prosódico do PB, especialmente quando se busca investigar a aquisição dessa função. Como mostram Santos (2007, 2018) e Frota *et al*. (2016, 2024), a estabilização do padrão troqueu e o domínio da acentuação secundária emergem de forma gradual, sendo sensíveis a fatores como número de sílabas, estrutura métrica e contexto morfossintático.

A seguir, tratarei da função de marcação de foco prosódico.

1.1.2. Marcação de foco prosódico

O foco prosódico constitui um dos principais recursos de organização da informação no enunciado, funcionando como mecanismo de realce de elementos que o falante deseja destacar. A proeminência atribuída a um constituinte se realiza por meio de variações acústicas, sobretudo na frequência fundamental, na duração e na intensidade (Hayes, 1995). No português brasileiro (PB), diferentes tipos de foco são descritos na literatura em função da sua contribuição para a estrutura informacional, ainda que todos compartilhem a introdução de informação nova (Carnaval *et al*., 2022).

A marcação de foco deve ser compreendida em dois planos interdependentes. No plano fonológico, descrevem-se padrões prosódicos globais, como a presença ou ausência de acentos tonais, os tipos de contornos associados (ascendentes, descendentes ou compostos) e a inserção de limites prosódicos (Chen *et al*., 2018; Ladd, 1996; Arvaniti; Fletcher, 2020). No plano fonético, por sua vez, observa-se a implementação detalhada dos correlatos acústicos do foco, incluindo variação da frequência fundamental, alongamento da duração e aumento de intensidade (Leite, 2009; Moraes, 2009; Barbosa, 2012; Barbosa; Madureira, 2015). Embora todos esses parâmetros possam contribuir, a literatura aponta que a frequência fundamental é a pista mais robusta, enquanto duração e intensidade desempenham papéis secundários. A duração, contudo, pode ter efeito distintivo importante, sobretudo no reconhecimento do foco contrastivo (Carnaval *et al*, 2022).

Nesse sentido, o foco prosódico cumpre não apenas a função de introduzir ou contrastar informação, mas também a de organizar o *status* informacional do discurso. Ao distinguir informação nuclear (nova, contrastiva) de informação não nuclear (dada, pressuposta), o foco estabelece hierarquias no enunciado e guia a interpretação pragmática (Terken; Hermes, 2000; Halliday, 1967; Lambrecht, 1994). Esse caráter multifuncional explica o interesse de diversos estudos pelo foco e o seu funcionamento em diferentes línguas, bem como sua centralidade em investigações sobre aquisição prosódica – como é o caso também deste trabalho.

Considerando esse panorama, este trabalho não assume todos os tipos de foco descritos na literatura, mas opera um recorte analítico orientado por critérios teóricos e metodológicos. Foram selecionados três tipos de foco prosódico por serem recorrentes nas descrições do PB, por apresentarem contrastes prosódicos sistemáticos e relativamente bem

delimitados na literatura e por serem passíveis de investigação em tarefas de produção controlada, especialmente em dados de fala infantil.

Com vistas a exemplificar o funcionamento dos três tipos de foco prosódico selecionados para este trabalho, apresenta-se, a seguir, o detalhamento de cada um deles, acompanhado de contextos hipotéticos de diálogo:

O primeiro tipo de foco a ser descrito é o informativo, que corresponde ao caso mais básico de focalização, no qual um constituinte ou todo o enunciado introduz informação nova no discurso. Ele responde diretamente a uma pergunta explícita ou implícita do interlocutor (Lambrecht, 1994; Roberts, 2012). Pode assumir escopo largo, quando recai sobre toda a predicação, ou escopo estreito, quando restringe a um constituinte específico (Ladd, 1980; Frota *et al*., 2015), como exemplificado em (a) e (b). No PB, estudos apontam que o foco informativo em escopo estreito tende a ser realizado com o acento nuclear em posição final da frase, sem acentos tonais específicos além da marcação prosódica de proeminência. Já no escopo largo, a marcação prosódica recai sobre toda a estrutura nuclear do enunciado (Frota; Vigário, 2000; Moraes, 2009).

(a) Foco informativo
Escopo estreito:
– A Maria comprou o que?
– A Maria comprou **um livro**.

(b) Foco informativo
Escopo largo:
– O que aconteceu?
– **A Maria comprou o livro.**

Se o foco informativo introduz dados novos no discurso, o foco contrastivo, por sua vez, tem função corretiva, negando pressuposições anteriores e substituindo-as por uma nova informação. Ele está frequentemente associado ao foco contrastivo, já que sua função pragmática é contrastar explicitamente com uma hipótese prévia do interlocutor, conforme apresentado em (c) (Gussenhoven, 2006; Krifka, 2008). No PB, o foco contrastivo tende a ser marcado por contornos entoacionais L*+H (formato prototípico) ou H+L*, com elevação ou queda significativa da frequência fundamental, além de alongamento do constituinte focalizado (Moraes, 2009; Frota *et al*., 2015; Yano; Fernandes-Svartman, 2020). Esses recursos asseguram maior saliência perceptual, distinguindo-o do foco informativo.

(c) Foco contrastivo:
– O João comprou o livro?
– Não, a **Maria** comprou o livro.

Além desses dois tipos centrais, a literatura apresenta também o foco de estranheza, associado a contextos em que a informação é percebida como inesperada ou surpreendente. No PB, como observa Carnaval (2022), esse tipo de foco se realiza tipicamente com contornos ascendentes ou ascendentes-descendentes, associados a uma elevação expressiva de F0 e a alongamentos vocálicos, sinalizando a postura avaliativa do falante diante do caráter inusitado da informação. Assim, o foco de estranheza combina a função informacional de introduzir um novo referente com a função pragmática de indicar a atitude subjetiva do falante em relação ao conteúdo.

(d) Foco de estranheza:
Escopo estreito:
– O João comprou cinquenta livros de uma vez!
– **Cinquenta livros?!**

(e) Foco de estranheza
Escopo largo:
– O João ganhou um cavalo de presente?
– **Ele ganhou um cavalo de presente?!**

Em síntese, os três tipos de foco prosódico – informativo, contrastivo e de estranheza – distinguem-se tanto pelo papel pragmático que desempenham no contexto comunicativo em que se encontram quanto pelos correlatos acústicos que os caracterizam. A variação dos contornos melódicos e dos parâmetros de duração, intensidade e f0 confere à prosódia um importante recurso de interpretação e diferenciação entre eles.

A seguir, será tratada a marcação de força ilocucionária.

1.1.3. Marcação de força ilocucionária

Neste subtópico, será abordada a função de marcação de força ilocucionária. Para isso, retoma-se a noção de "ato ilocucionário" de Austin (1990): é o ato realizado ao dizer algo, isto é, o ato que consiste na maneira como uma locução é usada em determinada ocasião, podendo

assumir diferentes forças ilocucionárias, como advertir, ordenar, prometer, aconselhar ou afirmar. Nesse quadro teórico, o ato de fala não é apenas uma descrição do mundo, mas uma ação realizada pelo falante em interação.

Com base nessa perspectiva, Searle (1969, 1995) desenvolve uma sistematização teórica em que todo ato de fala é constituído por conteúdo proposicional e força ilocucionária, representados pela fórmula F(p), sendo "F" a força que confere ao enunciado sua função interacional (a ação que realiza) e "(p)" o conteúdo proposicional do enunciado, ou seja, aquilo que está sendo dito sobre o mundo (o conteúdo da frase).

A partir dessa formulação, Searle (1995) elabora uma classificação que delimita cinco categorias fundamentais de atos de fala: assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarativos. Cada uma dessas categorias se diferencia segundo três dimensões principais: (i) o propósito ilocucionário do ato; (ii) a direção de ajuste entre palavras e mundo; e (iii) as condições de sinceridade (o estado psicológico expresso pelo falante em relação ao que é dito).

Dentre os atos de fala presentes na literatura, este trabalho trata de atos de fala assertivos e diretivos, é o ato realizado ao dizer algo, isto é, o ato que consiste na maneira como uma locução é usada em determinada ocasião, podendo assumir diferentes forças ilocucionárias, como advertir, ordenar, prometer, aconselhar ou afirmar, uma vez que esses tipos apresentam oposição funcional clara, recorrente na fala cotidiana e passível de elicitação controlada em tarefas experimentais, além de estarem diretamente associados a funções prosódicas no PB, particularmente no que se refere à distinção entre marcação de ordem e pedido. Atos compromissivos, expressivos e declarativos, embora relevantes do ponto de vista pragmático, tendem a depender de contextos interacionais mais complexos e de convenções institucionais específicas, o que dificulta sua operacionalização no escopo metodológico deste estudo. A seguir, será descrito como a prosódia marca a força ilocucionária nos atos de fala assertivos e diretivos:

Dentre os assertivos, encontra-se a declaração ou o ato de fala declarativo. No quadro descritivo da Fonologia Entoacional (Ladd, 1996; Frota *et al*., 2015), para o PB, os atos de fala declarativos se caracterizam por movimento descendente no contorno entoacional seguido por tom de fronteira baixo, que confere caráter conclusivo ao enunciado. Em termos de notação, a queda final de F0 no contorno é representada pelo acento nuclear H+L*, que é acompanhado pelo tom de fronteira L%.

Por sua vez, dentre os diretivos, na categoria oferecida por Searle (1995), estão perguntas, ordem e pedido. Em termos entoacionais, a descrição de Frota *et al.* (2015) mostra que, no PB, perguntas se caracterizam entoacionalmente de modos distintos a depender da configuração sintática. Elas se subdividem em questões totais (*yes-no questions*) e questões parciais (*wh-questions*). As primeiras se diferenciam de declarações exclusivamente por aspectos entoacionais, já que a estrutura sintática não apresenta marca específica, como alteração de ordem, que identifique a força ilocucionária do ato de perguntar. As segundas, diferentemente, se caracterizam por conter um pronome interrogativo, como *o que, qual, quando, onde* etc., que não apenas identifica o enunciado como uma questão, mas especifica o foco da questão em termos informacionais, ou seja, sobre o que se trata a questão (Frota et al, 2015).

Em termos de configuração entoacional, as interrogativas sim/não se caracterizam por uma ascendência na sílaba tônica da última palavra mais à direita do enunciado, descrita pelo acento nuclear L*+H, o qual é seguido por um tom de fronteira L% no caso da variedade falada em São Paulo (Frota *et al*., 2015). No caso das sentenças interrogativas com presença de pronome interrogativo (*Wh-questions*), a configuração entoacional é distinta, uma vez que a própria presença do pronome marca morfológica e sintaticamente o tipo de sentença como interrogativa. Assim, em termos entoacionais, essas sentenças são produzidas com o acento nuclear H+L*, de modo tal que a caracterização tonal é similar às de sentenças declarativas (Frota *et al*., 2015).

Quanto aos demais tipos de atos de fala diretivos, Moraes (2011) apresenta uma caracterização sobre nuances que os diferenciam. Para o autor, apesar de diferenças entre subtipos desses atos, como característica comum, o propósito dos atos diretivos é levar o ouvinte a realizar uma ação futura, em ajuste do tipo mundo-palavra, com condição de sinceridade de que o falante deseja a execução da ação (Moraes, 2011). Essas informações foram organizadas em uma tabela, apresentada por Moraes (2011), a partir da descrição entoacional de seis atos diretivos, a qual se encontra disposta a seguir:

Figura 5 - Caracterização pragmática de seis atos diretivos

Ato / Regra	Ordenar	Desafiar	Pedir	Suplicar	Sugerir	Conselho
Conteúdo Proposicional	ação futura	ação futura	ação futura	ação futura	ação futura	ação futura
preparatória	L pensa que O pode fazer [autoridade]	L acha que a ação lhe é prejudicial	L pensa que O pode fazer	L pensa que O pode fazer	L acha que será bom para O	L acha que E será ruim para O
sinceridade	L deseja a ação	L não deseja a ação	L deseja a ação	L deseja muito a ação	L quer ajudar O	L quer ajudar O

Fonte: Moraes, 2011

O autor observa que a interrogação, apesar de também ser tradicionalmente considerada um ato diretivo, não foi incluída na tabela, uma vez que se distancia semanticamente dos demais, no sentido de se pedir ao ouvinte uma ação verbal, além de apresentar grande variedade de padrões distintos e ter sido com frequência descrita na literatura (Moraes, 2006, 2011).

Retomando a noção de formulação de Searle (1995), dentro da classe dos diretivos, encontram-se diferentes realizações, tais como ordem, pedido, sugestão, conselho (as quais se definem pelo fato de que o falante tenta fazer com que o ouvinte realize uma ação após o enunciado). Para este trabalho, destacam-se as funções de ordem e de pedido, a seguir, apresento um exemplo de como Searle faria uma notação de ambas as funções:

a) Ordem: *Feche a porta!* → F = ordenar; p = você fechar a porta.

b) Pedido: *Você poderia fechar a porta?* → F = pedir; p = você fechar a porta.

Nesse exemplo, ordem e pedido compartilham o mesmo conteúdo proposicional (uma ação futura de fechar a porta)**;** no entanto, diferem quanto à força empregada. Do ponto de vista linguístico, ambos podem aparecer no modo imperativo ou em formas mais elaboradas, como interrogativas modalizadas (como: *"Você <u>poderia</u> fechar a porta?"*) (Searle; Vanderveken, 2005).

Essa descrição lógica, contudo, mostra-se insuficiente quando confrontada com os usos efetivos da língua. Conforme argumenta Bodolay (2011), a gramática tradicional tende a restringir a ordem ao imperativo e o pedido às formas mais "educadas" e longas, ou seja, a

diferença entre ordem e pedido depende também de fatores sintáticos, prosódicos e contextuais. Assim, além da estrutura gramatical, a entoação empregada e a situação comunicativa em que o enunciado ocorre são decisivas para que o ouvinte interprete o ato como ordem ou como pedido. Em Gebara (1976), por exemplo, ordens tendem a apresentar contornos descendentes, enquanto pedidos frequentemente exibem contornos ascendentes ou descendentes-ascendentes, sinalizando a contribuição da entoação para a interpretação da força ilocucionária.

Essa perspectiva é reforçada por Mello, Panunzi e Raso (2011), uma vez que a análise da força ilocucionária não se reduz à forma linguística ou à presença de modais, mas se marca pela não dissociação de outras dimensões da fala, como a modalidade e a atitude. A modalidade diz respeito aos valores epistêmicos ou deônticos expressos no enunciado (por exemplo, o uso de “pode” ou “tem que”), mas, como apontam os autores, sua presença não altera de forma significativa a prosódia responsável pela força ilocucionária. Já a atitude, por sua vez, relaciona-se à postura expressiva do falante frente ao conteúdo e ao interlocutor, marcada em grande medida pela entoação. Assim, ao distinguir ordem e pedido, não apenas a estrutura gramatical, mas também a modalidade e, sobretudo, a atitude expressa prosodicamente devem ser consideradas, uma vez que essas camadas contribuem para a interpretação final do enunciado na interação.

Tendo estabelecido que a distinção entre ordem e pedido não se sustenta apenas em termos de estrutura sintática, é possível aprofundar a análise no nível prosódico, que oferece parâmetros da força ilocucionária. Estudos realizados com dados do PB mostram que os diferentes contornos melódicos funcionam como marcadores centrais dessas nuances. Moraes (2008), por exemplo, demonstra que ordens tendem a apresentar acentos tonais fortes e localizados no núcleo prosódico inicial, conferindo caráter enfático e impositivo ao enunciado, enquanto pedidos, mesmo quando realizados no imperativo, podem apresentar curvas de altura ascendentes ou descendentes-ascendentes, atenuando a força da ação solicitada.

No quadro da Fonologia Entoacional, Frota *et al*. (2015) mostram que o contorno descendente H+L* L% predomina em contextos de ordem direta de modo a caracterizar enunciados com expressividade de caráter impositivo. Entretanto, quando se trata de atenuar a força ilocucionária de modo a manifestar um pedido ou uma sugestão, é frequente a ocorrência do contorno L+H* H%, que aproxima pedidos e sugestões do padrão interrogativo e suaviza a carga impositiva do ato de fala.

Além disso, para Da Silva Miranda, Moraes e Rilliard (2024), a percepção da intenção do falante em "*wh-questions*" e "*wh-exclamations*" também depende da prosódia, sendo facilitada por padrões tonais consistentes e pelo suporte visual em contextos experimentais. Esses achados reforçam a ideia de que, no PB, a interpretação de atos diretivos envolve não apenas os elementos segmentais ou lexicais, mas principalmente marcadores prosódicos, que orientam o ouvinte na distinção entre ordens mais autoritárias e pedidos mais polidos.

Pode-se afirmar, portanto, que a análise da marcação de força ilocucionária distingue as ordens dos pedidos, não apenas por critérios linguísticos formais, mas também a partir de uma interação complexa entre estrutura gramatical, prosódia, atitude e contexto pragmático. Como demonstram Raso e Rocha (2016) e Mello, Panunzi e Raso (2011), a prosódia marca simultaneamente informações sobre a força do ato ilocucionário e sobre a atitude do falante, ou seja, a forma como o ato é desempenhado. Essa superposição de camadas prosódicas torna possível que atos com o mesmo conteúdo proposicional – como ordens e pedidos – sejam percebidos de maneira diferente pelo ouvinte, dependendo do contorno melódico, do suporte contextual e da postura expressiva do locutor. Dessa forma, o estudo da força ilocucionária no português brasileiro impõe a necessidade de considerar parâmetros pragmáticos, linguísticos e prosódicos, além dos aspectos segmentais, para compreender como a intenção comunicativa é marcada e interpretada na interação verbal.

A seguir, será apresentada a função prosódica de marcação de troca de turno.

1.1.4. Marcação de troca de turno

Ao observar uma partida de xadrez, observa-se que cada movimento dos jogadores está sujeito a regras estritas[2]: a vez de cada participante, os limites de ação de cada peça e o tempo disponível para cada jogada são cuidadosamente delimitados. De modo análogo, a interação comunicativa humana organiza-se em turnos conversacionais, nos quais a alternância entre falantes segue padrões linguísticos e pragmáticos bem definidos. Em contextos cotidianos – como a troca entre um garçom e um cliente –, a sequência de ações e respostas não ocorre de forma aleatória, mas obedece a uma estrutura que garante coerência e regularidade na comunicação. A prosódia desempenha papel central nesse processo, sinalizando momentos de cessão e retomada da fala e orientando o fluxo do diálogo. Portanto,

[2] Ressalta-se que os modelos clássicos de organização de troca de turnos mencionados neste trabalho tendem a pressupor interações relativamente equilibradas e orientadas por princípios de cooperação e racionalidade. No entanto, tais pressupostos nem sempre se verificam em contextos reais de linguagem, especialmente em línguas como o PB – nas quais sobreposições e interrupções são frequentes.

assim como no xadrez, a compreensão das regras convencionais de comunicação é essencial para que a marcação de troca de turno ocorra através do uso dos marcadores prosódicos, permitindo a organização eficiente dos turnos de fala, assegurando a fluidez e a coesão interacional.

Essa percepção da marcação de troca de turno como algo estruturado e organizado surgiu a partir da Análise da Conversação, ponto de virada nos estudos da fala em interação, uma vez que pressupõe que a conversação cotidiana não é somente espontânea ou desorganizada. Os autores Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) descrevem que um turno pode ser composto por diferentes tipos de unidades linguísticas (uma palavra, uma frase ou uma oração), as quais são *projetáveis*, ou seja, permitem ao ouvinte antecipar o término do turno e preparar sua entrada. Essa característica é essencial para que a transição entre falantes se dê de forma fluida. No contexto brasileiro, Marcuschi (2003) sistematizou essas contribuições ao analisar a conversação no PB, enfatizando que o turno constitui a unidade básica da interação oral e que sua alternância obedece a regras pragmáticas e discursivas que garantem a continuidade da interlocução.

De acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), os falantes/interlocutores reconhecem locais de relevância para a transição/passagem de turno (*Transition Relevance Places - TRPs*), nos quais a troca de turno pode ocorrer. Nesse processo, apresentam-se três possibilidades: (i) o falante atual selecionar o próximo falante, como ao dirigir uma pergunta direta; (ii) o outro se auto-seleciona, ou seja, o interlocutor se torna falante por iniciativa própria; (iii) o falante atual continua, isso acontece quando ninguém se manifesta ou se auto-seleciona. Essa hierarquia de regras garante que, na maioria das vezes, apenas um fale por vez e que as transições ocorram de forma rápida e coordenada.

Caso essa transição haja sem solicitação explícita ou prosódica de encerramento do turno anterior, acontece o que chamamos de “assalto ao turno”. Esses casos podem acontecer de duas maneiras: na primeira, há uma “deixa” que permite o assalto, o ouvinte se aproveita de um momento de hesitação do falante caracterizado por pausas, alongamentos, repetições de palavras ou sílabas; a segunda situação ocorre “sem deixa”, quando o ouvinte faz uma entrada brusca e inesperada no turno do falante, sem que haja sinais de hesitação dados pelo falante – nesse caso, há uma sobreposição de vozes, que não são erros, mas momentos em que mais de um falante compete pelo turno (Firmino *et al*., 2023).

Como aponta Couper-Kuhlen e Selting (1996), o olhar apresentado por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) abriu portas para a análise de fenômenos “micro” da fala, como:

hesitações, risos, pausas, cortes e alongamentos. Embora muitos desses fenômenos sejam marcados prosodicamente, a prosódia não foi tematizada como dimensão central naquele momento.

O trabalho de Gumperz (1982), por sua vez, trata a prosódia no centro da análise interacional ao propor a noção de pistas de contextualização, ressaltando que recursos como entoação, pausas e ritmo funcionam como sinais que guiam os interlocutores na gestão conversacional. Nessa perspectiva, a prosódia constitui-se como um mecanismo essencial para a marcação da troca de turno, permitindo aos participantes, tanto reconhecer lugares de relevância para a transição, quanto projetar a continuidade de seus próprios turnos.

No que se refere especificamente aos aspectos prosódicos, estudos internacionais têm apontado que a marcação de troca de turno envolve um conjunto de parâmetros acústicos que sinalizam continuidade ou finalização de uma fala. A entoação descendente, por exemplo, tende a indicar o fechamento do enunciado, criando condições favoráveis para a entrada de outro falante. Já a entoação suspensiva e os alongamentos silábicos (ao final da palavra ou da sílaba) funcionam como pistas de que o turno será mantido pelo falante atual, bem como as pausas curtas (Gravano; Hirschberg, 2011; Koiso *et al*., 1998).

A intensidade pode ser utilizada tanto para reforçar a manutenção do turno, em contextos de competição, quanto para projetar a entrega da palavra (Local *et al*., 1986). A duração das pausas também desempenha papel fundamental: pausas longas são frequentemente interpretadas como convites à tomada de turno, enquanto pausas breves podem indicar continuidade da fala (Ten Bosch *et al*., 2004). Esses recursos, utilizados em combinação, contribuem para a regulação fina da interação e mostram que a prosódia é parte constitutiva da ordem conversacional (Ekstedt; Skantze, 2022).

Dessa maneira, a marcação da troca de turno pode ser vista como um fenômeno complexo que articula dimensões linguísticas, pragmáticas e prosódicas. Enquanto a Análise da Conversação forneceu os instrumentos para compreender a sistematicidade da alternância de falantes, os estudos prosódicos destacaram as pistas fonético-acústicas que sustentam essa organização em tempo real. Assim, reconhecer a prosódia como desempenhando função pragmática de negociação de turno permite compreender não apenas como os interlocutores compartilham a palavra, mas também como constroem conjuntamente a interação verbal.

O relato apresentado aqui, que abordou a descrição das funções desempenhadas pela prosódia e sua interface com a pragmática, sustenta a investigação do presente trabalho ao deslocar o foco para como essas funções se manifestam e se organizam na fala das crianças ao

longo da aquisição de linguagem. Nesse sentido, não se assume a aquisição como um processo abrupto ou homogêneo, mas como um percurso gradual, marcado pela emergência, com estabilização e refinamento de padrões prosódicos em contextos comunicativos. Essa mudança de olhar para o que se observa na fala da criança permite compreender não apenas o papel funcional da prosódia na linguagem, mas também os padrões emergentes e processos envolvidos em sua aquisição, fornecendo a base teórica necessária para a discussão subsequente sobre lacunas e contribuições deste estudo.

3. A produção de fala e a aquisição prosódica

Neste capítulo, discute-se a aquisição da prosódia a partir de uma linha de argumentação que se organiza do geral ao específico e do teórico ao crítico. Em um primeiro momento, a prosódia é apresentada como componente do sistema fonológico, situada no conjunto dos planos linguísticos e destacada por sua relevância na organização da fala. Na sequência, abordam-se os conceitos de *aquisição* e *desenvolvimento*, fundamentais para o enquadramento teórico adotado neste estudo. Posteriormente, são examinados os estudos linguísticos e fonoaudiológicos sobre aquisição prosódica, com ênfase nas lacunas metodológicas e conceituais, sobretudo em relação às pesquisas com crianças a partir de quatro anos. Por fim, discutem-se as críticas e limitações das abordagens existentes, de modo a posicionar o presente trabalho como uma investigação da prosódia enquanto linguisticamente complexa, numa integração teórica entre fonologia, considerada em suas facetas segmental e prosódica, e pragmática. Essa organização busca propor um desenvolvimento didático a essa seção da dissertação, conduzindo o leitor do panorama amplo ao foco específico da pesquisa.

3.1. A prosódia no sistema fonológico

A linguagem, enquanto fenômeno complexo e multifacetado, pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas teóricas. Sob uma perspectiva linguístico-discursiva, à luz da proposta de Chacon (2020), propõe-se a distinção entre dois planos: (i) o plano do dito, que abrange as camadas mais superficiais da língua – fonológica, morfológica, lexical, sintática e semântica; (ii) o plano do dizer, que diz respeito a aspectos mais profundos, relacionados às condições de produção e às características contextuais, compreendendo as camadas

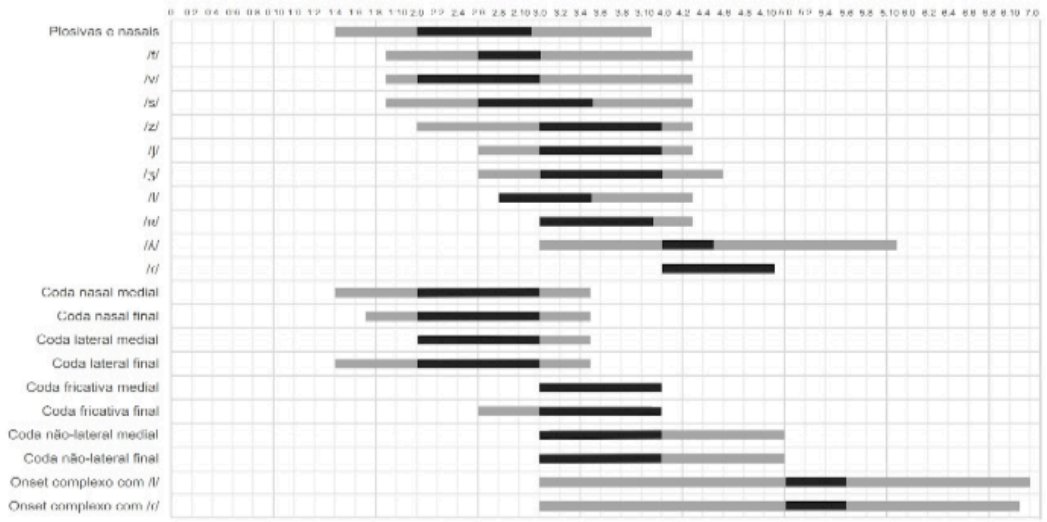
pragmáticas e discursivas. Neste capítulo, o foco recairá sobre o plano do dito, mais especificamente sobre a camada fonológica. Essa camada se organiza em dois componentes: o segmental, que envolve a análise dos fonemas e das combinações de traços distintivos que os constituem como unidades fonológicas (combinadas em sílabas); e o prosódico, estruturado hierarquicamente em diferentes níveis que regulam o ritmo, a entoação e a organização da fala.

Historicamente, no entanto, os estudos sobre aquisição fonológica da fala infantil privilegiaram sobretudo o componente segmental, tomando-o como principal domínio descritivo e clínico. Essa tradição se consolidou tanto na linguística quanto na fonoaudiologia, voltada à descrição da criança em "desenvolvimento" típico de linguagem, com o objetivo de estabelecer parâmetros de normatividade para o sistema fonológico infantil e identificar processos esperados em diferentes faixas etárias (Yavas, 1988; Lamprecht, 2004; Bragança; Lemos; Alves, 2011).

As idades descritas para cada processo fonológico esperado no plano segmental variam conforme o autor e a metodologia escolhida para a análise de dados. Em uma revisão sistemática, Ribas *et al* (2022) selecionaram 33 trabalhos que investigaram a aquisição fonológica consonantal, constatando uma ampla variação entre indivíduos e entre as diferentes consoantes e destas nas diversas estruturas silábicas.

A seguir, apresento a imagem extraída da revisão mencionada (Figura 6). Nela pode-se observar as idades de aquisição das consoantes nas estruturas silábicas mais complexas, coda e *onset complexo*, assim como as de cada classe de fonemas da posição de *onset simples*:

Figura 6 - Panorama de idade de aquisição de consoantes



Fonte: Ribas *et al* (2022)

Embora não seja a perspectiva predominante, é importante destacar que a fonologia não se restringe ao componente segmental, uma vez que a prosódia constitui parte fundamental desse sistema, a exemplo dos modelos fonológicos de Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986), já apresentados nesta dissertação. Como componente estrutural da fala, a prosódia organiza o enunciado por meio de padrões rítmicos e entoacionais, contribuindo tanto para a construção de significados quanto para a condução da interação comunicativa. Ainda assim, esse aspecto apresenta uma lacuna entre as descrições linguísticas e a prática clínica, sendo frequentemente subestimado nas avaliações fonoaudiológicas (Soncin; Lima, 2024).

A invisibilidade da prosódia na clínica pode ser associada ao fato de que a maioria dos protocolos de avaliação fonoaudiológica infantil não a inclui como um elemento a ser analisado. Essa lacuna pode ser consequência da formação ainda incipiente de fonoaudiólogos em aspectos prosódicos, tanto no Brasil quanto internacionalmente. Estudos recentes realizados nos Estados Unidos e na França mostraram que, mesmo em contextos com profissionais capacitados, a prosódia é raramente considerada sistematicamente durante a avaliação, e, por consequência, durante todo o processo terapêutico do paciente (Hawthorne; Fischer, 2020; Petitpain *et al*., 2024).

A ausência de atenção à prosódia na clínica não sugere sua irrelevância, mas sim um déficit formativo e metodológico. Como ressaltam Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986), como já apresentado anteriormente, a prosódia organiza diferentes níveis hierárquicos da fala (sílaba, pé, palavra fonológica, sintagma fonológico e enunciado entoacional), articulando-se estreitamente com a sintaxe e a fonologia segmental. Assim, ignorar a prosódia na avaliação fonoaudiológica compromete a compreensão da competência[3] comunicativa da criança.

Desse modo, há uma necessidade de dados que possam ser tomados como de referência para a avaliação prosódica, similar ao que ocorre com o plano segmental, justificando a realização de estudos linguísticos prévios à aplicação clínica.

3.2. A aquisição da prosódia

[3] Esse termo não é usado aqui como um conceito advindo das teorias gerativas conforme proposição chomskyana que trata do aparato universal, formal e abstrato. Refere-se, ao contrário, ao real que se é capaz de produzir em termos linguísticos nas diferentes situações comunicativas.

Em entrevista, Nespor (Nespor; Othero, 2010) chama atenção para o interesse crescente de linguistas e psicolinguistas em compreender o papel da prosódia na aquisição da linguagem. A autora menciona estudos que investigam a sensibilidade precoce dos bebês às propriedades rítmicas da fala, como o trabalho de Ramus, Nespor e Mehler (1999), que mostra a capacidade de discriminação de duas línguas, pertencentes a classes rítmicas diferentes, apresentadas por recém-nascidos de apenas três dias. Outros achados reforçam essa ideia, como o de Mampe *et al.* (2009), que identificaram que os padrões de choro dos recém-nascidos são influenciados pela língua materna, o que sugere que a percepção prosódica se manifesta antes mesmo da produção articulada.

Esses apontamentos da autora chamam a atenção para o fato de que literatura internacional e nacional sobre aquisição da prosódia concentra-se majoritariamente em crianças de até 3 ou 4 anos e privilegia tarefas de percepção. Estudos clássicos mostram como a capacidade de discriminação de diferentes línguas, como o francês em comparação ao inglês (Mehler *et al*., 1988), ou ainda o catalão e o espanhol em comparação ao inglês (Bosch; Sebastián-Gallés, 1997). Pesquisas nesse âmbito mostram que a aquisição prosódica se inicia muito cedo, sendo mediada pela discriminação de padrões rítmicos e entoacionais da língua em relação a outras línguas (Leonard *et al.*, 1996; Jusczyk, 1997; Gerken; Aslin, 2005; Bosch; Sebastián-Gallés, 1997; Werker; Tees, 1984; Seidl, 2007; Prieto, 2012). No PB, estudos também apontam para essa sensibilidade precoce, mostrando que as crianças são capazes de identificar regularidades prosódicas da língua desde muito cedo (Name; Corrêa, 2003; Name; Teixeira; Uchôa, 2015; Silva; Name, 2014).

Apesar desses achados, lacunas permanecem, especialmente no que tange às mudanças do sistema prosódico que ocorrem ao longo da infância. Speer e Ito (2009) afirmam que a prosódia continua em aquisição mesmo após os quatro anos, o que reforça a necessidade de estudos que incluam faixas etárias posteriores. Trabalhos de Grigos e Patel (2006, 2007, 2010), por exemplo, mostram que crianças entre 4 e 11 anos ainda estão em processo de refinamento no controle articulatório e acústico da prosódia, seja na distinção entre perguntas e afirmações, seja na marcação de foco prosódico. Os resultados indicam que parâmetros como frequência fundamental, duração e movimentos articulatórios (abertura de mandíbula, amplitude labial) sofrem ajustes graduais, com diferenças significativas entre as idades. Esses achados sustentam a ideia de que a prosódia é de aquisição prolongada, cujo domínio pleno ultrapassa a primeira infância.

Outras investigações internacionais reforçam esse caráter prolongado da aquisição da prosódia. Yang e Chen (2018), por exemplo, analisaram a marcação de foco em crianças falantes do mandarim e observaram que, embora já utilizem a duração de modo similar ao dos adultos a partir dos cinco anos, o uso de variação tonal para marcar o foco continua se aperfeiçoando até os onze anos, possivelmente devido à sobreposição entre funções lexicais e entoacionais do *pitch* nessa língua. Resultados semelhantes foram obtidos por Chen *et al*. (2020), destacando que, desde muito cedo, as crianças são sensíveis às propriedades formais do sistema prosódico e que essa percepção antecede e orienta a produção. Nesse cont)exto, a aquisição prosódica envolve uma mudança que parte do reconhecimento de contrastes acústico-fonológicos até a utilização funcional da prosódia em contextos comunicativos.

Em termos cronológicos, as funções prosódicas passam a se organizar progressivamente na fala da criança em paralelo ao surgimento de capacidades perceptuais e à ampliação de suas experiências interacionais, à medida que a criança se expõe aos padrões pragmáticos da língua. Logo, a aquisição prosódica não diz respeito à emergência de formas sonoras, mas à forma como a criança passa a adquirir os recursos prosódicos da língua para a construção de sentido na interação. Nos estágios iniciais, durante o balbucio, variações melódicas e temporais já funcionam como recursos expressivos, sendo interpretadas pelos interlocutores como índices de estados afetivos, como prazer ou desconforto. À medida que o sistema prosódico passa a operar na fala da criança, essas variações tornam-se mais ajustadas às convenções da língua, aproximando-se das funções pragmáticas adulta (Chen *et al*., 2020).

Vihman (2018), em uma abordagem baseada no uso (*usage-based approach*), propõe que o "desenvolvimento" prosódico deve ser compreendido a partir da interação entre as restrições articulatórias, a frequência de padrões no *input* e a experiência individual da criança com a produção de fala. A autora analisou dados de crianças falantes de quatro línguas – inglês, francês, italiano e finlandês – e observou que, embora haja semelhanças translinguísticas, como a tendência à produção de sílabas abertas e de palavras curtas, ainda há trajetórias de aquisição variantes entre as crianças. Essas diferenças podem sugerir modos particulares de adaptação aos padrões prosódicos da língua-alvo, conforme as possibilidades motoras e cognitivas de cada sujeito. A autora destaca, assim, que o "desenvolvimento" prosódico não se explica apenas por princípios universais, mas pela forma como cada criança filtra o que ouve a partir daquilo que já consegue produzir – um processo mediado pela prática vocal e pela memória relativa à forma das palavras construída ao longo dessa experiência. Essa perspectiva reforça a ideia de que a aquisição prosódica é um processo dinâmico e

individual, marcado pela relação entre a criança e os padrões prosódicos do ambiente linguístico, oferecidos na interação.

Somadas a isso, as contribuições de Frota e colaboradores têm sido relevantes para consolidar um quadro descritivo da prosódia infantil, particularmente em perspectiva comparativa entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB). Os achados desses estudos demonstram que a aquisição prosódica ocorre de modo escalonado: inicialmente, as crianças dominam padrões melódicos e rítmicos básicos, e apenas mais tarde passam a empregar a prosódia de maneira funcional, com fins discursivos e pragmáticos (Frota; Butler, 2018; Frota *et al.*, 2019; Frota *et al*., 2020). Tal achado sugere um "desenvolvimento" sensível às características rítmicas e estruturais da língua – no caso do PB, uma língua de ritmo silábico, com tendência a estruturas prosódicas mais curtas.

Do ponto de vista teórico, Scarpa (1999) propõe compreender a prosódia como um sistema de dupla face – formal e funcional –, o que permite conceber a aquisição prosódica como um processo de mediação entre forma sonora e sentido comunicativo. Essa abordagem amplia o olhar sobre a aquisição prosódica, articulando aspectos estruturais, pragmáticos e clínicos.

Pesquisas mais recentes contribuem para essa compreensão ampliada. Almeida, Scarpa e Cavalcante (2024), por meio de gravações de uma mesma criança, descrevem a trajetória da entoação desde o balbucio até os primeiros blocos de enunciados, mostrando que os contornos ascendentes e descendentes emergem antes mesmo das palavras e que, por volta de 1;6, padrões entoacionais distintos podem ser detectados na fala da criança, os quais podem ser relacionados a diferentes atos de fala. Esses resultados reforçam a ideia de que a entoação é uma das primeiras manifestações prosódicas da aquisição linguística e constitui base para a construção da fala significativa. Frota e Santos (2023), por sua vez, sintetizam o estado da arte da aquisição prosódica nas variedades do português (europeu e brasileiro), em contexto de produção e percepção de fala. Foram explorados os aspectos de acento de palavra, entoação e estrutura prosódica, apontando semelhanças e diferenças entre o PB e o PE, mas destacando a necessidade de estudos voltados às funções pragmáticas e discursivas, ainda pouco exploradas.

Portanto, no Português Brasileiro, são escassos os estudos que descrevem esse percurso em termos funcionais e clínicos, sobretudo em crianças acima dos quatro anos, lacuna que a presente pesquisa busca contemplar.

Diante desse panorama, é possível compreender que a prosódia em seu percurso de aquisição demanda tanto investigações linguísticas quanto instrumentos aplicáveis à prática clínica. Se, por um lado, a literatura internacional argumenta que a prosódia segue em refinamento ao longo da infância, por outro, observa-se a escassez de ferramentas sistematizadas que permitam avaliar, de maneira ampla e funcional, a acurácia prosódica infantil. Nesse sentido, iniciativas voltadas à construção de protocolos específicos ganham destaque, pois buscam traduzir o conhecimento acumulado em pesquisa para instrumentos de avaliação clínica.

3.3. Protocolos de avaliação e técnicas terapêuticas que incluem a prosódia

Diferentes diagnósticos fonoaudiológicos carregam como um dos sintomas diferenciais a prosódia, em especial os TMF. Diante dessa demanda clínica, tanto para a necessidade diagnóstica quanto de intervenção, foram produzidos instrumentos de avaliação e técnicas terapêuticas específicas para os quadros de TMF. Três deles são: (1) o *Rapid Syllable Transition Training* (ReST) (Ballard *et al.*, 2010; McCabe *et al*., 2017), adaptado para o PB (Oliveira; Oliveira, 2023), o qual incorpora elementos de acento lexical e sintático; (2) o *Dynamic Temporal and Tactile Cueing* (DTTC) (Baas *et al*., 2008; Strand *et al.*, 2013, 2019), o qual considera, em nível lexical, os aspectos de acento, mudança entoacional de marcação de emoções; e (3) o *Dynamic Evaluation of Motor Speech Skill* (DEMSS) (Strand *et al*., 2013; Strand; McCauley, 2019), adaptado para o PB (Araújo, 2020; Gubiani *et al*., 2021), o qual contempla o acento lexical.

Além desses instrumentos, há protocolos internacionais amplamente difundidos que, embora não tenham sido concebidos para avaliar diretamente a prosódia, a incluem como um componente secundário. Dentre eles destacam-se o *Tennessee Test of Rhythm and Intonation Patterns* (T-TRIP) (Koike; Asp, 1981), Prosody Profile (PROP) (Crystal, 1992), *Voice Assessment Protocol* (VAP) (Pindzola, 1987), *Prosody Voice Screening Profile* (PVSP) (Shriberg; Kwiatkowski; Rasmussen, 1992), *Florida Affect Battery* (FAB) (Blonder; Bowers; Heilman, 1998) e o *Profiling Elements of Prosodic Systems – Children* (PEPS-C) (Peppé; McCann, 2003). Este último é o mais utilizado, uma vez que inclui áreas de compreensão e expressão, padronização para crianças em desenvolvimento típico e atípico, além de ser traduzido para diversas línguas (Fekar-Gharamaleki *et al*., 2019).

O PEPS-C, originalmente para o inglês britânico, avalia quatro "habilidades" prosódicas: afeto, interação, segmentação e foco. Foi inicialmente utilizado para investigação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), gagueira, perda auditiva e outras alterações de linguagem, no entanto, sua aplicação se expandiu para investigar outros contextos, desenvolvendo a bateria de testes (Peppé; McCann, 2003). O protocolo busca avaliar aspectos formais e funcionais da prosódia compreensiva e expressiva. Está validado para o espanhol (Martinez-Castilla; Peppé, 2008), inglês da Nova Zelândia (Kalathottukaren; Purdy, 2017), português europeu (Filipe; Vicente; Frota, 2012; Filipe *et al*., 2017), francês, holandês e norueguês (Peppé *et al*., 2010) e PB (PEPS-C-BR) (Sousa, 2020). A versão adaptada para o PB está restrita ao uso no contexto acadêmico.

Esse protocolo tem como objetivo avaliar a capacidade de compreensão e expressão da prosódia em crianças, contemplando tanto o modo de entrada (percepção auditiva) quanto o modo de saída (produção vocal). Busca identificar possíveis alterações na prosódia e localizar em qual função essas alterações ocorrem, organizando-se em quatro funções: interação, afeto, segmentação e foco.

Cada função prosódica é dividida em tarefas que avaliam a compreensão (entrada) e a expressão (saída). Por exemplo, em interação, investiga-se a habilidade de compreender e produzir diferentes entoações associadas à força ilocucionária dos enunciados; em afeto, avalia-se o reconhecimento e o uso de entoações ligadas à expressão emocional; em segmentação, examina-se a capacidade de perceber e marcar limites prosódicos na fala; e, em foco, observa-se a habilidade de identificar e produzir realces entoacionais que destacam elementos informacionalmente relevantes.

Os achados internacionais dos estudos que utilizaram o PEPS-C apontam para trajetórias de "desenvolvimento" prosódico amplamente convergentes entre diferentes línguas, ainda que marcadas por especificidades estruturais e funcionais. De modo geral, resultados de estudos translinguísticos (Peppé et al., 2010) indicam que as funções afetivas e interacionais da prosódia tendem a emergir mais precocemente, enquanto as funções linguísticas – como segmentação e foco contrastivo – são adquiridas de forma mais tardia, estendendo-se até o final da infância. No caso do inglês, conforme relatado por Peppé e McCann (2002), crianças com desenvolvimento típico já demonstram, em idade pré-escolar, domínio das entoações associadas à força ilocucionária e ao afeto, mas ainda apresentam instabilidade no uso de realces prosódicos contrastivos e nos limites entoacionais de frases complexas.

Na adaptação do PEPS-C para o espanhol ibérico, Martínez-Castilla e Peppé (2008) observaram que, embora crianças espanholas apresentem "desempenho adequado" nas funções afetiva e interacional, a aquisição do acento contrastivo pré-final ocorre de maneira mais tardia do que no inglês, diferenciando-se de estruturas do sistema entoacional das línguas românicas. Essas diferenças também foram confirmadas no estudo comparativo de Peppé *et al*. (2010), que analisou dados de crianças de cinco línguas europeias (inglês, espanhol, francês, flamengo e norueguês). O estudo teve como resultado semelhanças universais nos estágios de "desenvolvimento" prosódico (especialmente na progressão das "habilidades" perceptivas para as produtivas), mas também diferenças específicas no uso de recursos prosódicos: nas línguas românicas, a marcação de foco contrastivo mostrou-se mais difícil e tardia; já nas línguas germânicas, essa função é dominada mais cedo.

Pesquisas subsequentes reforçam a ideia de que o "desenvolvimento" prosódico se estende por um longo período da infância. Em um estudo com crianças italianas de 4 a 10 anos, Zanchi, Peppé e Zampini (2022) demonstraram que a prosódia afetiva é consolidada desde o período pré-escolar, ao passo que as funções linguísticas, sobretudo o foco e a segmentação, continuam a se aperfeiçoar até após os 10 anos. Esses resultados corroboram a hipótese de que a aquisição prosódica é gradual e multifatorial, envolvendo tanto o contato da criança com a língua quanto a ampliação pragmática.

Em conjunto, esses estudos demonstram que o PEPS-C, em suas diferentes versões e adaptações, constitui uma ferramenta importante para mapear o curso do "desenvolvimento" prosódico infantil em múltiplas línguas. Contudo, os resultados também identificaram que cada sistema linguístico impõe suas próprias demandas, o que reforça a importância de análises que considerem as particularidades fonológicas e pragmáticas de cada língua ao interpretar o "desempenho" prosódico de crianças no curso da aquisição.

Na versão brasileira, o PEPS-C-BR mantém essa divisão entre níveis formais e funcionais. A adaptação contempla tarefas de vocabulário, conceituação de "igual/diferente", itens curtos, itens longos, interação, afeto, segmentação e foco, sempre avaliando compreensão e produção. As tarefas de recepção exigem respostas não verbais (como a escolha de imagens), enquanto as de produção envolvem respostas verbais (Sousa, 2020).

Essa versão do protocolo foi aplicada em um estudo recente com crianças com Transtornos Motores de Fala (TMF) – incluindo Atraso Motor de Fala (AMF) e Apraxia de Fala na Infância (AFI) – comparadas a pares com "desenvolvimento" típico. Como resultado, a autora afirma que embora não houvesse diferenças significativas na recepção prosódica, o

grupo com TMF apresentou “desempenho” inferior na maioria das tarefas expressivas, com diferenças estatisticamente significativas em três das cinco provas aplicadas. Tais resultados reforçam o PEPS-C-BR como protocolo sensível e abrangente, capaz de caracterizar o perfil prosódico infantil e subsidiar tanto diagnósticos diferenciais quanto intervenções terapêuticas (Turcatto, 2024).

Apesar de seu valor na avaliação clínica, o PEPS-C apresenta limitações importantes quando o objetivo é a descrição detalhada das funções prosódicas na aquisição de linguagem. O protocolo se baseia em tarefas altamente controladas, o que implica uma elicitação artificial da prosódia, ainda que os autores defendam que essa artificialidade seja minimizada. Mesmo com a inclusão, na versão revisada, de um momento de conversação semiestruturada, a natureza das tarefas prioriza a avaliação da competência funcional (isto é, se a criança é capaz de reconhecer e usar a prosódia em contextos específicos), e não a análise linguística dos parâmetros prosódicos envolvidos em cada função.

Embora o PEPS-C contribua para a identificação de alterações funcionais da prosódia e ofereça dados clínicos normativos relevantes, ele não se adequa ao propósito de investigar, de modo descritivo e comparativo, o “desempenho” prosódico de crianças em diferentes faixas etárias, especialmente quando o interesse recai sobre os mecanismos linguísticos e acústicos que sustentam a realização das funções prosódicas. Ainda que a proposta do PEPS-C seja relevante para o contexto acadêmico, por contemplar aspectos prosódicos de natureza formal e funcional, tanto na produção quanto na percepção de fala, há limitações teóricas e práticas que merecem atenção. Ao conceber a prosódia como um conjunto de “habilidades” segmentáveis, o protocolo a reduz a um somatório de competências cognitivas, descoladas do contexto discursivo pragmático em que a fala acontece. Tal perspectiva ignora que a prosódia, mais do que uma habilidade isolada, é organizada por categorias como acento, ritmo, entoação e fraseamento, as quais caracterizam e organizam o sistema fonológico de uma língua em conjunto com os segmentos que dependem de um contexto pragmático (Arvaniti, 2020). Nesse sentido, a ausência de uma fundamentação teórica explícita que articule forma e função aproxima o protocolo de uma postura metodológica instrumental, mas fragilizada no plano epistemológico.

Do ponto de vista prático, destacam-se as tarefas de itens curtos e a tarefa de itens longos. Na tarefa de itens curtos, o participante deve escutar estímulos auditivos (gravado por vozes masculina e feminina) e distinguir entre entoações interrogativas e declarativas. Para isso, são apresentadas imagens de um prato e de um livro: o prato simboliza um pedido

(interrogativa), e o livro representa uma leitura (declarativa). na etapa de produção, a criança deve realizar um pedido com o item apresentado – por exemplo "água?", quando aparece a imagem de um prato com água –, ou uma declaração ao aparecer o item acompanhado do livro.

Apesar da explicitação experimental, esse recorte metodológico introduz um viés de interpretação para o PB, uma vez que reduz a naturalidade comunicativa da tarefa. Expressões curtas como *"água?"*, usadas no protocolo para representar um pedido, dificilmente correspondem às formas cotidianas de solicitação, geralmente mais elaboradas e contextualmente situadas: *"Me dá água, por favor?"*. Essa simplificação pode comprometer a validade ecológica da avaliação, ao não manifestar de maneira fidedigna o uso da prosódia em situações comunicativas espontâneas.

De modo semelhante, a tarefa de itens longos, embora mais complexa sintaticamente, mantém um caráter artificial. Os estímulos devem ser identificados como iguais ou diferentes, por exemplo "*Meias AZUIS e verdes/Meias azuis e VERDES*" (para identificar o foco prosódico), e "*Guarda, chuva e porta/ guarda-chuva e porta*" (para identificar a fronteira prosódica). Para a produção, a criança deverá repetir o estímulo que escutou. Com isso, a ausência de contexto impede que o participante acione recursos prosódicos que emergem em situações comunicativas reais, como a marcação de foco informacional, contraste ou força ilocucionária. Em consequência, a tarefa avalia a entoação apenas como padrão melódico, e não como estratégia de significação pragmática.

Apesar de tais limitações, o PEPS-C é um importante estudo sobre prosódia infantil, especialmente por mostrar que a aquisição prosódica ocorre de forma gradual e sistemática ao longo do "desenvolvimento". A existência de uma padronização internacional do instrumento também representa um avanço metodológico importante, pois permite comparar dados entre diferentes línguas e contextos culturais, contribuindo para a construção de parâmetros transculturais sobre a aquisição da prosódia. No entanto, é fundamental que o uso do protocolo seja acompanhado de uma leitura crítica, capaz de reconhecer suas limitações teóricas e metodológicas, de modo que ele sirva não como um modelo definitivo, mas como um ponto de partida para o aperfeiçoamento de avaliações mais sensíveis ao funcionamento comunicativo e pragmático da fala.

Diante disso, a reflexão sobre os pressupostos epistemológicos que sustentam os estudos de prosódia torna-se essencial para compreender o que está em jogo quando se busca medir ou descrever o funcionamento prosódico. A seguir, discutem-se algumas propostas

teóricas, com destaque para a perspectiva proposta por De Lemos, que oferece uma leitura alternativa à visão segmentada e normatizadora adotada pelos protocolos clínicos.

2.3.4 A aquisição de linguagem e a prosódia

Para De Lemos (1981, 1986, 1999), a aquisição da linguagem não pode ser entendida fora do campo da interação, uma vez que o sujeito-criança constrói a linguagem na relação com o outro, com o discurso e com a língua em funcionamento. Assim, reduzir a prosódia a um bloco de competências mensuráveis, como fazem os protocolos, significa desconsiderar sua dimensão pragmática, já que é precisamente na interação – no "dizer" e não apenas no "dito" (Chacon, 2020) – que a prosódia desempenha seu papel organizador e interpretativo. Essa aproximação permite destacar a incongruência entre a concepção de prosódia nos protocolos e o entendimento interacionista de linguagem. Também Cole (2015) reforça essa mesma direção ao argumentar que a prosódia não pode ser estudada sem o contexto, uma vez que ela organiza a relação entre forma linguística, intenção comunicativa e condições pragmáticas da fala.

Ainda na teoria de De Lemos (1981, 1986, 1999), pode-se acrescentar críticas à noção de "desenvolvimento", uma vez que essa discussão é central para compreender o ponto anteriormente apresentado – de que os protocolos de avaliação tendem a ignorar a complexidade do funcionamento linguístico da criança, reduzindo a linguagem a um conjunto de habilidades mensuráveis. Em trabalhos como "Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original" (1982) e "Questioning the notion of development: the case of language acquisition" (2000), a autora defende que falar em "desenvolvimento" remete a uma visão cognitivista, linear e "etapista", em que a criança seria avaliada a partir de padrões normativos pré-estabelecidos. Essa perspectiva normatizadora está na base de muitos protocolos de avaliação, inclusive o PEPS-C. Ao contrário, De Lemos (1981, 1986, 1999) propõe o termo "aquisição", que se ancora numa epistemologia interacionista: a criança não "desenvolve" habilidades isoladas, mas adquire linguagem na interlocução, sendo constantemente afetada pela fala do outro e pelo funcionamento da língua.

Esse deslocamento teórico encontra-se formulado desde seus primeiros trabalhos (De Lemos, 1986, 1987 [1975]) e percorre toda sua obra, incluindo reflexões posteriores em que a autora sublinha a visão dos processos metafórico e metonímico na reorganização da fala infantil (De Lemos, 1992) e sobre o "erro" como algo patológico, quando na verdade é uma

prova de que a fala da criança é atravessada por mudanças e impasses, a partir de sua posição subjetiva à língua e ao outro (De Lemos, 2002). A noção de "aquisição" implica, portanto, um processo não linear, dialógico, o que oferece uma base teórica mais robusta para pensar também a prosódia.

Essa perspectiva teórica influenciou diretamente trabalhos como os de Scarpa, que articula aquisição de linguagem, prosódia e interacionismo. Em suas pesquisas, Scarpa (1997, 1999) argumenta que a prosódia é adquirida de modo "*top-down*", ou seja, a criança trabalha com a organização prosódica desde muito cedo, iniciando pela entoação (o topo – "*top*" – da hierarquia prosódica dos modelos de Fonologia Prosódia), até chegar à sílaba (o nível mais abaixo da hierarquia – "*down*"). Logo, os domínios prosódicos mais acima da hierarquia prosódica estão mais "disponíveis" à criança, fazendo com que as unidades menores (sílabas ou pés) não sejam fragmentos lexicais isolados, mas sim unidades prosódicas de domínios superiores (frases entoacionais ou enunciados fonológicos).

Nesse contexto, a fim de propor uma abordagem distinta dos protocolos de avaliação (como o PEPS-C), as contribuições teóricas de De Lemos (1982, 2000) e Scarpa (1997, 1999) expõem uma concepção interacionista de linguagem, oferecendo um enquadramento teórico para a discussão da aquisição da prosódia. Essa abordagem não apenas amplia a compreensão do fenômeno, mas também desloca a ênfase da mensuração de "habilidades" e "desenvolvimento", para a análise do papel da prosódia na constituição do sujeito falante e no funcionamento da língua na interação.

2.4 Lacunas sobre aquisição prosódica: organizando as justificativas do estudo

Apesar dos avanços na compreensão da aquisição prosódica em crianças, a literatura apresenta importantes lacunas que limitam tanto a investigação linguística quanto a aplicação clínica. Primeiramente, observa-se que a maior parte dos estudos se concentra em crianças de até quatro anos, priorizando tarefas de percepção auditiva e negligenciando a produção espontânea de fala. Esse recorte etário, embora relevante para entender como se inicia a aquisição prosódica, deixa pouco documentado o percurso prosódico em crianças mais velhas, quando ajustes finos na entoação, duração e ritmo ainda estão em refinamento (Speer; Ito, 2009; Patel; Grigos, 2006; Grigos; Patel, 2007, 2010).

Além disso, os protocolos clínicos da literatura, como o PEPS-C apresentam limitações metodológicas e teóricas significativas. Ao tratar a prosódia como um conjunto de "habilidades" segmentáveis – afeto, interação, segmentação e foco –, esses instrumentos reduzem sua complexidade funcional, desconsiderando a dimensão pragmática da linguagem na interação real entre falante e interlocutor.

Essas lacunas se fazem presentes também na prática clínica: a prosódia é raramente incluída de forma sistemática nas avaliações fonoaudiológicas, o que compromete a compreensão completa das competências comunicativas das crianças e limita a intervenção em aspectos centrais do funcionamento da linguagem (Hawthorne; Fischer, 2020; Petitpain *et al*., 2024; Soncin; Lima, 2024).

Outro ponto crítico refere-se à insuficiência de dados normativos para o português brasileiro, especialmente para crianças acima de quatro anos. Enquanto o plano segmental é amplamente documentado sobre a aquisição das consoantes e padrões silábicos (Ribas et al., 2022), não existem descrições e parâmetros para o processo de aquisição prosódico funcional, incluindo acento de palavra, marcação de foco e troca de turnos. Essa ausência de referências dificulta a avaliação comparativa e a identificação de alterações prosódicas em diferentes quadros clínicos.

Diante das lacunas identificadas na literatura – tanto teóricas quanto metodológicas e clínicas –, justifica-se a necessidade de investigar a prosódia infantil de maneira integrada, considerando sua função linguística, articulando os aspectos segmentais, prosódicos e pragmáticos. É nesse contexto que se insere o presente estudo, cujo propósito é preencher parcialmente essas ausências, oferecendo dados sobre a produção prosódica de crianças falantes do português brasileiro em faixas etárias ainda pouco exploradas.

A partir dessa fundamentação, os objetivos e as hipóteses da pesquisa foram delineados, orientando a investigação e sustentando a metodologia construída para a pesquisa para a análise da produção de fala da criança no que tange a aspectos formais e funcionais da prosódia. Essa articulação permite estabelecer a relação entre a revisão teórica, as lacunas existentes e a proposta metodológica adotada, oferecendo coerência entre fundamentação, objetivos e desfechos esperados para o estudo.

3 OBJETIVOS E HIPÓTESES

3.1 Objetivos

O objetivo geral desta dissertação é caracterizar padrões de emergência de quatro diferentes funções linguísticas desempenhadas pela prosódia no PB em tarefas de produção de fala durante o processo de aquisição prosódica. Esse objetivo geral se desdobra em três objetivos específicos:

1) comparar a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno;

2) identificar mudanças (ou não) no uso dos padrões prosódicos para marcar as quatro funções investigadas durante o processo de aquisição prosódica do PB; e

3) Caracterizar qualitativamente a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias, identificando se haveria variação entre sujeitos no interior de um mesmo grupo no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno.

3.2 Hipóteses

Como hipótese, partindo da literatura sobre aquisição prosódica infantil (Frota *et al*., 2020; Chen *et al*., 2020) e considerando a natureza gradual, funcional e não linear do processo de aquisição prosódico, propõe-se que:

1) crianças mais velhas apresentariam maior acurácia prosódica nas tarefas de produção de fala, o que se refletiria em um deslocamento do uso de padrões melódicos e rítmicos mais básicos para um uso orientado por demandas pragmáticas, em consonância com o objetivo específico (1);

2) a acurácia na marcação das diferentes funções prosódicas ocorreria de forma gradual e diferenciada, de modo que algumas funções, como o acento de palavra, tenderiam a apresentar maior acurácia em faixas etárias mais precoces, enquanto outras, como a marcação de foco prosódico, se consolidariam mais tardiamente, em alinhamento com o objetivo específico (2); e

3) haveria variação entre sujeitos na marcação prosódica das funções investigadas,

mesmo no interior de um mesmo grupo, o que dialoga diretamente com o objetivo específico (3) e permite relativizar a noção de marcos aquisicionais rígidos, considerando as distintas relações que se estabelecem entre sujeito e linguagem quando o processo de aquisição é analisado a partir de uma perspectiva singularizada da criança.

Essas hipóteses sustentam-se numa visão de aquisição *top-down* e funcional, em que a prosódia emerge de padrões básicos para formas mais sofisticadas de organização pragmática e discursiva e reforça tanto a importância de análises comparativas entre faixas etárias para mapear padrões prosódicos no PB quanto o olhar para processos singulares, que podem ficar ocultos quando se consideram apenas os "alvos" a serem alcançados.

4 MATERIAL E MÉTODO

4.1 Aspectos metodológicos da pesquisa

A fim de atender aos objetivos propostos, a pesquisa desenvolvida se caracteriza por ser de natureza transversal, descritiva e analítica, adotando uma abordagem metodológica qualitativa e quantitativa.

4.1.1 Participantes da pesquisa

Esta pesquisa contou com quatro grupos de crianças organizados por faixa etária e um grupo de adultos, cada um composto por 20 participantes **em processo de aquisição típica de linguagem**, totalizando um total de 100 participantes da pesquisa. O primeiro grupo (G1) foi composto por crianças de 4 a 5 anos e 11 meses; o segundo grupo (G2), por crianças de 6 a 7 anos e 11 meses; o terceiro grupo (G3), por crianças de 8 a 9 anos e 11 meses; e o quarto grupo (G4), por crianças entre 10 e 12 anos e 11 meses. Por sua vez, o grupo de 20 adultos foi composto por falantes de idades entre 18 e 23 anos e 11 meses.

As crianças participantes foram recrutadas em escolas municipais das cidades de Marília-SP e Ocauçu-SP. A participação das crianças esteve condicionada à devolução de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado pelos pais ou responsáveis legais.

A composição dos grupos infantis considerou, além da faixa etária, o local de recrutamento dos participantes. No município de Ocauçu-SP, participaram predominantemente crianças de 6 a 12 anos de idade, todas matriculadas em uma mesma escola municipal de ensino fundamental, com exceção de onze participantes pertencentes ao Grupo 4 (à faixa de 11 a 12 anos).

No município de Marília-SP, o recrutamento ocorreu em duas instituições da rede municipal: uma escola de ensino fundamental (da qual participaram as onze crianças do Grupo 4) e uma escola de educação infantil, cujos alunos compuseram o Grupo 1 (4 anos a 5 anos e 11 meses). Essa última instituição contava com o acompanhamento de uma fonoaudióloga e de uma psicóloga, o que favoreceu o processo de triagem e seleção dos participantes.

Como o número de crianças elegíveis para o Grupo 1 não foi suficiente para compor a

amostra exclusivamente a partir do contexto escolar, dez crianças adicionais foram recrutadas por conveniência, a partir de indicações da comunidade local. Nesses casos, as coletas foram realizadas em ambiente domiciliar, preservando-se integralmente os procedimentos e instrumentos adotados nas demais aplicações realizadas em contexto escolar.

Essa distribuição entre contextos escolares e domiciliares contribuiu para ampliar a representatividade da amostra e assegurar maior diversidade nas condições de coleta, fortalecendo, assim, a validade ecológica dos dados obtidos (controlados em idade e gênero).

Após a triagem, as crianças que atenderam aos critérios de inclusão, compuseram a amostra final deste estudo. As coletas de fala foram realizadas pela pesquisadora, em ambiente escolar, seguindo as tarefas de produção propostas pelo instrumento de coleta de dados.

Para o grupo de adultos, as mesmas tarefas de produção de fala foram aplicadas em uma etapa prévia à coleta com as crianças, com o objetivo de verificar a complexidade, a clareza e a aplicabilidade das tarefas. Como critério metodológico, caso alguma tarefa não apresentasse entre 95% e 100% de acurácia entre os adultos, seria submetida a ajustes antes de sua aplicação com as crianças. No entanto, não foram necessárias modificações.

Todas as amostras de fala analisadas no presente trabalho, de adultos e crianças, integram o Banco de Dados de Prosódia da Fala Infantil, em constituição no LAAc/UNESP, no âmbito do projeto “Produção e Percepção da Prosódia em Crianças com Desenvolvimento Fonológico Típico e Atípico” (FAPESP – Proc. 2020/10144-3), coordenado pela orientadora desta pesquisa.

A fim de organizar a apresentação dos dados amostrais, o Quadro 1 apresenta a caracterização dos participantes deste estudo, organizados em cinco grupos etários. Os quatro primeiros grupos são compostos por crianças em diferentes faixas etárias, abrangendo desde a pré-escola até o final do ensino fundamental, enquanto o quinto grupo é formado por adultos jovens que participaram da etapa prévia de aplicação das tarefas de produção de fala. O Quadro detalha o número total de sujeitos por grupo, a distribuição por gênero e a média de idade correspondente a cada faixa etária:

Quadro 2 – Caracterização de sujeitos

Grupo	**Faixa etária**	**Total de sujeitos**	**Divisão por gênero**	**Média de idade**
Grupo 1	4 a 5 anos e 11 meses	20	10 F e 10 M	4,6

Grupo 2	6 a 7 anos e 11 meses	20	11 F e 9 M	6,5
Grupo 3	8 a 9 anos e 11 meses	20	10 F e 10 M	8,5
Grupo 4	10 a 12 anos e 11 meses	20	12 F e 8 M	10,7
Grupo 5	18 a 23 anos e 11 meses	20	11 F e 9 M	20,1

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1.2 Aspectos éticos da pesquisa

A fim de respeitar os preceitos éticos de pesquisa, recomendado pelo Comitê de ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Marília, foram solicitados a todos os responsáveis pelas crianças autorização explícita por meio de um termo de "Consentimento livre e esclarecido".

4.1.3 Procedimentos e aplicação de instrumento para coleta de dados

Os dados de fala que integram as amostras foram obtidos a partir de instrumento elaborado pela equipe de pesquisa do projeto (Soncin *et al.*, em preparação; cf. também, Lima; Guida; Soncin, 2022), realizado com financiamento da FAPESP (Soncin, 2020; 2024) e coordenado pela orientadora deste trabalho (2020), ao qual esse projeto se vincula.

De maneira geral, este instrumento teve por objetivo propiciar situações dialógicas para elicitar e contextualizar a produção de enunciados de fala nos quais se observaram padrões prosódicos com diferentes funções. Dentre as muitas funções desempenhadas pela prosódia, o instrumento contemplou quatro funções de natureza linguística: (1) marcação de acento de palavra; (2) marcação de foco prosódico; (3) marcação de força ilocucionária; e (4) marcação de troca de turno.

Para análise dos padrões prosódicos a partir dos quais essas funções se manifestam na fala das crianças, foram elaboradas quatro tarefas de produção de fala, as quais compuseram o instrumento supracitado. A seguir, são descritas essas tarefas. O Quadro 2 as apresenta de forma sintética. Em termos de execução, a aplicação foi feita de acordo com a concordância da criança, e, obrigatoriamente, pelo mesmo avaliador. A forma de registro da produção das crianças foi feita em formato de áudio e vídeo para análise:

Quadro 3 – Resumo teórico-metodológico do instrumento de coleta de dado

Funções prosódicas	**Constituintes prosódicos**	**Objetivos**	**Tarefas**
Acento de palavra	Palavra fonológica	Analisar se o acento de palavra recai sobre a posição alvo	Adivinha

Foco prosódico	Frase fonológica	Analisar a diferenciação de produção de sentenças com foco contrastivo e foco informacional	Jogo do Absurdo
Marcação de força ilocucionária	Frase entoacional	Analisar a diferença entre a produção de atos de fala declarativos, interrogativos e imperativos (ordem e pedido)	Entrevista, Brincadeira "O que você faria" e Jogo do Mestre Mandou
Marcação de troca de turno	Frase entoacional / Enunciado Fonológico	Analisar a sinalização de continuidade ou finalização de enunciado	Entrevista

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1.3.1 Tarefa de acentuação de palavra

Para a descrição da produção do acento de palavra pelas crianças, foi proposta uma brincadeira de adivinha, a partir da qual se propicia uma situação dialógica que procura elicitar a produção de diferentes palavras. As palavras alvo da tarefa foram controladas a partir de dois critérios: número de sílabas (duas, três, quatro ou mais) e posição do acento (última, penúltima e antepenúltima sílaba). Essas configurações de acento foram selecionadas, pois correspondem às possibilidades de acento de palavra no PB dada a estrutura rítmica dessa língua, cujos pés métricos são: iambo, troqueu e dáctilo (Bisol, 1994; Massini-Cagliari, 1999), dos quais o troqueu é o padrão preferencial. Para essa prova, foram produzidas três palavras para cada combinação entre a quantidade de sílabas (palavras dissílabas, trissílabas e multissilábicas) e a posição do acento, totalizando 24 palavras.

A seguir, no Quadro 4, são apresentados exemplos das adivinhas que foram usadas para elicitar a produção das palavras alvo. No quadro, os exemplos apresentam palavras trissílabas constituídas pelos três diferentes tipos de pés métricos:

Quadro 4 – Tarefa de adivinha para prova de acentuação de palavra

Características de formação da palavra			
Número de sílabas	**Pé Métrico**	**Adivinha (O que é, o que é…?)**	**Produção Alvo**
Três	Iambo	É um animal com dentes afiados e parente do crocodilo?	Macar**rão**
		Voa alto lá no céu, tem asa, mas não é pássaro e as pessoas viajam nele?	Avi**ão**
		É uma fruta ácida que usa uma coroa?	Abaca**xi**
Três	Troqueu	É um animal de quatro patas, alto em que as pessoas cavalgam?	Ca**va**lo

		Se usa para colocar no suco e ficar doce?	**Açú**car[4]
		É um lugar onde as crianças e os adolescentes vão aprender?	Es**co**la
Três	Dáctilo	Usa para tirar fotos e não é o celular?	**Câ**mera
		Parece uma caneca e usa para tomar chá?	**Xí**cara
		Algumas pessoas precisam disso para enxergar melhor?	**Ó**culos

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a produção das palavras, avaliou-se se a criança produziu o acento na posição alvo em cada palavra. O registro da produção da criança, se diferente do alvo, foi anotado, o que permitiu calcular o percentual de acerto para cada categoria de palavras. Não foi feito nenhum tipo de prática anterior, a verificação do domínio léxico foi simultânea à aplicação do instrumento.

As palavras que compuseram a tarefa e foram produzidas por todos os participantes são apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 5 – Palavras selecionadas para a prova de acento

	IAMBO	**TROQUEU**	**DÁCTILO**
Dissílabo	Sofá	Pato	-
	Colher	Chuva	
	Café	Bola	
Trissílabo	Avião	Cavalo	Câmera
	Jacaré	Açúcar	Xícara
	Picolé	Escola	Óculos
Polissílabo	Escorregador	Sabonete	Triângulo
	Abacaxi	Borboleta	Hipopótamo
	Televisão	Chocolate	Abóbora

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1.3.2 Tarefa de foco prosódico

Na produção de foco, foi utilizado um jogo de identificação de eventos absurdos,

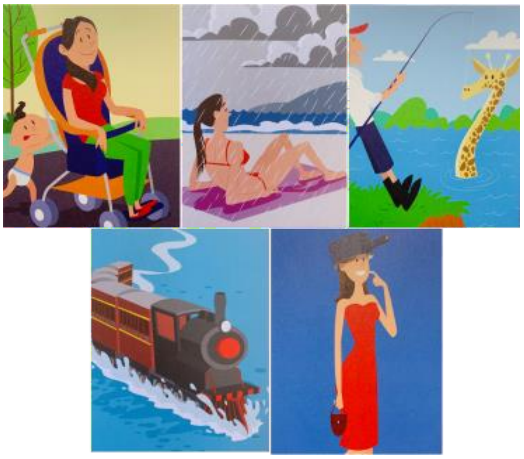
[4] Neste trabalho, o item lexical "açúcar" foi classificado como pertencente ao padrão troqueu. Reconhece-se, contudo, que, do ponto de vista fonológico, trata-se de uma palavra com padrão espondeu. A opção metodológica adotada deve-se ao fato de que, em variedades coloquiais do português brasileiro, como observado em dados de fala (por exemplo, em Ocauçu-SP), ocorre frequentemente o apagamento do /r/ final ("açúca"), o que resulta em uma realização com padrão acentual compatível com o troqueu. Para estudos futuros, prevê-se a revisão da seleção desse item lexical, a fim de evitar ambiguidades de classificação.

denominado “Jogo do Absurdo”, dividido em duas partes. Este jogo conta com imagens contendo cenas incomuns e improváveis, as quais foram obtidas em um livro em formato de caixa, denominado “Onde está o absurdo?”, da autora Roberta Claro. Para melhor entendimento, nessa brincadeira, na primeira parte, a criança responde às perguntas apresentadas pelo avaliador, a fim de promover um contexto de produção para o foco informacional. Por exemplo, a avaliadora apresentou a carta e disse “Alguém está empurrando o carrinho. Quem está empurrando o carrinho?”. Como resposta, espera-se que a criança responda “O bebê empurra o carrinho”. Neste exemplo, a produção do foco informacional recai na posição sintática de sujeito, porém outros contextos foram apresentados, a fim de que recaísse também nas posições de verbo e objeto.

Na segunda parte, a avaliadora produz um ato de fala declarativo que descreveu a imagem apresentada em uma das figuras, porém com informação errada. Logo, como parte da regra do jogo, é esperado que a criança corrija a avaliadora e, para tanto, produza um enunciado com foco contrastivo. Por exemplo, a avaliadora apresenta uma figura em que se retrata um homem pescando uma girafa e a avaliadora diz à criança: “Veja essa imagem, o homem está pescando um peixe” e aguarda a criança corrigi-la, produzindo um enunciado como “Não, o homem pescou uma GIRAFA”, na qual *girafa* é produzida com foco contrastivo. Nos casos em que a criança apresentou não identificou o que estava errado na fala da avaliadora, foram oferecidas dicas para a criança, tais como: “O homem pescou mesmo um peixe?” “O que está diferente?”.

Apresentam-se, a seguir, algumas das imagens utilizadas na tarefa.

Figura 7 – Imagens das cartas que serão utilizadas na brincadeira do jogo do absurdo



Fonte: *Onde está o absurdo?*, da autora Roberta Claro, 2017.

4.1.3.3 Tarefa de força ilocucionária

Para a análise da força ilocucionária, três situações dialógicas distintas guiaram a interação entre a avaliadora e a criança com o objetivo de elicitar a produção, da parte da criança, de enunciados interrogativos, declarativos, de ordem e de pedido. Na primeira situação, propôs-se uma brincadeira de entrevista, na qual a avaliadora iniciou entrevistando as crianças e, posteriormente, a avaliadora respondeu às perguntas da criança, que passou a ser a entrevistadora. Nessa situação, foi elicitada a produção de atos de fala declarativos e interrogativos, ou seja, enunciados com forças ilocucionárias de declaração e de questionamento.

Na segunda situação, foi proposta a brincadeira "O que você faria?". Nessa brincadeira, apresentou-se quatro situações hipotéticas para a criança, nas quais a criança deveria dizer o que ela faria em cada uma delas; nessa situação, teve-se como finalidade analisar a produção de pedidos, ou seja, de atos de fala caracterizados por força ilocucionária de pedido. Por fim, a terceira situação conta com a brincadeira de "O mestre mandou" (adaptada), brincadeira que funciona de modo que o mestre dá comandos ao outro participante, que deve seguir suas instruções. Por exemplo, o mestre pode dizer: "Pule bem alto" e o interlocutor deve, assim, pular. Nessa situação, a tarefa proposta busca oferecer o contexto interacional para a produção de ordens, ou seja, de atos de fala com a força ilocucionária de ordem. Para produzir os atos de ordem, a criança em determinado momento da interação deveria assumir o papel de "mestre".

Nos Quadros 6, 7 e 8, exemplificam-se as perguntas feitas na entrevista bem como as situações hipotéticas apresentadas e possíveis ordens a serem dadas na brincadeira de "O Mestre Mandou".

Quadro 6 – Perguntas para a brincadeira de entrevista que compõe a prova de marcação de força ilocucionária

1.	Olá, como você está?
2.	Qual o seu nome completo?
3.	Quantos anos você tem?
4.	O que você gosta de fazer ou do que você gosta de brincar?
5.	Como você faz isso/como é essa brincadeira?
6.	Vamos ver essa imagem aqui: tem muitas comidas diferentes. Qual das três você mais gosta?
7.	Você gosta de berinjela?
8.	Você gosta de azul escuro?
9.	Você já viu um leão?

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 7 – Situações hipotéticas para a brincadeira “O que você faria?” que compõe a prova de marcação de força ilocucionária

Força ilocucionária	Situação hipotética	Possibilidades de respostas (a título de exemplificação)
Pedido	Imagine que você está no parque com seu avô. Você já brincou bastante e está cansado de se balançar. Você pode pedir para ele te tirar do balanço ou pedir ajuda para descer. Como você faria esse pedido?	Pode me tirar do balanço, por favor? Você pode me ajudar a descer do balanço? Me tira do balanço, por favor. Me tira do balanço.
	Imagine que você está jantando com sua família e precisa de um guardanapo. Como você faria esse pedido?	Pode me passar o guardanapo, por favor? Você pode me passar um guardanapo? Me passa o guardanapo, por favor. Me passa o guardanapo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 8 – Exemplificação da brincadeira “O mestre mandou” que compõe a prova de marcação de força ilocucionária

Força ilocucionária	Comando da Brincadeira “O mestre mandou”	Possíveis ordens do mestre (a título de exemplificação)
Ordem	Agora você é o mestre e tem que me dar algumas ordens.	Coloque a sua mão na cabeça e levante um pé Coloque a mão na barriga e mostre a língua

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1.3.4 Tarefa de troca de turno

Na tarefa de marcação de turno conversacional, avaliou-se se as crianças indicariam por meio de pistas prosódicas se sustentam ou finalizam seus turnos conversacionais numa interação verbal. Para essa análise, foram utilizadas as respostas dadas pelas crianças participantes a duas perguntas feitas na brincadeira de entrevista. Tratou-se de perguntas que elicitariam, como respostas, enunciados com sentenças coordenadas e itens lexicais apresentados numa sequência enumerativa (apresentadas no Quadro 8), os quais foram analisados para verificar se a criança sinalizou a continuidade e a finalização do enunciado nas porções dessas estruturas:

Quadro 9 – Exemplificação da tarefa de entrevista

Tipo de estrutura sintática	Perguntas feitas para eliciar a produção	Possíveis respostas (a título de exemplificação)

Sentenças coordenadas	– O que você mais gosta de fazer? Como faz isso?	– Eu gosto de brincar de fada. Eu sento no jardim e pego as flores e faço vestido e chapéu para fadas com as flores.
Itens lexicais enumerados	– Imagine que você tem todas essas opções (é apresentado uma imagem com 35 alimentos/bebidas), e pode escolher 4 itens para comprar, o que você compraria?	– Eu compraria sorvete, lasanha, lanche e macarrão.

Fonte: Dados da pesquisa.

4.1.4 Forma de análise dos resultados

Os dados que permitiram avaliar as funções prosódicas das crianças de diferentes faixas etárias foram analisados a partir de critérios quantitativos e qualitativos adotados para cada prova do Instrumento de Avaliação Prosódica da Fala da Criança.

Quantitativamente, em cada prova, cada resposta da criança foi avaliada por uma escala numérica de zero a dois pontos tanto para os aspectos de natureza pragmático-interacional, quanto para os aspectos prosódicos, ambos a partir da percepção de duas juízas, que buscaram entrar numa decisão consensual. Caso fosse necessário, uma terceira pesquisadora especialista em análise prosódica e avaliação de fala da criança foi acionada. A avaliação quantitativa foi planejada dessa maneira, uma vez que as amostras de fala das crianças participantes foram produzidas a partir de situações pragmático-interacionais semi-espontâneas, nas quais mais de uma resposta era possível. Por isso, a avaliação dos aspectos prosódicos dependeu do tipo de resposta oferecida pela criança, estando essa mais convencionalmente situada ou não em relação ao contexto pragmático apresentado. Fez-se, assim, necessário avaliar, antes dos aspectos prosódicos, os aspectos de natureza pragmático-interacional relativos à convencionalidade das respostas dadas pelas crianças ao contexto pragmático-interacional oferecido em cada tarefa.

Os aspectos pragmático-interacionais foram avaliados primeiramente por meio de uma escala ordinal de três pontos. A pontuação 0 foi atribuída quando a resposta da criança não correspondeu às possibilidades esperadas para a situação pragmático-interacional proposta ou quando a criança não respondeu. Um exemplo desse caso pode ser observado na tarefa de foco contrastivo, quando a criança, diante da instrução de corrigir a avaliadora, não realiza a

correção solicitada. Por exemplo, após a avaliadora explicar a tarefa à criança, a mesma pergunta “E agora, que que eu faço?”, não realizando a marcação de foco contrastivo solicitada pela tarefa, caracterizando não atendimento à demanda pragmática.

A pontuação 1 foi atribuída quando a resposta da criança correspondeu, de modo geral, ao tipo de ação esperado na situação, mas apresentou indícios de não convencionalidade, como respostas muito reduzidas, hesitantes ou que se dispersaram em relação ao foco da atividade. Um exemplo pode ser observado na tarefa de foco informacional. Por exemplo, após a avaliadora perguntar à criança (de acordo com a imagem) “Tem um homem e uma girafa, o que o homem está fazendo com a girafa?”, a criança responde “Tá dando comida pra girafa”, a avaliadora questiona a criança e a mesma não consegue identificar o que de fato está acontecendo na imagem, a avaliadora explica que o homem está pescando a girafa, a criança então exclama “Oxi!! Pesca o peixe! Não a girafa”. Nessa produção, a criança inicialmente não responde de forma alinhada à situação proposta que visava identificar o absurdo, necessitando de reorientação interacional para, então, atender à tarefa proposta e contextualmente situada.

Já a pontuação 2 foi atribuída quando a resposta da criança correspondeu ao que era solicitado na situação pragmático-interacional, sendo produzida de forma convencional no interior da atividade. Um exemplo pode ser observado também na tarefa de foco informacional. Por exemplo, após a avaliadora perguntar à criança (de acordo com a imagem) “Alguém está empurrando o carrinho, quem está empurrando o carrinho?”, a criança responder “O bebê”. Nesse caso, a criança compreende a situação proposta e responde de forma diretamente relacionada à demanda interacional de identificar o absurdo na imagem e, assim, oferecer a resposta alvo.

Por sua vez, os aspectos prosódicos foram avaliados apenas nas respostas que receberam pontuação 1 ou 2 no plano pragmático-interacional, uma vez que apenas nessas situações havia material linguístico passível de análise prosódica. Para esse plano, também foi utilizada uma escala de três pontos.

A pontuação 0 indicou que não foi possível avaliar o padrão prosódico, seja porque a resposta não atendeu à demanda pragmático-interacional da tarefa, seja porque a produção foi extremamente reduzida ou fragmentada. Um exemplo é o caso já mencionado anteriormente, em que a criança não realiza a correção solicitada, impossibilitando a análise de foco contrastivo.

A pontuação 1 foi atribuída quando a resposta atendeu à demanda pragmática da

tarefa, mas o padrão prosódico produzido não se organizou de modo a marcar de forma clara a função prosódica alvo de avaliação na tarefa. Um exemplo pode ser observado na produção de interrogativas sem contorno ascendente: “Eu quero sab**ê** onde cê trabalha”. Embora a estrutura sintática não seja interrogativa, foi observada configuração entoacional tipicamente associada a perguntas no PB.

Por fim, a pontuação 2 foi atribuída quando a produção da criança apresentou organização prosódica compatível com a função comunicativa solicitada na tarefa. Um exemplo pode ser observado na enumeração de itens lexicais: “Sashimi... é:: peixe, maçã, sorvete, chocolate”. Nessa produção, observa-se a diferenciação prosódica entre itens não finais e o item final da enumeração, configurando a organização entoacional característica de lista no PB.

A partir das notas atribuídas com essas duas escalas numéricas, foi mensurada a acurácia geral e específica de cada participante tanto para o plano pragmático interativo quanto para o plano prosódico. O cálculo da acurácia geral foi feito por meio da seguinte fórmula: *Percentual de acurácia = (Pontuação geral obtida/Pontuação total) x 100.* Assim, a acurácia geral de cada participante foi expressa em termos percentuais, considerando o número total de pontos obtidos pelo participante em relação ao total de pontos possíveis na somatória de todas as tarefas.

Por sua vez, a pontuação específica para cada função prosódica foi obtida com base na pontuação de cada participante, levando-se em conta critérios específicos definidos para cada função, conforme o tipo de função prosódica analisada. No caso da marcação de acento, controlaram-se o número de sílabas (dissílabas, trissílabas e polissílabas) e o tipo de estrutura métrica (iâmbico, troqueu e dáctilo). Para a marcação de foco prosódico, controlou-se o tipo de foco (informativo ou contrastivo). Já para a marcação da força ilocucionária, considerou-se o tipo de força (declarativa, interrogativa, ordem e pedido). Por fim, para a marcação de turno, controlou-se o tipo de estrutura coordenada (sentenças coordenadas ou itens lexicais enumerados). Em todos os casos, aplicou-se o mesmo cálculo, representado pela fórmula: *Pontuação específica da função = (Pontuação do participante na função/Pontuação total possível na função)x100.*

A acurácia das crianças de cada grupo foi analisada por meio de medida de tendência central (média) e medida de dispersão (desvio padrão) e por testes inferenciais a fim de comparar a acurácia dos grupos etários. Para tanto, foram realizados testes ANOVA de Medidas Repetidas, considerando a acurácia dos participantes como variável dependente, a

função prosódica como variável intragrupo e a faixa etária como variável intergrupo.

Complementarmente, foram conduzidas análises qualitativas com o objetivo de aprofundar a compreensão dos padrões observados na produção de fala das crianças. Essas análises buscaram identificar similaridades e diferenças prosódicas que contribuíram, por um lado, para caracterizar de forma mais detalhada a acurácia dos grupos e, por outro, para captar a variação que pode se manifestar no interior de um mesmo grupo, ilustrando singularidades nos percursos de aquisição.

5 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos na análise da acurácia prosódica de crianças de diferentes faixas etárias, considerando as funções linguísticas desempenhadas pela prosódia no PB. Para contextualizar a apresentação dos dados, retomam-se, inicialmente, os objetivos da pesquisa.

O objetivo geral desta dissertação é caracterizar padrões de emergência de quatro diferentes funções linguísticas desempenhadas pela prosódia no PB em tarefas de produção de fala durante o processo de aquisição prosódica. Esse objetivo geral se desdobra em três objetivos específicos: (1) comparar a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno; (2) identificar se haveria mudanças no uso dos padrões prosódicos para marcar as quatro funções investigadas durante o processo de aquisição prosódica do PB; e (3) caracterizar a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno.

Com vistas a alcançar tais objetivos, foram realizadas análises qualitativas e quantitativas conforme descrito no capítulo metodológico.

Inicia-se com a apresentação dos resultados qualitativos, organizados por função prosódica, considerando tanto o plano pragmático quanto o plano prosódico. A ordem de exposição segue: (a) marcação de acento lexical; (b) marcação de foco prosódico; (c) marcação de força ilocucionária; e (d) marcação de troca de turno.

Por fim, apresentam-se os resultados quantitativos.

5.1 Resultados qualitativos

5.1.1 Marcação de acento lexical

Como apresentado anteriormente, a análise do acento, no plano prosódico, considerou três tipos de estrutura métrica – iambo, troqueu e dáctilo –, além da quantidade de sílabas em cada palavra-alvo.

Como já mostrado na análise quantitativa, a marcação de acento lexical não apresentou variações de produção entre os grupos etários no que diz respeito à sílaba alvo de

proeminência acentual. Ainda assim, alguns aspectos qualitativos, especialmente quanto ao contexto pragmático da prova, merecem destaque.

A tarefa de adivinha foi elaborada de modo a criar uma situação que favorecesse a produção espontânea da criança, evitando respostas por nomeação ou repetição. Para esse fim, foram selecionadas 24 palavras-alvo (Quadro 4), acompanhadas de 24 adivinhas, além de uma "caixa surpresa" (apresentada no computador), contendo a imagem da palavra-alvo. No exemplo (1), observa-se a dinâmica de apresentação da adivinha seguida pela resposta da participante:

(1) Av: Fica em um parque e as crianças sobem nele e escorregam até o chão?
P: Escorregador
(G2_P09_7a_F)[5]

Dentre as palavras-alvo, os itens lexicais "escorregador", "açúcar", "xícara", "triângulo" e "abóbora" se destacaram por demandarem maior tempo de resposta ou estratégias adicionais de elicitação, sobretudo para os grupos de 4-5 e 6-7 anos. Nessas produções, a criança apresenta como repertório lexical uma variante lexical, utilizada pelo grupo social do qual a criança faz parte ("escorrega"). Essa variante concorre com a variável (escorregador), alvo previsto pela prova como resposta, facilmente acessada pela criança quando você diz "tem outro nome…". Ou seja, a criança acessa a forma lexical que se configura como a variante mais prestigiada…trata-se, portanto, de uma questão de variação linguística.

Essa variação pode ser ilustrada no exemplo (2), no qual, diante da adivinha correspondente, a criança produz conforme o que é mais comum em seu contexto social, ainda que, uma vez produzido, o padrão acentual se mantenha conforme o esperado para a língua.

(2) Av: Fica em um parque e as crianças sobem nele e escorregam até o chão
P: **Escorrega**
Av: Tem outro nome, é isso, mas tem outro nome mais completo...
P: É escorregador?
Av: Isso!
(G3_P11_9a_M)

[5] Após a apresentação de cada exemplo, será apresentada, separado por sublinha: o grupo, o número do participante, a idade e o sexo.

No caso do item “abóbora”, observaram-se variantes como “abórba” e “abóbra”, possivelmente influenciadas por características socioeconômicas e/ou do dialeto regional da cidade de origem (Ocauçu-SP) da maioria das crianças participantes, já que se trata de pequena cidade do interior (população de 4.331 pessoas conforme o censo de 2022 do IBGE) nos arredores de Marília, no centro-oeste do estado de São Paulo. Em termos fonético-fonológicos, o uso dessas variantes resulta em alteração do pé métrico (de dáctilo para troqueu) por redução silábica. Nesses casos, quando solicitadas a repetir a forma-alvo para os fins de análise da produção do acento em palavras com pé dactilo, as crianças, em geral, produziram convencionalmente com exceção de algumas produções do grupo de 4-5 anos que contou com simplificações segmentais (“abóboa”, “abóbola”). Essas variações, entretanto, não afetaram a posição do acento, caracterizando-se como alterações restritas ao plano segmental.

> (3) Av: O que é, o que é, é um legume laranja e depois da meia-noite a carruagem da Cinderela se transformou em uma...?
> P: Cavalo?
> Av: Cavalo??
> P: **Abróbora** [seguido de risadas]
> (G1_P03_5a_F)

Nenhum padrão semelhante foi observado entre os participantes adultos (18-23 anos).

5.1.2 Marcação de foco prosódico

No que se refere à marcação de foco prosódico, foram analisados dois tipos: informacional e contrastivo. Com o objetivo de elicitar produção de fala que não se restringisse à repetição, mas que se aproximasse de uma produção espontânea, foi utilizada uma tarefa com “imagens absurdas”, ou seja, com conteúdo semanticamente incongruente. A partir dessas imagens a avaliadora formulava perguntas sobre informações presentes na cena, possibilitando que, ao responder à pergunta apresentada, o participante produzisse um enunciado com foco informacional; em outros momentos, a avaliadora produzia afirmações deliberadamente incorretas sobre as imagens, de modo a oferecer o contexto pragmático para um enunciado corretivo por parte da criança, o qual apresenta foco contrastivo.

5.1.2.1 Foco informacional

No plano pragmático, em todos os grupos, os participantes responderam com precisão à tarefa e apresentaram a produção do foco informacional, não sendo identificadas diferenças relevantes entre os grupos etários. De modo geral, portanto, os participantes compreenderam o objetivo comunicativo da atividade e responderam ao contexto proposto.

Como mostra o exemplo (4), no qual após ser questionada pela avaliadora no contexto da interação com o uso das cartas, a participante responde prontamente à pergunta produzindo um enunciado com foco informacional sobre o vocábulo "panela":

> (4) Av: A mulher está usando algo na cabeça, o que ela está usando na cabeça?
> P: Amm... Panela
> (G1_P18_5a_F)

Em alguns casos, como o exemplo (5), a criança inicialmente responde ao que lhe foi perguntado sem seguir a imagem da carta, mas posteriormente, após ser solicitada uma confirmação de sua resposta, a criança corrige sua resposta ao perceber a incongruência presente na cena em relação ao questionado pela avaliadora. Nesses casos, após negociação pelo sentido, pragmaticamente, a tarefa é atendida.

> (5) Av: Veja essa imagem, tem alguém empurrando o carrinho, quem está empurrando o carrinho?
> P: A mamãe
> Av: A mamãe?
> P: Não, o **bebê**
> (G1_P12_4a_M)

Um caso particular, apresentado em (6), chamou a atenção. O dado é resultante da interação com uma participante do grupo de 6-7 anos, que não ofereceu a resposta-alvo, obtida a partir da descrição da carta, pois, conforme mostra o diálogo com a avaliadora, sua interpretação da imagem foi atravessada por um julgamento sobre a veracidade dos fatos representados pela carta. Nesse caso, ao considerar que a resposta apresentada à pergunta realizada seria absurda – lembremos que, pragmaticamente, a tarefa em questão era justamente identificar absurdos no chamado "Jogo do Absurdo", a participante oferece outra resposta, que, por sua vez, é questionada pela avaliadora. Vê-se, então, que, após afirmação da

avaliadora sobre o que ocorre na carta, a não concordância da parte da criança a faz produzir um foco contrastivo e não um foco informacional, conforme solicitado na tarefa.

(6) Av: Tem um homem e uma girafa, o que o homem está fazendo com a girafa?
P: Tá dando comida pra girafa
Av: Tá?
P: Porque parece que tá [aponta para a vara de pesca na imagem]
Av: Hm hm [fazendo que não com a cabeça]
P: Puxando a girafa
Av: Ele tá **pescando** a girafa
P: Oxi!! Pesca o **peixe!** Não a girafa
(G2_P17_6a_F)

No plano prosódico, foram observadas semelhanças qualitativas entre os grupos no que diz respeito à extensão do enunciado resposta. A resposta dada pela maior parte dos participantes de todos os grupos teve a extensão de um sintagma que, sintaticamente, assumia a função de sujeito, verbo ou objeto da sentença oferecida na pergunta, conforme ilustrado em (7), em (8), em (9) e em (10).

(7) AV: Alguém está empurrando o carrinho, quem está empurrando o carrinho?
P: O bebê
(G2_P03_6a_F)

(8) Av: Tem um homem e uma girafa, o que ele está fazendo com a girafa?
P: Pescando... a girafa
(G3_P13_8a_M)

(9)Av: A mulher está usando uma coisa na cabeça, o que ela está usando?
P: Uma panela
(G4_P05_10a_F)

(10) Av: Alguém está empurrando o carrinho, quem está empurrando o carrinho?
P: A criança
(G5_P01_22a_M)

Além disso, em produções de participantes dos grupos de 8-9, 10-12 e 18-23, identificou-se um tipo de foco associado ao estranhamento diante da cena, caracterizado por entoação ascendente e alongamento final, equivalente ao que Carvanal *et al*. (2022) chamaram de foco com estranheza no PB. Embora distinto do foco informacional, previsto para a tarefa, esse padrão foi considerado uma possível resposta ao contexto comunicativo, conforme exemplificado em (11) e (12). Esse tipo de foco foi observado em três participantes do grupo de adultos, em dois participantes no grupo de 10-12 anos e em três participantes do grupo de 8-9 anos:

(11) AV: Tem um homem e uma girafa, o que este homem está fazendo com a girafa?
P: **Pescando** a girafa??? Rapaz...
(G5_P17_20a_M)

(12) Av: Alguém está empurrando o carrinho, quem está empurrando o carrinho?
P: Que imagem estranha... [com expressão de estranhamento]
Av: Quem tá empurrando o carrinho? [concordando com a cabeça]
P: O neném?
(G3_P20_9a_M)

Para o grupo de 6-7 anos, apenas uma criança apresentou um estranhamento diante da cena. No entanto, tal estranhamento não se marcou por meio de foco com estranheza, mas sim por expressões faciais e por expressões verbais, como mostra o exemplo (13):

(13) Av: Tem um homem e uma girafa, o que este homem está fazendo com a girafa?
P: Pescando a girafa... nunca vi pescar girafa!
(G2_P16_7a_M)

Para o grupo de 4-5 anos, não foi marcado um estranhamento, mas a criança ao identificar o "absurdo" na cena, achou engraçada a imagem:

(14) Av: A mulher está usando uma coisa na cabeça, o que ela está usando na cabeça?

P: Uma panela! Que engraçado!
(G1_P14_5a_M)

Apesar de o foco com estranheza ser caracterizado por entoação ascendente e alongamento final — diferindo do foco informativo esperado para a tarefa —, a demanda pragmática foi atendida. As crianças responderam ao que foi perguntado pela avaliadora e, além disso, associaram uma atitude (geralmente de estranhamento) à resposta-alvo, o que resultou em modificações na forma prosódica diante da "imagem absurda".

5.1.2.2 Foco contrastivo

Após a apresentação dos resultados referentes ao foco informacional, relatam-se a seguir os resultados qualitativos referentes ao foco contrastivo. Diferentemente do que foi observado no foco informacional, a produção das crianças de 4-5 anos não correspondeu ao foco contrastivo, sendo esse o alvo para o contexto proposto. Um exemplo disso é apresentado no exemplo (15):

(15) A avaliadora mostra a carta que contém um gato dentro do aquário.
Av: Agora eu vou falar uma coisa errada e você tem que me corrigir. Tem um peixe dentro do aquário.
P: E agora, que que eu faço?
Av: Você tem que me corrigir
P: É um gato
(G1_P04_4a_F)

Nesse caso, a complexidade pragmática envolvida na tarefa não foi captada, uma vez que é preciso compreender a imagem apresentada, identificar na fala da avaliadora uma incongruência e compreender que a tarefa proposta é corrigir tal incongruência. Para isso, é preciso que a criança faça um deslocamento na posição de "quem escuta" para "quem corrige", papel interacional pragmaticamente mais difícil de se ocupar do que o de "quem responde" – característico do foco informacional.

No plano prosódico, as respostas apresentaram padrões semelhantes aos observados na tarefa de foco informacional. Observou-se variação intragrupo tanto entre as crianças de 4-5 anos quanto entre as de 6-7 anos. Enquanto algumas produziram respostas mais

"econômicas" do ponto de vista linguístico – sem produzir marcações de contrastes, como em (16) –, outras, por sua vez, realizaram produções com marcações prosódicas de contraste mais salientes, incluindo uma negação explícita e alongamento vocálico no elemento em contraste, como se observa em (17).

(16) Av: Olha, tá nevando na praia
P: Tá **chovendo** [fazendo "não" com a cabeça]
(G1_P10_5a_F)

(17) Av: Olha, tem um peixe dentro do aquário!
P: Não, é um **ga:to**
(G2_P20_6a_M)

Para os grupos de 8-9 anos, a marcação do foco contrastivo seguiu, de modo geral, o padrão linguístico esperado, como ilustrado nos exemplos a seguir.

(18) Av: Veja essa imagem. Está ventando na praia.
P: Não, tá **chovendo**
(G3_P15_9a_M)

No entanto, observou-se variação intragrupo quanto à expressividade das crianças de 8-9 anos na produção do foco contrastivo, como em (19):

(19) Av: Veja essa imagem. Está ventando na praia.
P: Nada a vê! Tá **chovendo**
(G3_P20_9a_M)

Para o grupo de 10-12 anos, houve maior semelhança de respostas intragrupo, como em (20):

(20) Av: Veja essa imagem. Tem um peixe dentro do aquário
P: Não, é um **gato**
(G4_P09_10a_F)

Apesar disso, tanto no grupo de 8-9 anos, quanto no grupo de 10-12 anos, foram identificadas produções graduais, nas quais não se observaram marcas acústicas prototípicas de foco contrastivo (como alongamento ou aumento de intensidade), conforme exemplificado em (21).

(21) Av: Olha, o trem está andando no trilho
P: Ele tá... an-dando no mar
(G2_P02_6a_F)

Para o grupo dos adultos, observou-se também marcação de expressividade junto à produção do foco contrativo, com produções acompanhadas de risadas e sorrisos diante do contexto "absurdo" como apresentado no exemplo (22), em que o foco foi marcado sintática e prosodicamente e, ainda, gestualmente por meio de um sorriso de forma a expressar avaliação de que "de tão absurdo, chega a ser engraçado".

(22) Av: Tem um peixe dentro do aquário.
P: Não, isso não é um peixe, isso é um **gato**
(G5_P14_21a_M)

De modo geral, para todas as faixas etárias infantis, em termos qualitativos, houve maior acurácia na produção do foco informacional em comparação ao foco contrastivo, bem como maior acurácia no plano pragmático em relação ao plano prosódico.

Na sequência, serão apresentados os resultados qualitativos referentes à marcação da força ilocucionária.

7.1. Marcação de força ilocucionária

No que se refere à marcação da força ilocucionária, foram analisados quatro tipos de atos de fala: declarativos, interrogativos, ordens e pedidos. A análise qualitativa considerou tanto o plano pragmático, relacionado à compreensão da tarefa e à produção do ato de fala conforme o contexto interacional, quanto o plano prosódico, no que diz respeito à realização entoacional associada a cada tipo de ato.

Para contextualizar a produção atos de fala declarativos e interrogativos, propôs-se uma brincadeira de entrevista, na qual a avaliadora entrevistou as crianças e, posteriormente, a criança passou a ser a entrevistadora. Assim, contextualizou-se a produção de atos com forças ilocucionárias de declaração e de pergunta.

Para os atos de fala de pedido, foram apresentadas quatro situações hipotéticas para a criança, nas quais a criança deveria fazer um pedido conforme o contexto. Por fim, para os atos de fala de ordem, propôs-se uma brincadeira que funciona de modo que o mestre dá comandos ao outro participante, que deve seguir suas instruções, por exemplo, o mestre pode dizer: "Pule bem alto" e o interlocutor deve, assim, pular. Para produzir os atos de ordem, a criança em determinado momento da interação deveria assumir o papel de "mestre".

5.1.3.1 Declarativas

De modo geral, na produção de atos declarativos os participantes de todos os grupos etários atenderam à tarefa proposta oferecendo a produção do ato de fala de declarativo conforme o contexto interacional, ato esse caracterizado em termos prosódicos com entoação descendente na porção segmental final. Observou-se, entretanto, que, no grupo de 4-5 anos, houve maior tempo de latência antes da produção da resposta-alvo em comparação aos demais grupos, tendo sido necessária a intervenção da avaliadora, ainda que, uma vez iniciada a produção, os enunciados atendiam pragmática e prosodicamente à tarefa, como em (23):

(23) Av: Qual que é o seu nome completo?
P: **"H" ...**
Av: Como é o seu nome?
P: **"H" e "E"**
Av: É o "H e o "E"?
P: **Sim**
Av: E como você chama?
P: **Helena**
(G1_P08_4a_F)

Porém, no interior do mesmo grupo, algumas crianças não apresentaram maior tempo de latência e ofereceram respostas prontamente, como mostra o exemplo (24), assemelhando-se, assim, à dinâmica observada nos demais grupos etários.

(24) Av: Como você está hoje?
P: **Legal**
Av: E quantos anos você tem?
P: **Cinco**
Av: E qual que é sua cor favorita?
P: Todas?
Av: Pode ser
P: **Roxo, azul claro e rosa**
(G1_P15_5a_F)

A título de exemplificação, o exemplo (25) apresenta dado de atos de fala declarativo de participante do grupo de 8-9 anos.

(25) Av: Quantos anos você tem?
P: **Oito anos**
Av: Qual é sua cor favorita?
P: **Azul**
Av: E o que você mais gosta de fazer?
P: **Eu gosto de brincar**
Av: De quê?
P: **De cozinha**
(G3_P06_8a_F)

A seguir, apresentam-se os resultados qualitativos referentes aos atos de fala interrogativos.

5.1.3.2 Interrogativas

Na produção de atos de fala com força ilocucionária interrogativa, foram identificadas diferenças qualitativas entre os grupos etários.

No plano pragmático, a variação intragrupo foi considerável. No G1, ao mesmo tempo que algumas das crianças de 4-5 anos produziram perguntas direcionadas à avaliadora de forma espontânea, atendendo, assim, ao contexto interacional proposto, como exemplificado em (26), outras não produziram as perguntas em atendimento à brincadeira de entrevista proposta, demandando explicações adicionais e exemplos fornecidos pela avaliadora (27). Tais indícios permitiram identificar que essas crianças tinham desconhecimento do conceito

de pergunta. Nesses casos, mesmo após o suporte da avaliadora durante a interação para explicar a tarefa e dar continuidade à brincadeira de entrevista, essas crianças não produziram perguntas de modo espontâneo, tendo-as produzido, principalmente, por repetição.

(26) Av: Agora é sua vez, você pode me fazer quatro perguntas, o que você quer saber sobre mim?
P: **É: quantos anos você tem?**
Av: Eu tenho vinte e três
P: **Vinte e três?** [com entoação de pergunta de confirmação e a avaliadora concorda com cabeça] **E:::: qual é sua cor preferida?**
Av: verde
P: **verde?** [pergunta de confirmação] Tá! E::: **como que chama o nome da sua mãe e do seu pai?**
Av: É Anahi e Heraldo
P: E::: **como que é o nome da sua tia?**
(G1_P04_4a_F)

(27) Av: Agora você, pode me fazer quatro perguntas
P: **Não sei**
Av: Hmmm você sabe meu nome?
P: [concorda com a cabeça] **Cecília**
Av: E você sabe quantos anos eu tenho?
P: **Seis**
Av: Hm hm [fazendo "não" com a cabeça] Você vai ter que me perguntar... Pergunta pra mim quantos anos eu tenho
P: **Seis**
Av: Errou... acho que você não vai acertar
P: **Quatro... Cinco**
[Após outras tentativas, a Av seguiu com as outras tarefas do Instrumento e retornou às perguntas, explicando para a criança o que era "pergunta": algo que a gente faz quando quer saber sobre o outro e apresentou um exemplo]
Av: Qual é o seu animal favorito?
P: Sapo
Av: Agora você pergunta pra mim
P: **Qual que é o seu... o seu favorito animal?**
Av: Coelho. Agora... você gosta de abacaxi?

P: Uhum. **Você gosta de abóbora?**
Av: Eu gosto. Você tem cachorro?
P: [estalo de língua em negação] **Você tem cachorro?**
Av: Eu tenho. A última, você come espinafre?
P: [estalo de língua em negação] **Você come Pinóquio?**
Av: Come o quê? (com entoação e expressão facial de estranhamento)
P: **Pinóquio** [rindo]
(G1_P12_4a_M)

As crianças do grupo de 6-7 anos, por sua vez, sem exceção, compreenderam a proposta da tarefa e produziram as perguntas direcionadas à avaliadora, atendendo ao contexto interacional de entrevista e aos padrões entoacionais de perguntas do Português Brasileiro: ascendente para perguntas do tipo sim/não e descendente para perguntas com pronome interrogativo (Frota et al, 2015). No entanto, diferentemente de outros grupos, algumas crianças apresentaram maior tempo de latência antes da elaboração das perguntas.

(28) Av: Agora você vai me fazer quatro perguntas, o que você quer saber sobre mim?
P: **Você:: tem filhos?**
Av: Não tenho [...] você acha que eu devia ter?
P: Sim
Av: Sim? Vou pensar nisso...
P: Hmmm
Av: Você sabe meu nome?
P: Não
Av: Quer saber?
P: Sim
Av: Então me pergunta
P: **Como que é o seu nome? [rindo]**
Av: Meu nome é Cecília
P: **Cecília?** Hmmm... **Você mora aqui em Ocauçu?**
Av: Tô morando aqui em Ocauçu agora, mas eu não morava
P: **Aonde que você morava?**
Av: Eu morava em Marília, você conhece Marília? [P concorda que sim com a cabeça] ... é legal lá né? [P concorda com a cabeça]
(G2_P12_6a_M)

Nos demais grupos (a partir do grupo de 8-9 anos) os atos de fala interrogativos foram produzidos atendendo ao contexto interacional de entrevista e aos padrões entoacionais de perguntas do PB. No entanto, sem a presença do tempo de latência ou de necessidade de suporte da avaliadora, como representa o exemplo (29) – produzido por participante do G3, com idade entre 8 e 9 anos –, e o dado (30) – produzido por participante do G4, com idade de 10 anos.

.

(29) Av: Agora é sua vez de me fazer quatro perguntas
P: **Qual que é seu nome completo?**
Av: Cecília Lorena Silva Guida
P: **Quantos anos você tem?**
Av: Eu tenho 23 anos
P: Parece que você é mais nova
Av: Parece? Que bom! [ambos dão risada]
P: **Qual que é sua comida favorita?**
Av: Eu gosto muito de macarronada
(G3_P05_9a_M)

(30) Av: Agora sua vez de me fazer quatro perguntas
P: **Qual o seu nome?**
Av: Cecília
P: **Quantos anos você tem?**
Av: Eu tenho vinte e dois
P: **Sério? Parece que tem menos**
Av: Ah que bom! Obrigada
P: **Qual é sua cor favorita?**
Av: Verde
P: **Verde? Diferente...Você gosta de ler?**
Av: Gosto
(G4_P06_10a_F)

5.1.3.3 Ordens

Na marcação de atos de fala de ordem, observaram-se diferenças entre os grupos etários tanto no plano pragmático quanto no plano prosódico.

No plano pragmático, as crianças de 4-5 anos mostraram-se mais dependentes do modelo fornecido pela avaliadora, frequentemente reproduzindo exemplos previamente apresentados (31) ou formulando enunciados estruturalmente reduzidos (32):

> (31) Av: Eu vou ser o mestre e vou te dar quatro ordens, depois você vai ser o mestre e vai me dar quatro ordens, pode ser?
> P: Tá
> Av: Coloca uma mão na cabeça, coloca uma mão na cintura, pisca duas vezes e vira o pescoço
> P: **Põe a mão na cabeça, na cintura, olha pra lá e pisca duas vezes**
> (G1_P06_05a_M)

> (32) Av: Coloca uma mão na cabeça, coloca uma mão na cintura, pisca duas vezes e vira o pescoço. Agora você me dá quatro ordens.
> P: Vira o pescoço... põe mão na barriga... mão na cabeça...nariz
> (G1_P12_04a_M)

Para o exemplo (32), observa-se que a produção da primeira e da segunda ordem foi conforme o esperado para o padrão PB, no entanto, a terceira e a quarta ordem apresentaram estruturas reduzidas com a ausência do verbo [põe] que identifica a ordem, já que ele está presente na segunda ordem proferida e, portanto, é implicitamente retomado. Entoacionalmente, porém, apesar da redução, as ordens foram marcadas entoação descendente em consonância com descrições do PB para esse tipo de ato de fala (Gebara, 1976; Moares, 2008; Frota et al, 2015).

A partir dos grupos de 8-9 anos, observou-se maior autonomia na produção de ordens, apresentadas sempre com explicitação do verbo e, prosodicamente, com entoação descendente. Esse padrão se manteve nos demais grupos: 10-12 anos e adultos, conforme exemplificado em (34), (35) e (36).

> (33) Av: Coloca uma mão na cabeça, coloca uma mão na cintura, pisca duas vezes e vira o pescoço. Agora você me dá quatro ordens
> P: **Põe a mão aqui** [apontou para a bochecha]... **põe a mão:: a mão no ombro**. Deixa eu vê:::[pensando] **a mão na barriga**. A última**... a mão na perna**
> (G2_P16_7a_M)

A partir dos grupos de 8–9 anos, observou-se maior autonomia na produção de ordens, apresentadas sempre com explicitação do verbo e, prosodicamente, com entoação descendente. Esse padrão se manteve nos demais grupos: 10–12 anos e adultos, conforme exemplificado em (34), (35) e (36).

(34) Av: Coloca a mão na cabeça, coloca outra mão na barriga, vira o pescoço e pisque duas vezes
P: Coloca as duas mãos na cabeça, pisque quatro vezes... não sei mais... entorte o pescoço, abra a boca
(G3_P06_08a_F)

(35) Av: Agora é a sua vez de me dar quatro odens
P: **Coloca a mão na coxa, levanta os dois pés, agora levanta uma mão e coloca a outra na cabeça**
(G4_P05_10a_F)

(36) Av: Coloque a mão na cabeça, mostre a língua, vire o pescoço e feche os olhos
P: **Pisque de um olho só, levante uma sobrancelha... faça algum barulho e:: pisque os olhos três vezes**
(G5_P14_21a_M)

Após a apresentação dos exemplos, é possível afirmar que, no plano prosódico, uma análise qualitativa comparativa das ordens produzidas pelos grupos menores de 4-5 e 6-7 anos em relação às dos grupos de maior idade (a partir de 8-9 anos), observou-se que, embora a produção de ordem dos grupos de 4-5 e 6-7 anos tenha sido marcado por contorno entoacionais descendentes como ocorre desse tipo de ato de fala, o tom impositivo foi menos expressivo, sobretudo nos enunciados mais curtos. Nos grupos a partir de 8-9 anos, diferentemente, observou-se que a força ilocucionária de ordem passou a ser sinalizada de forma mais expressiva por meio de contornos descendentes com acentos nucleares mais marcados, os quais foram possivelmente combinados com maior controle da intensidade e da duração, aproximando-se do padrão identificado para o PB como denotando uma atitude mais impositiva conforme descreve Gebara (1976), Moares (2008) e Frota *et al.* (2015). Uma análise acústica seria recomendada para identificar essas diferenças em trabalhos futuros já que sua realização foge dos objetivos propostos para o presente trabalho.

5.1.3.4 Pedidos

A produção de pedidos pode ser considerada como a mais complexa dentre as forças ilocucionárias analisadas, apresentando variações qualitativas relevantes tanto no plano pragmático quanto no plano prosódico ao longo das faixas etárias.

No plano pragmático, as crianças de 4-5 anos produziram os pedidos em conformidade com o contexto. Como característica desse grupo, predominantemente, os pedidos foram precedidos por vocativos que faziam referência a pessoas próximas dos participantes (“ô mãe”, “tia”) em decorrência do contexto situacional para a produção do pedido apresentado pela avaliadora, indicando, assim, a responsividade pragmática das crianças em relação à tarefa proposta. Em termos de forma, os pedidos apresentaram extensão curta, como “me ajuda” e “pega pra mim”, e observou-se baixa incidência de marcadores linguísticos convencionais de polidez e maior apoio em recursos contextuais e expressivos, como vocativos e referência a vínculos familiares; no que diz respeito à entoação, predominantemente neste grupo, o contorno foi produzido como descendente. Um exemplo que ilustra a maioria das respostas desse grupo é apresentado em (37).

Houve, porém, variação intragrupo na formulação dos pedidos. Em alguns casos, como em (39), o pedido produzido pela criança não é apresentado de forma imediata e isolada, mas sim após uma sequência dialógica construída entre a criança e a avaliadora. Antes de formular o ato de pedir, a criança introduz personagens, descreve a situação e encena o evento, de modo que o pedido aparece como parte de um diálogo mais amplo. Nesses casos, a criança não apenas “executa” a tarefa proposta, mas desloca o foco do pedido para a construção de uma cena.

Já em produções como a de (40), o pedido é formulado por meio de uma pergunta modalizada (“o senhor poderia me ajudar?”). Mais do que ser interpretada como uma “forma mais elaborada” ou “mais próxima” do padrão adulto, essa produção mostra uma sustentação da criança como quem ocupa um papel social específico, de “quem solicita algo”, mobilizando recursos da língua que já circulam nas suas práticas linguísticas.

A variação intragrupo, portanto, se organiza para além de termos de presença ou ausência de marcas de polidez, mas por diferentes modos de interação da criança com o outro, seja por criar uma cena, seja por se inserir em uma posição de “quem pede”.

Av: Agora você vai imaginar que você está no parque, em um balanço e você precisa de ajuda para descer do balanço, como você pediria ajuda?

(37) P: Se fosse uma tia eu ia grita ô tia! E se fosse um adulto eu ia grita ô adulto!
Av: Pode ser pra tia, o que você falaria pra tia? Ô tia...
P: **Me tira do balanço**
(G1_P17_4a_M)

(38) P: Minha mamãe
Av: Você ia pedir pra sua mamãe?
P: No parquinho
Av: E como você ia pedir ajuda pra sua mamãe?
P: **Coloca eu no balanço**
(G1_ P08_4a_F)

(39) P: Eu tô muito alto e não consigo para aí eu chamo minha avó... que chama Maria... aí eu falo assim Maria vem aqui aí ela vem correndo e me para no balanço
Av: Ela vai saber? Ela vai chegar e vai perguntar o que foi? O que está acontecendo?
P: Aí eu vou falar pra ela me descer e para o balanço
Av: Então finge que eu sou a Maria... oi o que aconteceu?
P: **Eu não consigo parar, pode vir me ajudá?**
(G1_P06_5a_M)

No grupo de 6-7 anos, por sua vez, verificou-se a emergência de modalizadores de cortesia, como “por favor”, bem como de justificativas curtas (“porque eu não consigo”) na formulação do pedido, indicando o atendimento pragmático relativo a formas de dizer conforme convenções sociais associadas à formulação de pedidos. Com essas formulações, observou-se que, nesse grupo, algumas produções de pedido foram produzidas com entoação ascendente, detonando uma atitude menos impositiva (Gebara, 1976; Frota et al, 2015), com algumas delas tendo sido apresentadas de forma indireta como perguntas, a exemplo do que mostra o exemplo (40).

(40) Av: Agora você vai imaginar que você está no parque, em um balanço, e você precisa de ajuda para descer do balanço, como você pediria ajuda?
P: **Por favor, o senhor poderia me ajudar a descer?**

(G2_P05_7a_F)

Entre as crianças de 8-9 anos, os pedidos passaram a combinar múltiplos marcadores de polidez (“por favor”, “fazendo favor”) e tornou-se sistemático o uso de entoação ascendente para essa finalidade de atribuir polidez para caracterizar o pedido.

(41) Av: Agora você quer pegar uma caixa em uma prateleira alta e precisa de ajuda de um funcionário, como você pediria ajuda para ele?
P: **Pega a caixa ali fazendo favor** [com ascendência em “fazendo favor”]
(G3_P12_8a_F)

Para as produções do grupo de 10-12 anos e de adultos, observou-se ampla variação de estratégias linguísticas, com maior adaptação ao interlocutor, inclusão de advérbios temporais e apresentação de justificativas acompanhadas sistematicamente do contorno entoacional ascendente para marcar polidez na forma de perguntas. Nesses grupos, portanto, os pedidos foram formulados de forma indireta ao terem sido apresentados como perguntas (“você poderia…”, “tem como…”), como mostra (42) e (43), produzidos, respectivamente, por criança de 10 anos e por adulto .

(42) Av: Agora você quer pegar uma caixa em uma prateleira alta e precisa de ajuda de um funcionário, como você pediria ajuda para ele?
P: **Funcionário, você pode pegar aquilo ali pra mim por favor? Eu não alcanço**
(G4_P12_10a_F)

(43) Av: Agora você quer pegar uma caixa em uma prateleira alta e precisa de ajuda de um funcionário, como você pediria ajuda para ele?
P: **Licença, tem como você me ajudar aqui rapidinho? A caixa tá muito alta e eu preciso de ajuda pra pegar**
(G5_P01_22a_M)

A seguir, apresentam-se os resultados qualitativos para a marcação de troca de turno.

5.1.4 Marcação de troca de turno

A análise da marcação de troca de turno considerou dois tipos estruturais: sentenças coordenadas e enumeração de itens lexicais, observando-se como os participantes organizam o início, a continuidade e o encerramento do turno de fala nessas estruturas.

Para que fosse feita a análise da produção de sentenças coordenadas, foi perguntado para a criança "Qual a sua brincadeira favorita? Como você faz isso?" e aos adultos "O que você faz no seu tempo livre? Como você faz isso?".

Já as produções de enumeração de itens lexicais foram obtidas a partir de uma atividade mediada por imagem, que apresentava diferentes opções de comidas, frutas e bebidas. Nessa situação, solicitou-se ao participante que escolhesse, entre as opções disponíveis, quatro itens de sua preferência.

5.1.4.1 Sentenças coordenadas

De modo qualitativo, no plano pragmático, de forma geral, as crianças de 4–5 anos atenderam à tarefa de explicar o funcionamento da brincadeira de que mais gostavam, ainda, em termos formais, tenham realizado essas explicações por meio de produziram sentenças curtas, o que restringiu a possibilidade de observar a marcação de continuidade e/ou de turno, em enunciados mais longos, como exemplifica (44):

> (44) Av: Do que você mais gosta de fazer?
> P: É:::: [...] eu gosto de brincar das bonecas
> Av: Brincar de boneca? [P concorda com a cabeça] Como você brinca de boneca?
> P: **Eu brinco que eu sou a mamãe ou a professora e:::: o meu irmão é o professor**
> (G1_P04_4a_F)

Em contrapartida, no interior do mesmo grupo, houve casos, como no exemplo a seguir (45), em que, pragmaticamente, a tarefa de explicar a brincadeira não foi atendida. Ainda, no mesmo dado, chama atenção o modo como o participante se refere à brincadeira.

> (45) Av: Do que você mais gosta de brincar?
> P: Eu gosto mais de brincar de parte cabeça de lagarto, cabeça de qual bicho, e rabo de qual animal
> Av: Como que brinca disso?
> P: **É é fácil... é só é só brincar**
> Av: Mas eu não conheço essa brincadeira, como que tem que brincar?

P: **É nova essa brincadeira [...] essa brincadeira é só quando é criança... criança bebê**
Av: E você é bebê?
P: Não [rindo]
(G1_P05_4a_M)

Em (45), ainda que se possa supor que a descrição da brincadeira seja um jogo de encaixe, no qual é preciso encaixar as partes dos lagartos/bichos -, não se faz referência a uma brincadeira que a avaliadora possa identificar, tornando questionável se a resposta à pergunta feita pela avaliadora é atendida.

A partir dos 8-9 anos, as produções passaram a apresentar maior elaboração sintática com sentenças coordenadas mais longas, indicando a marcação de manutenção do turno na sporções mediais e conclusão na porção final, como em (46). No entanto, no interior deste grupo, continuou a variação intragrupo, como é possível de visualizar em (47), no qual respostas curtas foram apresentadas inviabilizando a identificação pormenorizada da marcação de turno.

(46) Av: E o que você mais gosta de fazer?
P: Eu gosto de ler livro e brinca
Av: Qual livro você mais gosta?
P: Eu... eu gosto de "Maradopin: E assim se fez Brasil!"
Av: Como que é esse livro? Não conheço
P: Esse livro é um que minha mãe ganhou na escola, aí veio a autora na escola dela... onde ela trabalha, aí ela deu esse livro pra mim
(G3_P17_8a_F)

(47) Av: E o que você mais gosta de fazer?
P: Eu gosto de brincá
Av: De quê?
P: De cozinha
Av: Como você brinca de cozinha?
P: Eu brinco com massinha
Av: É? O que você faz com a massinha?
P: Um monte de tipo de comida
(G3_P06_8a_F)

Para o grupo de 10-12 anos, observou-se uma produção de fala com domínio consistente da organização do turno, com produções que articulam de modo estável o início, a continuidade e o encerramento da fala em diferentes unidades entoacionais, como a frase entoacional.

(48) Av: O que você mais gosta de fazer?
P: De jogar vôlei
Av: E como joga vôlei? [...] Pode explicar as regras
P: **Ah:: depende de qual posição... eu por exemplo sou ponteira, eu ataco, eu saco, às vezes se precisar eu tô na defesa e no levantamento**
(G4_P13_12a_F)

O padrão que caracterizou o grupo de 10-12 anos assemelhou-se ao padrão do grupo de adultos, como se vê no exemplo (49):

(49) Av: O que você mais gosta de fazer?
P: Eu gosto muito de ouvir música... eu gosto de... passear com o meu cachorro na minha cidade... tomar café com a minha mãe
Av: Qual que é o nome do seu cachorro?
P: Aí você vai rir..., mas foi o meu padrastro quem deu o nome querendo encher meu... encher meus "piquá" [rindo], mas ela chama Duda
(G5_P05_19a_F)

5.1.4.2 Enumeração de itens lexicais

Na enumeração de itens lexicais, observou-se acurácia mais homogênea entre os grupos etários. As variações intragrupo concentraram-se no grupo de 4-5 anos, cujas produções alternaram entre entoação suspensiva típica de enumeração nos itens não finais e entoação descendente no item final, como em (50):

(50) P: Eu gostaria de escolhe:r um: **sorvete, um habúrguer, o chocolate e uma maçã**
(G1_P04_4a_F)

No entanto, no interior do mesmo grupo, foi possível observar produções em que os termos da lista foram produzidos como se estivessem isoladas, sem o contorno característico dos itens não-finais da lista, ou seja, todas elas foram produzidas com contorno descendente, como em (51):

(51) Av: Agora você pode escolher 4 coisas aqui da foto, o que você gostaria de escolher?
P: Uhum
Av: Você tem que me falar 4 coisas [G1S9 aponta para a uva] Como chama esse?
P: **Uva**
Av: Hmm e o que mais?
P: [aponta para a maçã e olha para a Av] **maçã**
Av: Uhumm
P: [aponta para o sorvete e olha para a Av] **sorvete** [aponta para o hambúrguer e olha para a Av] ...
Av: E como que é esse?
P: **Hamburguer**
(G1_P09_4a_M)

Para os demais grupos, verificou-se a diferenciação prosódica consistente entre itens não finais e o item final da enumeração, com marcação entoacional que organiza os itens como frases entoacionais no interior de um mesmo enunciado fonológico, sinalizando a continuidade e o fechamento do turno.

(52)P: **Sashimi... eh:: peixe, maçã, sorvete, chocolate**
(G2_P19_7a_M)

(53)P: **Eh::: o morango, que é minha fruta favorita, a uva, o chocolate e a banana**
(G3_P18_9a_F)

(54) P: **Nossa, só tem coisa gostosa... Ah a banana, o hambúrguer, o sushi e o leite**
(G5_P15_18a_M)

Feita a descrição qualitativa dos resultados, a seguir apresentam-se os resultados quantitativos obtidos.

5.2 Resultados quantitativos

As análises quantitativas basearam-se nas variáveis dependentes obtidas nas tarefas, calculadas a partir da acurácia geral e específica. Na apresentação dos resultados, reporta-se inicialmente o resultado quantitativo da acurácia geral dos grupos no plano pragmático e, em seguida, no plano prosódico. Posteriormente, apresenta-se o resultado da acurácia dos grupos por função prosódica, tanto no plano pragmático quanto no plano prosódico. Para tanto, a ordem de apresentação dos resultados por função será a seguinte: (a) marcação de acento lexical; (b) marcação de foco prosódico; (c) marcação de força ilocucionária; e (d) marcação de troca de turno.

5.2.1 Comparação da acurácia geral dos grupos nas funções prosódicas

A Tabela 1 mostra os resultados descritivos referentes à acurácia geral dos grupos nos planos pragmático e prosódico:

Tabela 1 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) do desempenho prosódico geral dos grupos nos planos pragmático e prosódico

Grupo	Funções															
	Plano Pragmático								Plano Prosódico							
	Acento		Turno		Força Ilocucionária		Foco		Acento		Turno		Força Ilocucionária		Foco	
	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP
4 – 5 anos	100	0,0	80,8	0,20	81,4	0,18	88,7	0,18	100	0,0	69,1	0,26	78,5	0,21	83,3	0,19
6 – 7 anos	100	0,0	89,1	0,14	93,9	0,05	89,5	0,16	100	0,0	87,5	0,15	89,2	0,07	87,5	0,20
8 – 9 anos	100	0,0	93,3	0,13	97,3	0,05	98,3	0,07	100	0,0	91,6	0,13	95,4	0,06	87,9	0,14
10 – 12 anos	100	0,0	98,3	0,07	100	0,00	100	0,00	100	0,0	98,3	0,07	98,5	0,02	91,2	0,14
18 – 23 anos	100	0,0	95,0	0,12	99,2	0,01	100	0,00	100	0,0	97,5	0,06	99,2	0,01	99,5	0,18
Geral	100	0,0	91,3	0,15	94,3	0,11	95,5	0,12	100	0,0	88,8	0,18	92,2	0,13	89,9	0,16

Fonte: Dados da pesquisa.

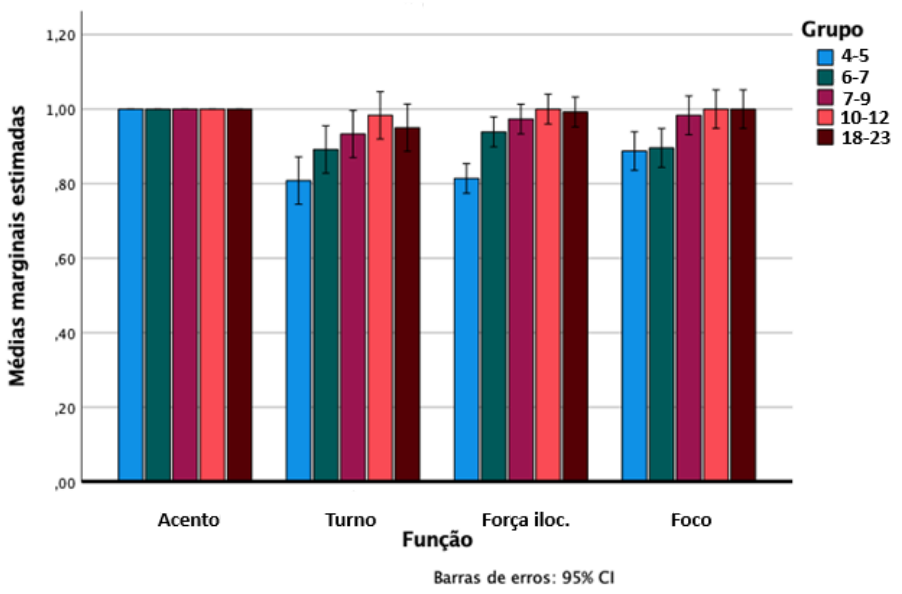
A fim de avaliar o efeito da idade e da função prosódica na acurácia geral dos participantes, foram performadas ANOVAs de Medidas Repetidas: uma para o plano pragmático e outra para o plano prosódico.

No que diz respeito ao plano pragmático, a ANOVA indicou efeito estatisticamente significativo para função ($F(3,285) = 14,651$; $p = 0,000$), para grupo etário ($F(4,95) = 11,920$;

p = 0,000), assim como para a interação entre função e grupo etário (F(12,285) = 3,131; p = 0,001).

Considerando o efeito significativo da interação entre função e grupo etário, a acurácia geral dos grupos no plano pragmático foi dependente da função prosódica, conforme ilustra o gráfico de barras a seguir (Gráfico 1):

Gráfico 1 – Média de acurácia geral dos grupos por função prosódica no plano pragmático



Fonte: Dados da pesquisa.

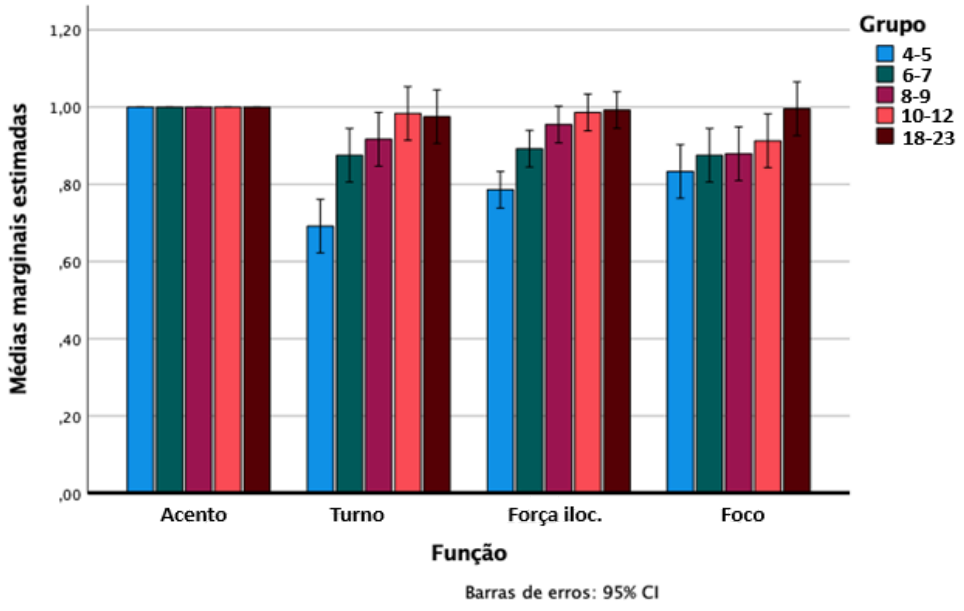
No Gráfico 1, observa-se que, no plano pragmático, a acurácia dos grupos etários é diferente a depender da função prosódica em questão. Na função de marcação de acento, os grupos etários não se diferenciaram, uma vez que todos os grupos obtiveram acurácia máxima. Em relação às demais funções, no entanto, os grupos não apresentaram acurácia idêntica.

Na função de marcação de turno, a produção de fala do grupo de 4-5 anos se diferenciou da produção de todos os demais grupos por apresentar a menor acurácia (Média = 80%); em contrapartida, a produção dos demais grupos não se diferenciou, apresentando acurácia similar nessa função prosódica (para todos, média acima de 89%) e maior em relação ao grupo de menor idade. Da mesma maneira, para a função de força ilocucionária, acurácia do grupo de 4-5 anos se diferenciou da acurácia dos demais grupos, apresentando o menor percentual (Média = 81%), enquanto os outros grupos apresentaram médias similares com

maiores valores percentuais (para todos, média acima de 93%). Por fim, para a função de foco, o grupo de 4-5 anos (Média = 88%) não se diferenciou do grupo de 6-7 anos (Média = 89%), enquanto os grupos de 8-9, 10-12 e 18-23 anos não se diferenciaram entre si (para todos, médias acima de 98%). Desse modo, para a função de foco, os dois grupos de menor idade, de forma similar, apresentaram menor acurácia em comparação com os demais grupos, que apresentaram, de forma similar, maior acurácia.

No que diz respeito ao plano prosódico, de forma similar ao indicado para o plano pragmático, a ANOVA indicou efeito estatisticamente significativo para função ($F(3,285) = 22,455$; $p = 0,000$), para grupo etário ($F(4,95) = 12,212$; $p = 0,000$), assim como para a interação entre função e grupo etário ($F(12,285) = 5,269$; $p = 0,000$), demonstrando que a acurácia dos grupos foi dependente da função, como mostra o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Média de acurácia geral dos grupos por função prosódica no plano prosódico



Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 2, observa-se que, no plano prosódico, a acurácia dos grupos etários é diferente a depender da função prosódica em questão. Para a função de marcação de acento, os grupos etários não apresentaram diferença, uma vez que a produção de fala de todos os

grupos obteve acurácia máxima. No entanto, em relação às demais funções, a acurácia dos grupos foi distinta.

Para ambas as funções de marcação de troca de turno e força ilocucionária, a produção de fala do grupo de 4-5 anos se diferenciou da produção dos demais grupos, mostrando menor acurácia. Na marcação de troca de turno, o grupo de 4-5 anos apresentou acurácia média de 69%; já a acurácia dos demais grupos foi maior (todos com médias acima de 87%). De modo semelhante, na função de força ilocucionária, o grupo de 4-5 anos também apresentou menor acurácia (Média = 78%), em contraste com a acurácia dos demais grupos, que obtiveram médias de acurácia superiores e semelhantes entre si (Médias = 89%). Por fim, na função de foco, observou-se um padrão inverso: os grupos de 4-5, 6-7, 8-9 e 10-12 anos apresentaram acurácia similar (Médias entre 83% e 91%), diferenciando-se do grupo de 18-23 anos, que apresentou a maior acurácia (Média = 99%).

Tendo em vista que a acurácia geral dos grupos foi dependente da função prosódica, foi realizada análise da acurácia dos grupos separadamente por função de modo a considerar as especificidades envolvidas em cada uma delas, conforme os critérios metodológicos adotados na elaboração do instrumento de coleta de dados, a fim de uma descrição detalhada com base em critérios linguísticos de organização no PB para cada uma das funções. Essa análise é apresentada a seguir.

5.2.2 Acurácia específica dos grupos por função prosódica

Como afirmado, na análise da acurácia dos grupos em cada função, foram considerados critérios específicos. No caso da marcação de acento, adotou-se como critério de análise o tipo de estrutura métrica da palavra produzida. No caso da marcação de foco, adotou-se como critério o tipo de foco produzido. Por sua vez, a marcação de força ilocucionária foi analisada considerando como critério o tipo de ato de fala. Por fim, a acurácia na marcação de turno foi analisada considerando o tipo de estrutura sintática. A seguir, inicia-se com os resultados obtidos para a marcação de acento.

5.2.2.1 Acurácia na função de marcação de acento

Na análise do acento, no plano prosódico, foi considerado o critério referente à estrutura métrica, na medida em que a acurácia dos grupos na marcação do acento foi mensurada considerando os três tipos de estrutura métrica: iambo, troqueu e dáctilo. A Tabela

2 apresenta os resultados referentes à acurácia na marcação do acento para os diferentes grupos por tipo de estrutura métrica:

Tabela 2 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) da acurácia dos grupos na marcação do acento por tipo de estrutura métrica nos planos pragmático e prosódico

Grupo	**Tipo de estrutura métrica**					
	Iambo		**Troqueu**		**Dáctilo**	
	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP
G1: 4 – 5 anos	100	0,00	100	0,00	100	0,00
G2: 6 – 7 anos	100	0,00	100	0,00	100	0,00
G3: 8 – 9 anos	100	0,00	100	0,00	100	0,00
G4: 10 – 12 anos	100	0,00	100	0,00	100	0,00
G5: 18 – 23 anos	100	0,00	100	0,00	100	0,00
Geral	100	0,00	100	0,00	100	0,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado na Tabela 2, a acurácia foi idêntica para todos os grupos nas três estruturas métricas analisadas (pé iambo, troqueu e dáctilo), com percentuais iguais a 100% e desvio-padrão igual a 0,000.

Os dados descritivos indicam acurácia máxima (100%) de todos os grupos etários na marcação do acento, independentemente do tipo de estrutura métrica. Em função da ausência de variabilidade nos dados, não foi realizado teste inferencial, uma vez que não há variação que permita testar efeitos do fator idade ou da estrutura linguística envolvida na marcação do acento.

No que diz respeito ao plano pragmático, os participantes de todos os grupos também apresentaram acurácia máxima (Média = 100%). Para a tarefa de marcação do acento, avaliou-se, no plano pragmático, se os participantes atenderiam à tarefa de apresentar respostas para as adivinhas da brincadeira “o que é, que é?”, proposta para os fins de elicitar, num contexto naturalístico, uma palavra-alvo sem necessidade de repetição ou nomeação.

A seguir descrevem-se os resultados referentes à marcação de foco.

5.2.2.2 Acurácia na função de marcação de foco

Na análise da função de marcação de foco, foi considerado o critério referente ao tipo de foco, na medida em que foi contabilizada acurácia nessa função em dois tipos de foco: informativo e contrastivo. A Tabela 3 apresenta os resultados obtidos pelos diferentes grupos em cada um desses tipos:

Tabela 3 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) da acurácia dos grupos na marcação de foco informacional e contrastivo nos planos pragmático e prosódico

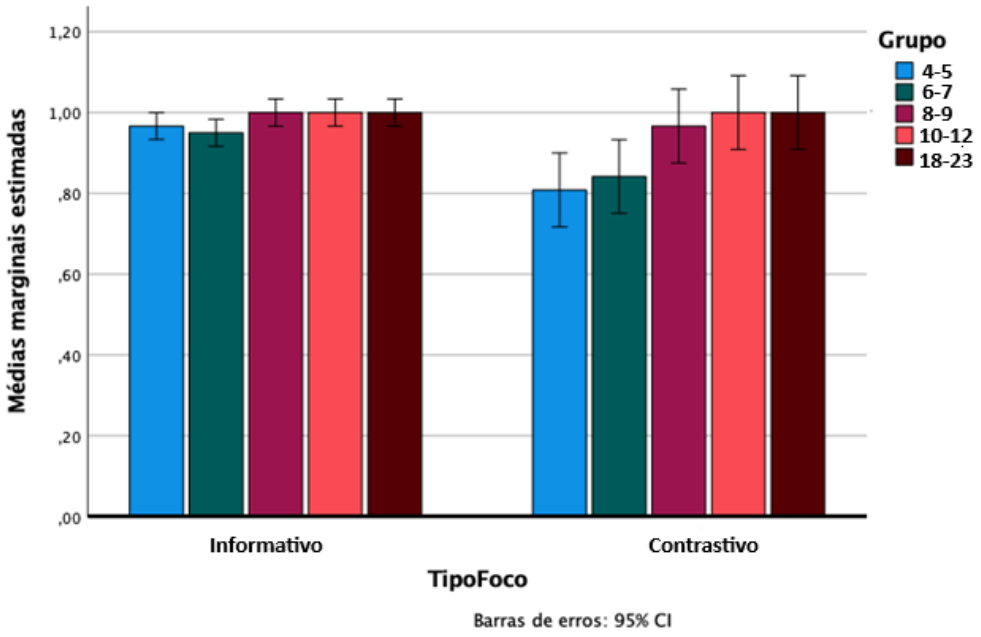
Grupo	**Tipo de Foco**							
	Pragmático				**Prosódico**			
	Foco Informacional		**Foco Contrastivo**		**Foco Informacional**		**Foco Contrastivo**	
	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP
G1: 4 – 5 anos	96,6	0,10	80,8	0,33	98,3	0,07	68,3	0,37
G2: 6 – 7 anos	95,0	0,13	84,1	0,27	93,3	0,16	81,6	0,30
G3: 8 – 9 anos	100	0,00	96,6	0,14	99,1	0,03	76,6	0,27
G4: 10 – 12 anos	100	0,00	100	0,00	100	0,00	82,5	0,28
G5: 18 – 23 anos	100	0,00	100	0,00	100	0,00	99,1	0,03
Geral	98,3	0,07	92,3	0,21	98,1	0,08	81,6	0,29

Fonte: Dados da pesquisa.

A fim de avaliar o efeito da idade e do tipo de foco na acurácia dos grupos, foram performadas ANOVAs de medidas repetidas: uma para o plano pragmático; e outra para o plano prosódico.

No que diz respeito ao plano pragmático a ANOVA indicou efeito estatisticamente significativo para tipo de foco ($F(1,95) = 8,751$; $p = 0,004$), para grupo etário ($F(4,95) = 4,704$; $p = 0,002$), assim como para a interação entre tipo de foco e grupo etário ($F(4,95) = 2,421$; $p = 0,054$), conforme ilustra o Gráfico 3:

Gráfico 3 – Média de acurácia dos grupos na marcação de foco informativo e contrastivo no plano pragmático

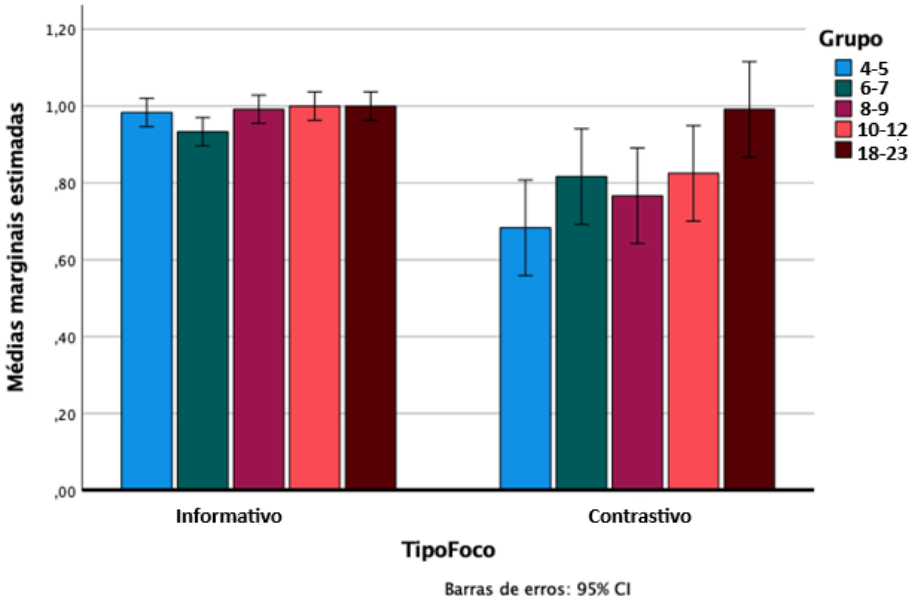


Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 3, observa-se que, para a marcação de foco, a acurácia dos grupos etários é diferente a depender do tipo de foco. Para o foco informativo, os grupos etários não se diferenciaram, uma vez que a produção de fala apresentou para os grupos percentual similar em termos de acurácia (média, para todos os grupos, acima de 80%). Em contrapartida, para o foco contrastivo, os grupos de 4-5 (Média = 80%) e 6-7 anos (média = 84%) não se diferenciaram entre si estatisticamente de forma significativa, mas apresentaram menor acurácia do que os demais grupos (para estes últimos, médias acima de 96%).

Ainda sobre a marcação de foco, no que diz respeito ao plano prosódico, a ANOVA indicou efeito estatisticamente significativo para o tipo de foco ($F(1,95) = 37,567$; $p = 0,000$), para grupo etário ($F(4,95) = 3,022$; $p = 0,022$), bem como para a interação entre tipo de foco e grupo etário ($F(4,95) = 3,367$; $p = 0,013$). Esses resultados indicam que a acurácia dos grupos variou conforme o tipo de foco no plano prosódico, assim como aconteceu no plano pragmático. O Gráfico 4 ilustra esse resultado:

Gráfico 4 – Média de acurácia dos grupos na marcação de foco informativo e contrastivo no plano prosódico



Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 4, observa-se que, para o foco informativo, os grupos etários não se diferenciaram, uma vez que a produção de fala de todos os grupos obteve percentual similar em termos de acurácia (em todas as produções dos grupos etários, médias acima de 93%). Em relação ao foco contrastivo, no entanto, a acurácia do grupo de 4-5 anos se diferenciou da acurácia dos demais grupos por apresentar o menor percentual (Média = 68%), enquanto a produção de fala dos grupos de 6-7, 8-9 e 10-12 anos não se diferenciou significativamente (as produções dos três grupos apresentou Médias entre 76 e 82%), apresentando acurácia similar e intermediária em relação aos demais, pois a acurácia desses grupos foi maior do que a do grupo de 4-5 anos e menor em relação ao grupos de adultos, que apresentou acurácia igual a 99%.

A seguir, apresentam-se os resultados para a função de força ilocucionária.

5.2.2.3 Acurácia na função de marcação de força ilocucionária

Na análise da função de força ilocucionária, o percentual da acurácia foi contabilizado para quatro atos de fala distintos: declarativo, interrogativo, ordem e pedido. A Tabela 4 apresenta os resultados obtidos pelos diferentes grupos na produção de atos de fala com essas diferentes forças ilocucionárias:

Tabela 4 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) da acurácia dos grupos na marcação de diferentes tipos de força ilocucionária nos planos pragmático e prosódico

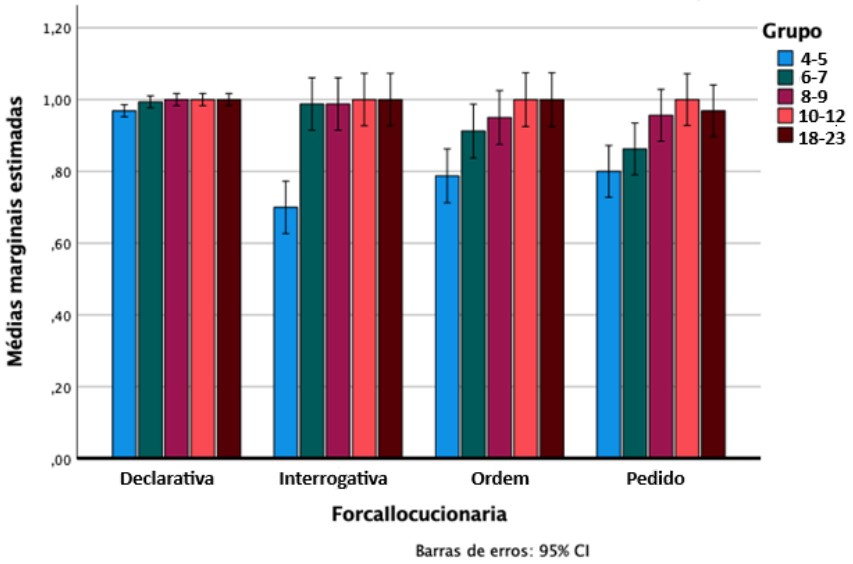
Grupo	Força ilocucionária															
	Pragmático								Prosódico							
	Declarativa		Interrogativa		Ordem		Pedido		Declarativa		Interrogativa		Ordem		Pedido	
	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP
4 – 5 anos	96,8	0,07	70,0	0,35	78,7	0,28	80,0	0,30	96,8	0,79	79,3	0,28	66,2	0,35	71,8	0,33
6 – 7 anos	99,3	0,02	98,7	0,05	91,2	0,19	86,2	0,13	100	0,00	95,1	0,08	84,7	0,16	73,6	0,17
8 – 9 anos	100	0,00	98,7	0,05	95,0	0,15	95,6	0,10	99,3	0,29	94,4	0,10	96,5	0,07	89,5	0,16
10 – 12 anos	100	0,00	100	0,00	100	0,00	100	0,00	100	0,00	98,6	0,04	99,3	0,02	99,3	0,02
18 – 23 anos	100	0,00	100	0,00	100	0,00	96,8	0,07	100	0,00	99,3	0,02	99,3	0,29	95,8	0,12
Geral	99,2	0,39	93,5	0,19	93,0	0,18	91,7	0,17	99,1	0,04	93,0	0,16	88,7	0,22	85,7	0,22

Fonte: Dados da pesquisa.

A fim de avaliar o efeito da idade e da força ilocucionária na acurácia geral dos participantes, foram performadas ANOVAs de medidas repetidas: uma para o plano pragmático e outra para o plano prosódico.

No que diz respeito ao plano pragmático, a ANOVA indicou efeito estatisticamente significativo para o tipo de força ($F(3,285) = 6,520$; $p = 0,000$), para o grupo etário ($F(4,95) = 14,373$; $p = 0,000$), assim como para a interação entre o tipo de força e grupo etário ($F(12,285) = 3,481$; $p = 0,000$), resultado que indica que a acurácia dos grupos foi diferente a depender do tipo de força ilocucionária: declarativa, interrogativa, ordem e pedido, conforme ilustra o Gráfico 5:

Gráfico 5 – Médias de acurácia dos grupos para a marcação de força ilocucionária no plano pragmático



Fonte: Dados da pesquisa.

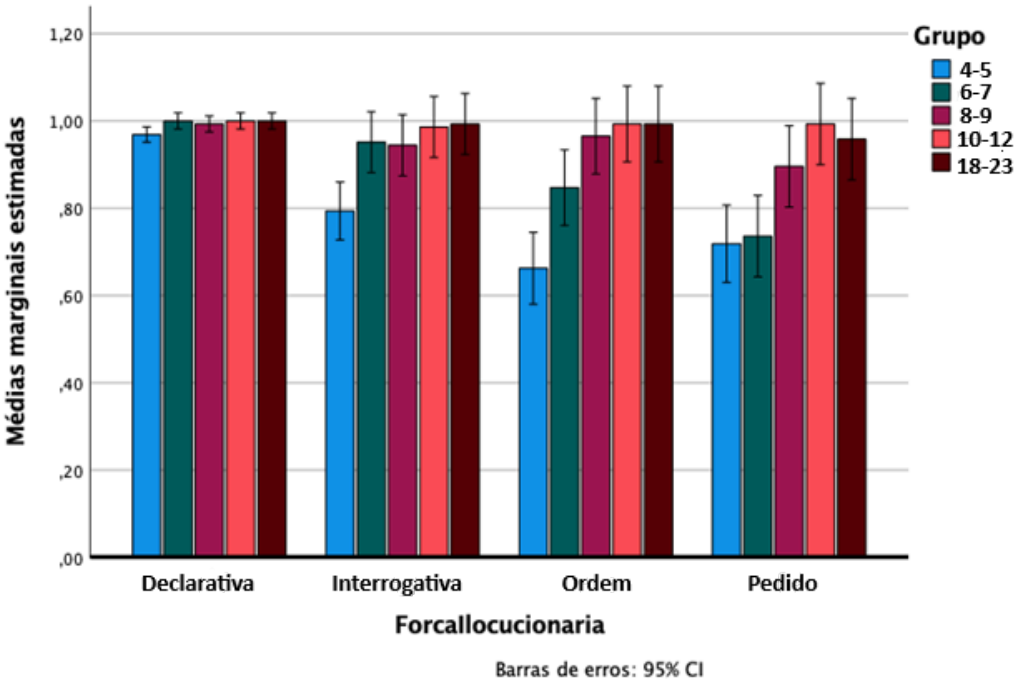
Conforme ilustra o Gráfico 5, na produção de declarativas, os grupos etários não se diferenciaram, uma vez que todas as produções de fala dos grupos obtiveram acurácia similar (Média, para todas as produções, acima de 96%). Em relação às demais forças ilocucionárias, no entanto, os grupos não apresentaram acurácia idêntico.

Na produção de interrogativas, o grupo de 4-5 anos se diferenciou de todos os demais, por apresentar a menor acurácia (Média = 70%). Em contrapartida, os outros grupos não se diferenciaram entre si, apresentando acurácia similar maior em relação ao grupo de menor idade (para todos, acurácia acima de 98%). O mesmo não aconteceu para a ordem, pois os grupos de 4-5 e de 6-7 anos apresentaram acurácia significativamente menor (Médias respectivas de 78% e 91%) em relação à produção de fala dos outros três grupos, que, similarmente, apresentaram acurácia acima de 95%. Da mesma maneira, para a força de pedido, o grupo de 4-5 anos (Média = 80%) não se diferenciou do grupo de 6-7 anos (Média = 86%), enquanto os grupos de maior faixa etária não se diferenciaram entre si (para todos, médias acima de 95%), ou seja, os dois grupos de menor idade, de forma similar, apresentaram acurácia mais baixa em comparação com os demais, que apresentaram, de forma similar, maior acurácia.

Ainda sobre a marcação de força ilocucionária, no que diz respeito ao plano prosódico, a ANOVA indicou efeito estatisticamente significativo para o tipo de força (F(3,261) =

18,325; p = 0,000), para grupo etário (F(4,87) = 11,704; p = 0,000), bem como para a interação entre o tipo de força e grupo etário (F(12,261) = 4,999; p = 0,000). Esses resultados indicam que a acurácia dos grupos variou conforme tipo de força ilocucionária também no plano prosódico, isto é, houve interação entre força e grupo etário, conforme ilustra o Gráfico 6:

Gráfico 6 – Médias de acurácia dos grupos na marcação de força ilocucionária no plano prosódico



Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 6, observa-se que, para a marcação de força ilocucionária de declaração, os grupos não se diferenciaram significativamente, uma vez que a acurácia de todos contou médias acima de 96%. Em relação às demais forças ilocucionárias, no entanto, a acurácia dos grupos não foi idêntica.

Para a força ilocucionária de interrogação, o grupo de 4-5 anos se diferenciou de todos os demais, por apresentar a menor acurácia (Média = 79%). Em contrapartida, os demais grupos não se diferenciaram entre si, apresentando acurácia com médias acima de 95%.

Em contrapartida, para a força de ordem, num nível estatístico significativo, o grupo de 4-5 anos (Média = 66%) se diferenciou do de 6-7 anos (Média = 84%), que, por sua vez, se diferenciou dos de 8-9, 10-12 e 18-23 anos, que apresentaram, similarmente, acurácia com

médias acima de 96%. Cabe destacar aqui que, diferentemente do que se observou no plano pragmático, para marcação prosódica de ordem, as diferenças entre os grupos de 4-5 e 6-7 anos indicam médias de acurácia distintas, sendo o grupo de 4-5 anos aquele com menor acurácia.

Por fim, para a força de pedido, o grupo de 4-5 anos (média = 71%) não se diferenciou significativamente do grupo de 6-7 anos (média = 73%) apresentando, assim, acurácia similar e inferior em relação aos demais. O grupo de 8-9 anos (média = 89%), por sua vez, se diferenciou de forma estatisticamente significativa dos grupos de menor faixa etária, apresentando maior acurácia em relação a eles e, ainda, apresentando menor acurácia em relação aos grupos de 10-12 e 18-23 (que apresentaram médias de acurácia acima de 95%). Destaca-se também aqui que o resultado no plano prosódico do grupo de 8-9 anos em relação aos grupos de maior faixa etária foi distinto em relação ao do plano pragmático.

Por fim, apresenta-se o resultado referente à função de turno.

5.2.2.4 Acurácia na função de marcação de turno

Na análise da função de marcação de troca de turno, foi considerado o critério referente ao tipo de sentença, na medida em que foi mensurada a acurácia nessa função em duas estruturas sintáticas distintas: sentenças coordenadas e itens lexicais enumerados. A Tabela 5 apresenta os resultados descritivos dos grupos por tipo de estrutura sintática coordenada e de enumeração de itens lexicais:

Tabela 5 – Médias (M) e desvios-padrão (DP) de desempenho dos grupos na marcação de troca de turno por tipo de estrutura coordenada nos planos pragmático e prosódico

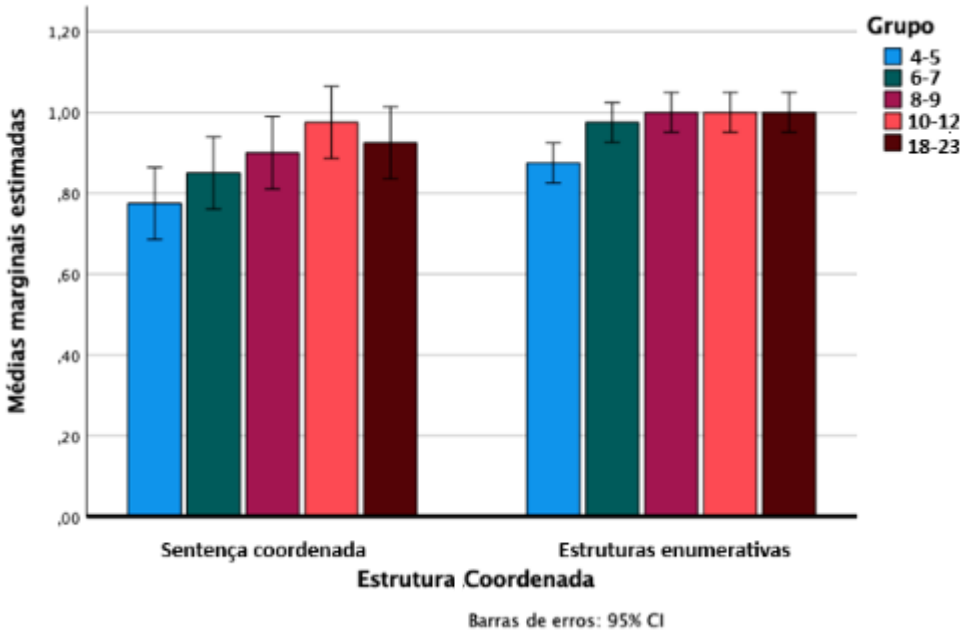
Grupo	**Tipo de Estrutura Coordenada**							
	Pragmático				**Prosódico**			
	Sentença Coordenada		**Itens Lexicais Enumerados**		**Sentença Coordenada**		**Itens Lexicais Enumerados**	
	M (%)	DP	M (%)	DP	M (%)	DP		
G1: 4 – 5 anos	77,5	0,25	87,5	0,22	68,7	0,29	70,0	0,47
G2: 6 – 7 anos	85,0	0,22	97,5	0,11	82,5	0,23	97,5	0,11
G3: 8 – 9 anos	90,0	0,20	00,0	0,00	87,5	0,20	00,0	0,00
G4: 10 – 12 anos	97,5	0,11	00,0	0,00	97,5	0,11	00,0	0,00
G5: 18 – 23 anos	92,5	0,18	00,0	0,00	96,2	0,91	00,0	0,00

Geral	88,5	0,20	97,0	0,11	86,5	0,22	93,5	0,24

Fonte: Dados da pesquisa

Na análise da acurácia no plano pragmático, a ANOVA de Medidas Repetidas indicou efeito estatisticamente significativo para estrutura coordenada (F(1,95) = 15,127; p = 0,000) e grupo (F(4,95)) = 5,562; p = 0,000). Não foi indicado efeito significativo para a interação entre essas variáveis (F(4, 95) = 0,602); p = 0,662). O Gráfico 7 ilustra esse resultado, que indica que a acurácia dos grupos foi significativamente maior em respostas oferecidas no contexto pragmático-interativo no qual o turno era marcado em itens lexicais enumerados (Média geral estimada = 88,5%) em relação às sentenças coordenadas (Média geral estimada = 97%). No que diz respeito aos grupos, o teste *post hoc* Bonferroni indicou que os grupos de 4-5 e 6-7 anos apresentaram acurácia similar e significativamente menor (médias gerais estimadas: 4-5 anos = 82,5% e 6-7 anos = 91,2%) do que o dos demais grupos, que não se diferenciam entre si (com médias gerais estimadas: 8-9 anos = 95%, 10-12 anos = 98,7% e 18-23 anos = 96,3%).

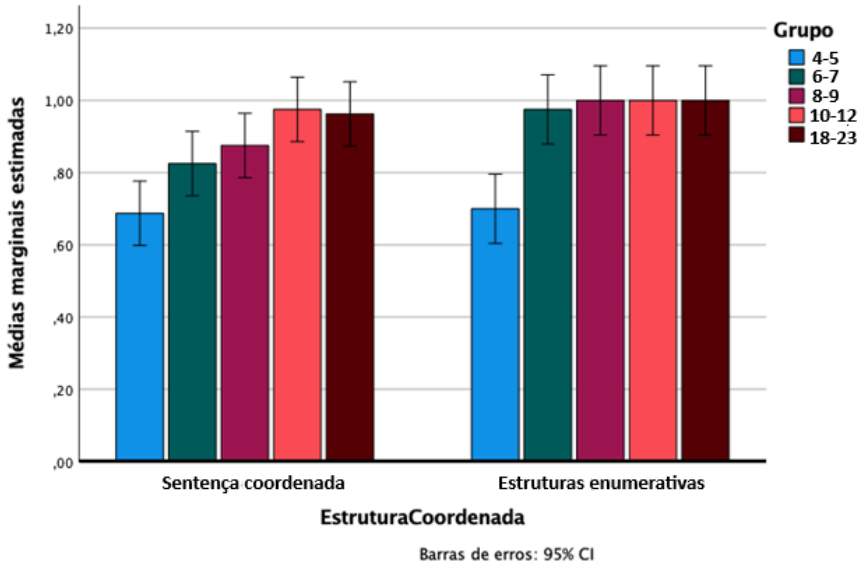
Gráfico 7 – Médias de desempenho dos grupos para a marcação de turno no plano pragmático



Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito à análise da acurácia no plano prosódico, a ANOVA de Medidas Repetidas indicou efeito estatisticamente significativo para estrutura coordenada (F(1,95) = 6,050; p = 0,016) e grupo (F(4,95) = 12,504; p = 0,000). Não foi indicado efeito significativo para a interação entre essas variáveis (F(4,95) = 0,976); p = 0,424). O Gráfico 8 ilustra esse resultado, que indica que a acurácia foi significativamente maior em itens lexicais enumerados (Média geral estimada = 86,5%) em comparação às sentenças coordenadas (Média geral estimada = 93,5%) e, ainda, de acordo com o teste *post hoc* Bonferroni, que o grupo de 4-5 anos apresentou acurácia diferente e significativamente menor do que os demais grupos (Média = 69,4%), que não se diferenciaram entre si (Médias gerais estimadas: 6-7 anos = 90%, 8-9 anos =93,8%, 10-12 anos = 98,8% e 18-23 anos = 98,1%):

Gráfico 8 – Médias de acurácia dos grupos para a marcação de turno no plano prosódico



Fonte: Dados da pesquisa.

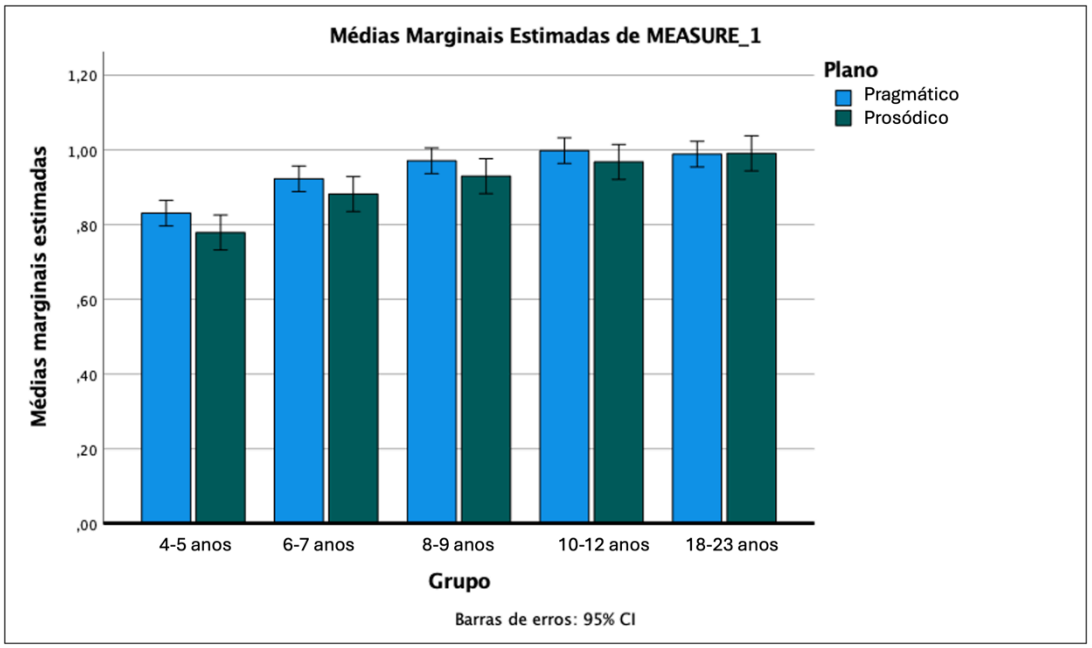
Finalizando a apresentação dos resultados da acurácia dos grupos nas funções estudadas, chamamos a atenção para o fato de que, na maioria das funções, não necessariamente a acurácia dos grupos foi o mesmo quando foram considerados os planos pragmático e prosódico, sugerindo que, ainda que relacionados, eles demandam análises de acurácia separadas. A fim de avaliar essa suspeita, realizamos uma ANOVA de Medidas Repetidas que comparou a acurácia geral dos grupos nos planos pragmático e prosódico, considerando o a acurácia dos grupos como variável dependente, o plano como variável

intragrupo e os grupos etários como variável intergrupo. O resultado é apresentado na próxima seção.

5.2.3 Acurácia dos grupos nos planos pragmático e prosódico

Como resultado, obteve-se efeito estatisticamente significativo para plano (F(1,95) = 30,349; p = 0,001), para grupo (F(4,95) = 15,064; p = 0,001) e para a interação entre plano e grupo (F(4,95) = 2,488; p = 0,048), demonstrando que a diferença da acurácia nos diferentes planos é dependente do grupo etário. O Gráfico 9 apresenta a especificidade desse resultado:

Gráfico 9 – Médias geral de acurácia dos grupos nos planos pragmático e prosódico



Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 9 mostra, por um lado, que a acurácia dos grupos de crianças foi significativamente diferente nos planos pragmático e prosódico, sendo maior no pragmático do que no prosódico. Por outro lado, o gráfico mostra que a acurácia do grupo de adultos foi similar em ambos os planos – pragmático e prosódico, indicando que, nesse grupo, o padrão prosódico para o atendimento às diferentes funções comunicativas desempenhadas pela prosódia foi tão acurado quanto a própria qualidade da interação comunicativa nas tarefas propostas. Diferentemente, porém, no caso das crianças, ainda que pragmaticamente as

funções tenham sido atendidas na interação comunicativa das tarefas propostas, o padrão prosódico para a manifestação dessas funções foi menos acurado. Esse resultado indica, a nosso ver, que o refinamento do padrão prosódico para o atendimento das diferentes funções comunicativas desempenhadas pela prosódia parece ser o que prolonga a aquisição prosódica em termos etários.

A seguir, será apresentado o capítulo de discussão deste trabalho.

6 DISCUSSÃO

Neste capítulo, os resultados do presente estudo serão discutidos à luz dos achados da literatura sobre aquisição prosódica, apresentados no capítulo de fundamentação teórica, cuja organização permitiu apontar para a emergência precoce da prosódia, uma vez que bebês e crianças pequenas já demonstram sensibilidade a padrões rítmicos, entoacionais e de proeminência. No entanto, apesar de seu início precoce, a aquisição da prosódia não se encerra nos primeiros anos de vida, estendendo-se ao longo da infância, com diferentes funções prosódicas apresentando padrões emergentes distintos (Chen *et al.,* 2020).

Do ponto de vista teórico, a prosódia é um termo guarda-chuva que cobre uma variedade de fenômenos interconectados e interativos (Arvaniti, 2020), a qual se encontra conectada de diversas maneiras ao contexto, entendido como estrutural, pragmático e situacional (Cole, 2015). Essa conceitualização distancia a prosódia de outras ideias amplamente difundidas, compreendendo que a prosódia não se limita a um conjunto de formas acústicas, mas desempenha funções linguísticas e pragmáticas na organização da fala.

Essas funções prosódicas – como a marcação de acento lexical, de foco, de força ilocucionária e de troca de turno – exigem não apenas uma ordenação e um controle fonético, mas também a capacidade de integrar informações dos planos funcional e pragmático à estrutura prosódica da fala. Do ponto de vista clínico, essa ordenação e controle podem apresentar alterações frequentes, como nos quadros de TSF, especialmente no subtipo de TMF. Apesar de esses quadros serem bastante comuns em populações clínicas infantis, os protocolos de avaliação clínica incorporam a prosódia de maneira pouco sistematizada, sem dispor de parâmetros aquisicionais que permitam distinguir uma variação típica (padrão de aquisição emergente) de alterações propriamente ditas. Entre os trabalhos que se propõem a abordar essa questão, destaca-se Sousa (2020), o qual contou com a aplicação do PEPS-C-BR (contribuindo, de forma relevante, para a literatura do PB), embora apresentando recortes teóricos e metodológicos que restringem a comparação de seus resultados com os dados do presente estudo.

A aquisição prosódica, portanto, é compreendida, neste trabalho, não como a simples emergência de capacidades internas da criança, mas como um processo gradual de organização e estabilização de recursos prosódicos da língua, que se dá em função da experiência e do uso linguístico em contextos pragmáticos distintos. Nesse sentido, a

gradualidade observada nos resultados também pode ser compreendida como decorrente da complexidade das relações entre aspectos simbólicos e físicos da prosódia, cuja integração se dá de maneira progressiva ao longo do processo de aquisição.

Diante das lacunas apresentadas, o presente estudo teve por objetivo geral: caracterizar padrões de emergência de quatro diferentes funções linguísticas desempenhadas pela prosódia no PB em tarefas de produção de fala durante o processo de aquisição prosódica. Esse objetivo geral se desdobrou em três objetivos específicos: (1) comparar a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno; (2) identificar se haveria mudanças no uso dos padrões prosódicos para marcar as quatro funções investigadas durante o processo de aquisição prosódica do PB; e (3) caracterizar a acurácia prosódica na produção de fala de crianças de diferentes faixas etárias no que diz respeito à marcação de acento de palavra, foco, força ilocucionária e troca de turno.

Como hipótese, partindo da literatura sobre aquisição de linguagem infantil (Frota *et al.,* 2020; Chen *et al.,* 2020) e considerando a natureza gradual, funcional e não linear do padrão prosódico emergente, propõe-se que: (1) crianças mais velhas apresentariam maior acurácia prosódica nas tarefas de produção de fala, o que se refletiria em um deslocamento do uso de padrões melódicos e rítmicos mais básicos para um uso orientado por demandas pragmáticas, em consonância com o objetivo específico (1); 2) a acurácia na marcação das diferentes funções prosódicas ocorreria de forma gradual e diferenciada, de modo que algumas funções, como o acento de palavra, tenderiam a apresentar maior acurácia em faixas etárias mais precoces, enquanto outras, como a marcação de foco prosódico, se consolidariam mais tardiamente, em alinhamento com o objetivo específico (2); e (3) haveria variação entre sujeitos na marcação prosódica das funções investigadas, mesmo no interior de um mesmo grupo, o que dialoga diretamente com o objetivo específico (3) e permite relativizar a noção de marcos aquisicionais rígidos, considerando as distintas relações que se estabelecem entre sujeito e linguagem quando o processo de aquisição é analisado a partir de uma perspectiva singularizada da criança.

Essas hipóteses sustentam-se numa visão de aquisição *top-down* e funcional, em que a prosódia emerge de padrões básicos para formas mais sofisticadas de organização pragmática e discursiva e reforça tanto a importância de análises comparativas entre faixas etárias para mapear padrões prosódicos no PB quanto o olhar para processos singulares, que podem ficar

ocultos quando se consideram apenas os “alvos” a serem alcançados.

Após contextualizar o ponto de vista teórico que orienta este trabalho e retomar os objetivos e as hipóteses, os tópicos seguintes contarão com a organização da discussão conforme as funções prosódicas analisadas (a saber, marcação de acento lexical, marcação de foco, marcação de força ilocucionária e marcação de troca de turno). Ao final, será realizada uma discussão geral, articulando os achados relativos às diferentes funções, com o propósito de discutir em que medida as hipóteses propostas foram corroboradas.

6.1 Marcação de acento lexical

A marcação de acento lexical é fortemente vinculada à estrutura métrica e às propriedades fonológicas das palavras na língua, sendo organizada em pés métricos e associado a padrões regulares de proeminência (Bisol, 2004; Mattoso Câmara, 1969). A compreensão dessa articulação entre o acento lexical e o ritmo é essencial para descrever o funcionamento prosódico do PB, especialmente quando se busca investigar a aquisição dessa função. Como mostram Santos (2007, 2018) e Frota et al. (2016, 2024), a estabilização do padrão troqueu e o domínio da acentuação secundária emergem de forma gradual, sendo sensíveis a fatores como número de sílabas, estrutura métrica e contexto morfossintático.

No âmbito clínico, o acento lexical também tem sido considerado relativamente preservado em quadros típicos, sendo mais frequentemente afetado em casos de TMF ou em perfis fonológicos mais severos (Shriberg et al., 2010).

Orientando-se pela literatura supracitada, os resultados quantitativos deste estudo indicaram 100% de acurácia de todos os grupos etários, tanto no plano prosódico quanto no plano pragmático, independentemente da estrutura métrica (iambo, troqueu ou dáctilo). A ausência de variabilidade entre grupos e entre tipos de pé métrico aponta para uma estabilidade precoce na função de marcação de acento lexical, uma vez que se encontra similar ao padrão adulto desde os 4 anos. Essa estabilidade precoce pode estar relacionada ao fato de que o acento lexical constitui uma propriedade estrutural da língua, menos dependente de variações pragmático-discursivas e, portanto, mais cedo estabilizada na aquisição.

Do ponto de vista qualitativo, as produções confirmaram essa estabilidade na produção do acento. Mesmo em casos em que houve hesitações, oscilações no acesso lexical ou simplificação segmental, a posição do acento manteve-se consistente com o padrão esperado para o PB. Observou-se, entretanto, maior variabilidade em itens lexicais como

observadas nos itens lexicais “açúcar”, “xícara”, “triângulo”, “escorregador” e “abóbora”, principalmente relacionadas ao acesso lexical dos itens, mas não à organização prosódica do acento. Tal variabilidade pode indicar uma limitação metodológica do instrumento, devendo ser considerada na interpretação dos dados.

Diante de tais achados quantitativos e qualitativos, a segunda hipótese desta pesquisa foi corroborada. Hipotetizou-se que a acurácia na marcação das diferentes funções prosódicas ocorreria de forma gradual e diferenciada, de modo que algumas funções, como o acento de palavra, tenderiam a apresentar níveis elevados de acurácia em faixas etárias mais precoces, enquanto outras, como a marcação de foco prosódico, se consolidariam em etapas mais avançadas do processo de aquisição de linguagem. O fato de crianças de 4-5 anos apresentarem acurácia idêntica à de adultos sugere que a aquisição dos padrões métricos do PB ocorre antes mesmo da completa estabilização lexical e segmental – para o plano segmental, sugere-se a leitura de Ribas *et al*., 2022).

Do ponto de vista teórico, esses resultados levam a considerar que diferentes funções prosódicas se mostram, na fala adulta e infantil, em tempos e modos distintos. Enquanto a marcação de acento lexical se mostra altamente estável no intervalo etário investigado, outras funções (a serem discutidas a seguir), apresentam maior variabilidade, uma vez que dependem de contextos pragmáticos mais complexos.

É válido ressaltar que, para o contexto clínico, esses achados sugerem que alterações na marcação de acento lexical observadas na produção de fala de crianças maiores que quatro anos podem ser indicadores de atenção clínica, dado que, na produção de fala de crianças com essa idade e em aquisição típica, essa função já se encontra estabilizada. Assim, o acento lexical pode funcionar como um importante parâmetro de referência na avaliação fonoaudiológica, auxiliando na distinção entre variação típica (levando em consideração aspectos pragmáticos e de “desconhecimento” da palavra) e alterações prosódicas clinicamente relevantes.

A seguir, será feita a discussão função prosódica de marcação de foco.

6.2 Marcação de foco

A prosódia se caracteriza como uma das primeiras dimensões a serem adquiridas na infância, sendo utilizada, inicialmente, de forma ampla e global, para posteriormente se tornar diferenciada e contrastiva (Vihman, 2018). Entretanto, a marcação de foco prosódico é descrita na literatura como uma das mais complexas funções desempenhadas pela prosódia,

em razão da dependência da articulação entre estrutura informacional, pragmática e parâmetros acústicos (Carnaval et al, 2022). Diferentemente do acento lexical, cuja marcação é fortemente convencionalizada na língua, o foco envolve diferentes contextos situacionais, como indicar uma informação nova ou corrigir uma informação anteriormente apresentada na situação de fala, sendo realizada por meio de proeminência prosódica ou organização sintática.

Considerando que a relação entre forma e função prosódica não é direta (Cole, 2015), os mesmos recursos acústicos podem apresentar significados distintos a depender do contexto, assim, uma mesma função pode ser produzida por diferentes meios. Desse modo, o processo de aquisição do foco não se reduz ao "aprendizado" de padrões entoacionais específicos, mas envolve a inserção da criança em situações comunicativas nas quais determinados arranjos prosódicos passam a se associar a sentidos semântico-pragmáticos. Assim, embora a forma e a função se mostrarem relacionadas, essa relação não é de correspondência biunívoca, ou seja, não é sempre de um para um.

Uma perspectiva que permite discutir esse processo a partir da centralidade da interação (da criança com o outro) é a proposta de De Lemos (2002). Nessa abordagem, a fala da criança é compreendida no interior da relação com a fala do outro e com o funcionamento da língua, e a aquisição é descrita em termos de deslocamentos na posição da criança frente à língua. Assim, diferente do que pressupor a identificação prévia de intenções comunicativas como entidades mentais, essa perspectiva possibilita compreender como, ao longo da interlocução, certos recursos formais — entre eles os prosódicos — passam a funcionar de modo cada vez mais delimitado nas trocas entre sujeitos, produzindo efeitos de sentido reconhecíveis no diálogo.

Os resultados quantitativos do presente estudo apontam para um padrão robusto: enquanto o foco informacional apresentou altos níveis de acurácia na fala de todos os grupos etários, tanto no plano pragmático quanto no prosódico, o foco contrastivo mostrou-se significativamente menos acurado, sobretudo nos grupos mais jovens. No plano pragmático, a marcação de foco contrastivo na fala das crianças de 4-5 e 6-7 anos apresentou menor acurácia em comparação aos grupos mais velhos, indicando que a complexidade funcional da língua se impôs às crianças mais novas a ponto de acessarem com menos frequência o contexto dialógico proposto pelo avaliador para marcar a correção. No plano prosódico, essa diferença foi ainda maior: a marcação de foco do grupo de 4-5 anos foi menos acurada,

seguida por acurácia intermediária nos grupos de 6-7, 8-9 e 10-12 anos, enquanto os adultos apresentaram acurácia próxima à pontuação máxima.

Os dados qualitativos auxiliam a discutir os resultados quantitativos com maior profundidade. Para o foco informacional, mesmo as crianças mais novas produziram enunciados interpretados como introdução de informação nova, ainda que com frequência recorressem a formas estruturalmente mais reduzidas, como constituintes isolados (“uma panela”, “o bebê”). Já para o foco contrastivo, observaram-se com maior frequência produções que se afastavam da marcação de correção, especialmente no grupo de 4–5 e 6-7 anos (como em (6) “Oxi!! Pesca o peixe! Não a girafa”), além de ampla variação nas configurações prosódicas, tanto entre diferentes grupos quanto em produções de um mesmo grupo.

Esses resultados seguem a proposta de Vihman (2018) mencionada anteriormente, uma vez que é possível observar a emergência da prosódia como um recurso global de organização da fala, sendo refinada em função de contrastes linguísticos mais específicos. No entanto, evita-se aqui interpretar tal processo como aquisição linear de competências. Em vez disso, entende-se que diferentes modos de funcionamento prosódico se manifestam na fala infantil, marcando posições distintas da criança na relação com a língua.

A produção de foco contrastivo, em particular, implica a instauração de uma ruptura no encadeamento enunciativo — isto é, a ocupação de uma posição a partir da qual o dizer anterior é reconfigurado. Assim, corrigir o enunciado da avaliadora não corresponde a uma simples adequação a uma demanda contextual, mas à inscrição da criança em uma dinâmica discursiva específica. O fato de crianças mais velhas apresentarem maior diversidade de recursos expressivos, como o uso de marcadores discursivos (por exemplo, (19) “Nada a vê! Tá chovendo”) e maior recorrência de proeminência prosódica associada ao contraste, pode ser compreendido como efeito de uma maior estabilização de certos funcionamentos da língua na interação.

À luz de Cole (2015), os resultados podem ser discutidos pelo fato de que o foco contrastivo exigir um mapeamento mais preciso entre forma prosódica e função pragmática. Enquanto o foco informacional pode ser veiculado por uma construção sintáticas *default*, o foco contrastivo requer que a criança marque a informação relevante e o destaque de forma consistente, tanto prosodicamente quanto pragmaticamente. A presença de respostas

caracterizadas por entoação ascendente e alongamento final associadas ao estranhamento da figura (“absurda”) apresentada ilustra o subtipo de foco descrito por Carnaval *et al.* (2022) – foco de estranheza –, os mesmos aspectos prosódicos podem ser utilizados para expressar foco, surpresa ou incredulidade, e cabe ao contexto e à interpretação estabelecer o valor funcional da produção.

Por outro lado, a perspectiva de De Lemos (2002) permite uma interpretação interessante no que se refere às variações observadas no interior de um mesmo grupo etário. As diferenças de funcionamento linguístico observadas nos grupos mais jovens, no caso do foco contrastivo, não apontam para uma “ausência de intenção comunicativa”, mas para um momento do processo em que a criança ainda se encontra em deslocamento em sua relação com a linguagem e com o outro. Corrigir o enunciado da avaliadora implica ocupar uma posição enunciativa específica no diálogo — a de quem introduz uma ruptura em relação ao dizer anterior e reconfigura o estado de coisas em circulação no diálogo. Nessa direção, o fato de crianças mais velhas apresentarem maior diversidade de recursos expressivos, como o uso de marcadores (por exemplo, (19) “Nada a vê! Tá chovendo”) e maior recorrência de proeminência prosódica associada ao contraste pode ser compreendido não como simples “adequação a uma demanda contextual”, mas como indício de que determinados recursos linguísticos passam a funcionar de modo mais estável na interação porque o funcionamento da língua passa a ser o eixo dominante.

Em síntese, a emergência do foco contrastivo pode ser compreendida como parte de um processo mais amplo de reorganização do funcionamento prosódico na fala infantil. Em consonância com Vihman (2018), observa-se um percurso que vai de usos prosódicos mais globais para funcionamentos progressivamente mais diferenciados. À luz de Cole (2015) e Carnaval et al. (2022), esse percurso não envolve o pareamento direto entre uma forma prosódica e uma função discursiva, mas a gradual estabilização de certos arranjos formais que, na interlocução, passam a produzir efeitos de sentido relativamente mais delimitados. Por fim, sob a perspectiva interacionista de De Lemos (2002), esse movimento pode ser interpretado como parte dos deslocamentos da criança em sua relação com a língua e com o outro, nos quais determinados recursos linguísticos — entre eles os prosódicos — passam a funcionar de modo mais estável nas trocas entre a criança e o outro.

No que se refere às implicações clínicas, os resultados indicam que a marcação de foco contrastivo constitui um dos domínios de funcionamento prosódico que se estabilizam

mais tardiamente no PB. Mesmo nas faixas etárias mais velhas investigadas (10-12 anos), observam-se padrões ainda menos estáveis do que aqueles encontrados na fala adulta, o que sugere que a consolidação dessa função se estende para além da infância inicial.

Adicionalmente, em quadros como o TMF, é importante considerar que a acurácia em tarefas controladas de foco pode não se apresentar diretamente na fala espontânea, uma vez que sua produção depende de demandas específicas de planejamento e execução motora (afetadas no quadro de TMF), que podem impactar a produção dessa função (Valim; Keske-Soares; Biaggio, 2025).

Desse modo, produções que não se alinham de forma sistemática aos padrões esperados de foco contrastivo em crianças mais novas não devem ser interpretadas automaticamente como indício de alteração, mas analisadas à luz de referenciais aquisicionais. Por outro lado, o contraste entre a maior estabilidade observada no foco informacional e a variabilidade presente no foco contrastivo reforça a importância de abordagens clínicas que considerem a heterogeneidade das funções prosódicas, em vez de tratar a prosódia como um domínio homogêneo.

A seguir, será apresentada a discussão referente à marcação de força ilocucionária.

6.3 Marcação de força ilocucionária

A relação entre prosódia e pragmática encontra um de seus fundamentos centrais na teoria dos Atos de Fala de Austin (1962, 1990), a qual considera que todo dizer é sempre, em algum sentido, um fazer. Nessa perspectiva, o sentido de um enunciado não se esgota em seu conteúdo proposicional, mas envolve a força ilocucionária, isto é, o tipo de ação realizada pelo falante ao proferi-lo. A prosódia, nesse quadro, constitui um dos recursos linguísticos por meio dos quais essa força pode ser convencionalmente interpretada nas línguas, atuando na distinção entre diferentes atos de fala que compartilham estruturas sintáticas semelhantes.

Com base nessa perspectiva, Searle (1969, 1995) propõe que todo ato de fala pode ser descrito pela relação entre conteúdo proposicional e força ilocucionária (F(p)). No conjunto dos atos de fala, o presente estudo teve como recorte de análise os atos assertivos (declarativas) e os atos diretivos (interrogativas, ordens e pedidos), por se tratar de funções frequentes na interação cotidiana. Para o PB, tais forças ilocucionárias apresentam descrições entoacionais relativamente bem estabelecidas, como mostram os estudos de Frota et al. (2015)

e Moraes (2008, 2011), que associam contornos descendentes a declarações e ordens mais impositivas, e contornos ascendentes ou ascendentes-descendentes a interrogativas e pedidos, frequentemente com efeito atenuador de atitude impositiva nesse último tipo de ato de fala.

Se, como apontado, a força ilocucionária não se reduz à forma sintática, mas depende de um conjunto de pistas prosódicas e contextuais, então sua aquisição na fala infantil não pode ser interpretada como um processo uniforme. É justamente essa não uniformidade que se discute nos resultados do presente estudo, os quais indicam que a marcação de força ilocucionária emerge de maneira distinta entre os diferentes tipos de ato de fala e entre os planos pragmático e prosódico.

Os resultados quantitativos do presente estudo indicam que o processo de aquisição da marcação de força ilocucionária não ocorre de forma homogênea entre os diferentes tipos de ato de fala, nem entre os planos pragmático e prosódico. De modo geral, observou-se que as declarativas apresentaram maior acurácia em todas as faixas etárias, tanto no plano pragmático quanto no prosódico. Já as forças diretivas — interrogativas, ordens e, sobretudo, pedidos — mostraram maior variabilidade e um percurso de refinamento ao longo da idade, com diferenças mais pronunciadas no plano prosódico.

No caso das declarativas, a alta acurácia observada na fala de crianças a partir dos 4-5 anos sugere que a realização do ato ilocucionário de afirmar, nos termos de Austin (1990), encontra-se relativamente estabilizada em contextos interacionais, como o da entrevista. Em termos do que propõe Searle (1995), trata-se de atos assertivos cujo propósito é descrever estados de coisas, com direção de ajuste palavra-mundo. Prosodicamente, a produção consistente de contornos descendentes alinha-se às descrições de Frota et al. (2015), indicando que a associação entre esse padrão entoacional e a força declarativa já se encontra convencionalizada na fala das crianças mais novas investigadas.

Para as interrogativas, por sua vez, discute-se um percurso distinto. No plano pragmático, parte das crianças de 4-5 anos demonstrou variabilidade em compreender a tarefa de “fazer perguntas”, o que pode ser interpretado, à luz de Austin (1990), como instabilidade na apropriação da força ilocucionária do perguntar enquanto ação dirigida ao interlocutor. Em termos de Searle (1995), trata-se de um diretivo cujo objetivo é obter uma ação verbal do outro, o que exige da criança não apenas formular uma estrutura linguística, mas ocupar uma posição enunciativa específica na interação. A partir de 6-7 anos, essa função passa a ser mais

autônoma e estável. No plano prosódico, os dados mostram que, mesmo quando a estrutura sintática interrogativa estava presente, nem sempre se observou a ascendência melódica descrita para interrogativas totais no PB (Frota et al., 2015). Casos em que foi possível resgatar da fala da criança perguntas com contorno descendente indicam um descompasso entre forma e função. Esses achados reforçam a proposição, discutida na revisão teórica, de que a prosódia rege a marcação da força ilocucionária, sobretudo quando a distinção não é manifestada na sintaxe.

Quanto às ordens, observou-se que, no plano pragmático, os enunciados das crianças mais novas se configuram em forte articulação com o dizer do outro, aqui representado pela avaliadora, caracterizando-se como semelhantes ao enunciado precedente e com menor variação estrutural. Considerando que as ordens configuram atos diretivos em que o falante busca levar o interlocutor a realizar uma ação futura (Searle, 1995), sua produção envolve não apenas formular um enunciado imperativo, mas assumir, ainda que no espaço lúdico da tarefa, uma posição enunciativa de quem dirige a ação do outro. Essa dimensão interacional ajuda a compreender a maior variabilidade observada nos grupos de menor idade. Para o plano prosódico, os resultados podem indicar que a marcação de ordens por meio de contornos descendentes mais estáveis — associados, segundo Moraes (2008, 2011) e Frota et al. (2015), a maior grau de imposição — torna-se mais estável a partir dos 8-9 anos. Nos grupos mais jovens, verificou-se menor regularidade melódica e delimitação prosódica menos marcada, sugerindo que, embora a força diretiva esteja presente no plano pragmático, sua codificação prosódica se encontra em processo de estabilização.

Os pedidos, por fim, configuraram a força ilocucionária mais complexa dentre as analisadas. No plano pragmático, os dados qualitativos mostram um percurso que segue de produções predominantemente imperativas e diretas nos grupos de 4-5 anos, com forte apoio em estratégias expressivas e chamamentos afetivos, para formulações progressivamente mais atenuadas, com uso de marcadores de cortesia e justificativas nos grupos mais velhos. Esse percurso é compatível com a descrição teórica segundo a qual pedidos e ordens compartilham o mesmo conteúdo proposicional, mas se diferenciam quanto à força empregada, frequentemente modulada por fatores contextuais, sintáticos e atitudinais (Bodolay, 2011; Mello; Panunzi; Raso, 2011). Para o plano prosódico, a literatura apresentada indica que pedidos tendem a apresentar contornos ascendentes ou ascendentes-descendentes, aproximando-se do padrão interrogativo e atenuando a imposição (Frota *et al*., 2015; Moraes,

2008). Os dados do presente estudo apontam para uma possível sistematicidade dessa configuração na produção de fala de crianças a partir dos 8-9 anos, enquanto nos grupos mais jovens a expressão do pedido depende mais de variações de intensidade e expressividade global do que de um padrão entoacional. Para a fala dos grupos de 10-12 anos e adultos, observa-se maior alinhamento entre estratégias pragmáticas de atenuação (pedidos indiretos) e ajustes entoacionais consistentes, indicando integração mais refinada entre forma linguística, atitude e prosódia, conforme discutido por Raso e Rocha (2016).

Em síntese, os resultados sugerem que a aquisição da marcação de força ilocucionária no PB envolve um processo gradual de integração entre contexto interacional, função pragmática e codificação prosódica. Forças assertivas, como as declarativas, mostram-se estabilizadas precocemente, enquanto forças diretivas — especialmente aquelas que exigem modulação da imposição, como os pedidos — demandam um percurso mais longo de refinamento. Esses achados corroboram a perspectiva de que a prosódia não atua de forma isolada, mas em articulação com a estrutura gramatical e com a dinâmica interacional, participando da construção dos efeitos de sentido que definem o ato de fala na interação verbal.

Ressalta-se ainda que, do ponto de vista clínico, os dados podem indicar que a variabilidade na marcação prosódica de interrogativas, ordens e, sobretudo, pedidos na produção de fala de faixas etárias mais jovens devem ser interpretada à luz de referenciais aquisicionais, e não imediatamente como indício de alteração. A diferença de estabilidade entre atos declarativas e diretivos reforça, ainda, a importância de considerar a heterogeneidade das funções pragmático-prosódicas na avaliação fonoaudiológica, reconhecendo que diferentes forças ilocucionárias apresentam processos de aquisição distintos.

6.4 Marcação de troca de turno

A organização da interação verbal em turnos constitui um dos pilares da comunicação humana. Desde os trabalhos inaugurais da Análise da Conversação, a alternância entre falantes deixou de ser vista como um processo aleatório, passando a ser descrita como um sistema regulado por princípios linguísticos e pragmáticos (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974). Nesse sistema, os interlocutores orientam-se por locais de relevância para a transição (TRPs), nos quais a troca de turno pode ocorrer de maneira coordenada. A fluidez dessa

alternância depende não apenas de fatores sintáticos e discursivos, mas também de pistas prosódicas que sinalizam continuidade ou finalização do turno (Gumperz, 1982; Couper-Kuhlen; Selting, 1996).

Estudos prosódicos posteriores demonstraram que parâmetros como entoação, duração, pausas e intensidade desempenham papel central na regulação da troca de turno. Contornos descendentes tendem a sinalizar fechamento, enquanto entoações suspensivas e alongamentos indicam manutenção da fala; pausas breves podem marcar continuidade, e pausas longas favorecem a entrada do interlocutor (Koiso *et al.*, 1998; Gravano; Hirschberg, 2011; Ekstedt; Skantze, 2022). A marcação de turno, portanto, não se reduz à estrutura sintática do enunciado, mas resulta da articulação dinâmica entre forma linguística, prosódia e contexto interacional.

Retomando a perspectiva de De Lemos (1982, 2000), esse funcionamento não é adquirido como um conjunto de regras isoladas, mas emerge na relação da criança com o outro e com a língua em uso. A criança passa a ocupar diferentes posições enunciativas na interlocução, emergindo gradualmente maneiras de sustentar, ceder ou retomar a palavra. Nessa direção, a proposta de Scarpa (1997, 1999), ao defender que a prosódia é adquirida de modo ***top-down*****,** reforça que a organização entoacional do enunciado — domínio diretamente ligado à gestão de turnos — está presente desde cedo, sendo progressivamente refinada em seu funcionamento discursivo.

Sob a ótica dessas contribuições, investigar a aquisição da marcação de troca de turno implica observar não apenas se a criança mantém a palavra ou a alternância de turnos se configura na interação, mas também como se mobilizam recursos prosódicos para sustentar essa organização interacional.

Os resultados quantitativos do presente estudo indicam que esse processo ocorre de forma gradual e não homogênea entre estruturas e planos de análise. Para o plano pragmático, observou-se efeito significativo para o tipo de estrutura, com maior acurácia em enumerações do que em sentenças coordenadas. Esse resultado sugere que contextos estruturais mais previsíveis, como listas, favorecem a organização do turno. Também houve efeito de grupo etário, a fala de crianças de 4-5 e 6-7 anos apresentou acurácia inferior em relação aos grupos de maior faixa etária, que não se diferenciaram entre si. Esse padrão pode indicar que a organização prosódica dos turnos em produções mais longas e sintaticamente complexas ainda

se encontra em consolidação nas faixas etárias mais jovens. Para o plano prosódico, verificou-se padrão semelhante: a fala do grupo de 4-5 anos foi menos acurada em comparação aos demais, enquanto as dos grupos a partir de 6-7 anos aproximaram-se do padrão adulto, assim como os demais grupos. A diferença entre estruturas também foi significativa, com maior acurácia nas enumerações. Esses achados indicam que as crianças mais novas embora, pragmaticamente, mantenham o turno, oscilam ao sinalizar prosodicamente a continuidade ou o fechamento de sua fala, especialmente em enunciados mais longos.

A análise qualitativa contribui para compreender esses resultados. Nas sentenças coordenadas, as crianças mais novas frequentemente produziram enunciados curtos, com material linguístico restrito, o que limitou a observação de estratégias de manutenção do turno. Em alguns casos, observou-se fuga pragmática, com respostas que evitavam a elaboração solicitada, interrompendo a progressão do turno. A partir dos 8-9 anos, surgem produções mais elaboradas sintaticamente e pragmaticamente, nas quais o turno é sustentado de modo mais estável. No plano prosódico, esse deslocamento se manifesta na organização dos enunciados em frases entoacionais, com contornos que sinalizam continuidade interna e fechamento ao final do turno.

Já para as os itens lexicais enumerados, recupera-se a noção de que na fala das crianças mais novas há uma frequência do contorno suspensivo típico de listas, diferenciando itens não finais do item final. Esse padrão sugere que estruturas altamente frequentes na experiência linguística da criança oferecem um suporte prosódico mais acessível, favorecendo a marcação da continuidade do turno.

Nesse sentido, a susutentação do turno em enunciados mais longos implica ocupar uma posição enunciativa que exige maior controle sobre a progressão discursiva e sobre os efeitos de sentido produzidos na interlocução.

Em síntese, a aquisição da marcação de troca de turno pode ser compreendida como um processo de reorganização gradual dos recursos prosódicos na fala com o outro, no qual se observam em determinados contextos, arranjos mais globalmente sustentados (como enumerações) e, em outros, formas que apontam para uma articulação ainda em curso entre diferentes níveis linguísticos. Esse percurso não é linear nem abrupto, mas marcado por

variações intra e intergrupo, refletindo o caráter gradual da estabilização dos recursos prosódicos na organização da fala em situações de interação comunicativa.

Do ponto de vista clínico, os resultados indicam que variações na marcação prosódica de continuidade do turno – especialmente em produções mais longas – devem ser interpretados à luz do funcionamento da linguagem em aquisição, evitando-se leituras patologizantes de padrões que se mostram recorrentes em determinadas faixas etárias.

A seguir, será apresentada uma discussão geral, considerando a comparação da acurácia dos grupos entre o plano prosódico e o plano pragmático.

6.5 Discussão geral das funções considerando os planos prosódico e pragmático

A análise conjunta das quatro funções investigadas — acento lexical, foco prosódico, força ilocucionária e marcação de troca de turno — permite compreender a aquisição da prosódia como um processo de reorganização gradual dos recursos prosódicos na fala da criança, em estreita relação com a interação e com o funcionamento da língua em uso. Não se trata da incorporação progressiva de "habilidades", mas do refinamento e da estabilização de padrões prosódicos recorrentes da língua e que funcionam durante a interação verbal para fins comunicativos, ou seja, de certos modos de funcionamento que passam a produzir efeitos de sentido mais delimitados nas trocas verbais.

Ao analisar os planos pragmático e prosódico de maneira distinta, é possível identificar uma dissociação entre eles, na medida em que as crianças, mesmo nas faixas etárias mais jovens, frequentemente atenderam às demandas interacionais das tarefas — responder, perguntar, manter o turno, introduzir ou corrigir informações — ainda que nem sempre mobilizassem padrões prosódicos semelhantes aos observados na fala adulta e que são considerados alvo do PB. Esse descompasso sugere que a relação "criança-outro-língua" não depende de um pareamento estável entre forma prosódica e função pragmática, mas de um conjunto mais amplo de recursos linguísticos e contextuais que sustentam a interação.

Essa observação converge com a proposta de Cole (2015), segundo a qual não há correspondência direta entre forma prosódica e significado pragmático. Também se alinha à perspectiva de Arvaniti (2020), ao afirmar que os contornos prosódicos são estruturalmente subespecificados e têm seu valor funcional construído na situação de fala. Assim, as variações

observadas nas produções infantis não configuram desvios em relação a um modelo fixo, mas modos de funcionamento ainda em processo de estabilização e emergência na interação.

Sob a ótica de De Lemos, esses resultados podem ser compreendidos como parte dos deslocamentos da criança em sua relação com a língua e com o outro. A criança participa de situações dialógicas desde cedo, mas sua posição como sujeito se transforma ao longo do processo de aquisição. Nesse percurso, os recursos prosódicos passam a funcionar de modo mais estruturado e sintonizado com as necessidades comunicativas nas trocas verbais, não por "maturação de capacidades internas", mas pela recorrência de certos parâmetros prosódicos formais em contextos de uso.

Ao observar as funções separadamente, nota-se que nem todas se organizam da mesma maneira ao longo da aquisição. Funções mais diretamente apoiadas em estruturas linguísticas estáveis e recorrentes na experiência da criança, como o acento lexical e as enumerações associadas à marcação de turno, apresentaram maior estabilidade relativa. Já funções que exigem maior articulação entre prosódia e estruturas linguística de natureza semântica e pragmáticas — como o foco contrastivo e determinadas configurações de força ilocucionária — mostraram maior variabilidade entre grupos e no interior de um mesmo grupo etário. Essa diferença não indica hierarquia de complexidade cognitiva, mas distintos modos de inserção dessas funções nas práticas interacionais da criança.

A análise qualitativa reforça essa interpretação ao mostrar que, mesmo quando os padrões prosódicos não se alinham aos descritos para a fala adulta, as produções infantis mantêm coerência interna e funcionam na interação. Em muitos casos, observam-se sequências enunciativas que se prolongam na interlocução, nas quais se configuram movimentos de continuidade do turno, por meio de combinações entre recursos lexicais, sintáticos, gestuais e prosódicos. A prosódia, nesse cenário, não atua isoladamente, mas integrada a um conjunto de estratégias de significação.

Dessa forma, a aquisição da prosódia no PB pode ser descrita como um processo não linear, marcado por variações, retornos e reorganizações, no qual diferentes funções se estabilizam em ritmos distintos. Esse percurso não se orienta por etapas universais previamente definidas, mas pelas condições de uso da língua, pelas práticas de interação nas quais a criança se insere e pelas posições que passa a ocupar na relação com o outro.

No que se refere às hipóteses do estudo, os resultados sustentam a proposição de que as diferentes funções prosódicas não se organizam nem simultaneamente nem de modo homogêneo ao longo da aquisição. Também corroboram a hipótese de que o plano prosódico tende a apresentar maior variabilidade do que o pragmático nas faixas etárias mais jovens, indicando que a estabilização dos padrões entoacionais associados a determinadas funções discursivas se dá ao longo de um percurso mais prolongado. Por outro lado, os dados também mostram que desde cedo a criança se insere na relação com o outro e a língua, ainda que com modos de funcionamento prosódico que não coincidem integralmente com os da fala adulta.

Esses achados têm implicações importantes para a clínica fonoaudiológica. Ao discutir a variabilidade prosódica (inter e intragrupo) como parte do processo de aquisição, o estudo reforça a necessidade de referenciais aquisicionais que considerem a heterogeneidade das funções prosódicas e sua dependência do contexto interacional. Avaliações que tratam a prosódia como um bloco homogêneo de habilidades mensuráveis tendem a desconsiderar essa complexidade.

Em síntese, os resultados deste trabalho contribuem para deslocar o olhar sobre a prosódia infantil: de um conjunto de marcas formais a serem verificadas, para um conjunto de marcas linguísticas formais cuja configuração se dá na relação entre criança, língua e interlocutor. É nesse espaço relacional que a prosódia adquire valor funcional, sustentando a construção conjunta da interação verbal.

7 CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo geral caracterizar padrões de emergência de quatro diferentes funções linguísticas desempenhadas pela prosódia no Português Brasileiro em tarefas de produção de fala durante o processo de aquisição prosódica, sendo elas a marcação de acento lexical, foco prosódico, força ilocucionária e troca de turno. Ao investigar a emergência de tais funções, buscou-se compreender a aquisição prosódica como um processo gradual de reorganização de recursos linguísticos que passam a funcionar e produzir diferentes efeitos a partir de determinados contextos pragmáticos.

Os resultados deste trabalho foram distintos a depender da função e do grupo em análise. Enquanto a marcação de acento lexical mostrou-se altamente estável a partir dos quatro anos de idade, diferentemente de outras funções prosódicas – especialmente aquelas que exigem maior articulação entre forma prosódica e contextualização pragmática, como o foco contrastivo e determinadas configurações de força ilocucionária –, que apresentaram maior variabilidade e um percurso de estabilização que seguiu até as idades mais avançadas. A marcação de turno, por sua vez, apresentou maior estabilidade em contextos mais previsíveis (como a enumeração), e maior oscilação em produções sintaticamente mais elaboradas nas faixas etárias mais jovens.

Ao analisar de maneira conjunta os planos pragmáticos e prosódicos, é possível afirmar que ambos os planos não são adquiridos paralelamente. Para o plano pragmático, observou-se uma maior estabilidade, uma vez que foi possível analisar na fala das crianças o cumprimento das demandas das tarefas e do contexto, sustentando turnos, realizando pedidos, introduzindo ou corrigindo informações. O mesmo não aconteceu para o plano prosódico, houve uma maior variação entre as crianças quando comparado os aspectos de forma prosódica. Esse processo de aquisição reforça a concepção teórica adotada neste trabalho, apontando para a importância de se considerar a prosódia por uma perspectiva fonológico-pragmática, e não apenas como um conjunto de marcas acústicas estáveis.

Destaca-se uma diferença de estatuto entre as funções prosódicas investigadas. A marcação de acento lexical mostrou-se mais estável e menos dependente de variações do contexto pragmático, podendo ser compreendida como um efeito do próprio funcionamento da língua na fala da criança. Em contraste, funções como o foco prosódico — especialmente o foco contrastivo — e determinadas configurações de força ilocucionária evidenciam maior

variabilidade e parecem depender, em maior grau, da articulação entre forma prosódica e contexto interacional.

Sob essa perspectiva, a aquisição prosódica pode ser descrita como um processo não linear, configurando modos de emergência característicos, no qual a criança, desde cedo, é atravessada por esse funcionamento, no qual diferentes formas emergem e se reorganizam na relação com o outro e com a língua. Ao longo desse percurso, determinados padrões de emergência tornam-se mais recorrentes e funcionalmente delimitados, não por maturação isolada de capacidades internas, mas pela inserção da criança na relação com o outro e com a língua, tal como essa relação se organiza nas práticas culturais e interacionais das quais a criança participa.

Para a clínica fonoaudiológica, os resultados deste trabalho indicam a importância de considerar a variabilidade prosódica como parte do processo de aquisição, sobretudo em funções mais dependentes do contexto pragmático. Nesse sentido, torna-se fundamental dispor de parâmetros de referência para o desenvolvimento típico, que permitam distinguir entre variações esperadas e alterações prosódicas clinicamente significativas. Funções como o acento lexical, mais estáveis nas faixas etárias investigadas, podem servir como referência, enquanto funções como o foco contrastivo e determinados atos ilocucionários exigem uma análise mais sensível ao contexto de produção.

Assim, ao situar a prosódia como um domínio relacional, constituído na interface entre criança, língua e interação, esta pesquisa busca contribuir para um olhar mais integrado sobre a linguagem infantil.

Por fim, esta dissertação aponta para a necessidade de trabalhos futuros que considerem as diferentes possibilidades de variações do Português Brasileiro, além da inclusão de populações com aquisição de linguagem dita atípica, de modo a ampliar a compreensão dos percursos de estabilização da língua. Ademais, estudos com metodologias distintas, sejam estudos longitudinais, ou que façam o uso de análise acústica, podem contribuir para uma descrição mais precisa dos deslocamentos e variações que acontecem ao longo do processo de aquisição prosódica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Andressa T. M. de C. B. de; SCARPA, Ester M.; CAVALCANTE, Marianne C. B. Aquisição prosódica inicial: uma proposta de estágios. *Revista da ABRALIN*, v. 23, n. 2, p. 98-124, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2227. Acesso em: 20 out. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*: DSM-5. 5. ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013.

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION (ASHA). *Speech Sound Disorders-Articulation and Phonology*. 2021. Disponível em: https://www.asha.org/practice-portal/clinical-topics/articulation-and-phonology/. Acesso em: 20 out. 2025.

ARAÚJO, Lisiane Pereira de. *Proposta de protocolo de avaliação de praxias verbais para crianças*. 2020. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020.

ARVANITI, Amalia. The Phonetics of Prosody. *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*, 30 jul. 2020. Disponível em: https://oxfordre.com/linguistics/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore-9780199384655-e-411. Acesso em: 30 out. 2025.

ARVANITI, Amalia; LADD, D. Robert. Greek wh-questions and the phonology of intonation. *Phonology*, v. 26, n. 1, p. 43-74, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S0952675709001717. Acesso em: 30 out. 2025.

AUSTIN, John. L. *How to do things with words*. London: Oxford University Press, 1962.

AUSTIN, John. L. *Quando dizer é fazer*: palavras e ações. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAAS, Becky *et al.* Treatment of Severe Childhood Apraxia in a 12-Year-Old Male with CHARGE Association. *Journal of Medical Speech-Language Pathology*, v. 16, n. 4, p. 181-190, 2012.

BALLARD, Kirrie J. *et al.* A treatment for dysprosody in childhood apraxia of speech. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 53, n. 5, p. 1227-1245, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1044/1092-4388(2010/09-0130). Acesso em: 28 out. 2025.

BARBOSA, Plínio Almeida. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 1, p. 11-27, 2012.

BARBOSA, Plínio Almeida; MADUREIRA, Sandra. *Manual de fonética acústica experimental*: aplicações a dados do português. São Paulo: Cortez, 2015.

BISOL, Leda. O acento e o pé binário. *Letras de hoje*, Porto Alegre, n. 98 p. 25-36, dez. 1994.

BISOL, Leda. O sândi e a ressilabação. *Letras de hoje*, v. 31, n. 2, 1996.

BISOL, Leda. A elisão, uma regra variável. *Letras de hoje*, v. 35, n. 1, 2000.

BISOL, Leda. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 20, p. 59-70, 2004.

BISOL, Leda (ed.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2005.

BODOLAY, Adriana Nascimento. O papel da prosódia em enunciados de ordens e pedidos. *Revista Vozes dos Vales*, p. 1-28, 2014.

BOSCH, Laura; SEBASTIÁN-GALLÉS, Nuria. Native-language recognition abilities in 4-month-old infants from monolingual and bilingual environments. *Cognition*, v. 65, n. 1, p. 33-69, 1997. Disponível em: https://doi.org/10.1016/S0010-0277(97)00040-1. Acesso em: 14 out. 2025.

BOWERS, Dawn; BLONDER, L. X.; HEILMAN, Kenneth. M. *Florida affect battery*. Florida, USA: Center for Neuropsychological Studies, Department of Neurology, 1998.

BRAGANÇA, Lidia Lourenço Cunha; LEMOS, Stela Maris Aguiar; ALVES, Cláudia Regina Lindgren. Caracterização da fala de crianças de 4 a 6 anos de creches públicas. *Revista CEFAC*, v. 13, p. 986-992, 2011.

CAGLIARI, Luiz Carlos. O sistema entoacional do português do Brasil. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese de Livre Docência. Campinas, Unicamp, 1981. cap. XII.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 23, p. 137-151, 1992. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8636850/4571. Acesso em: 25 out. 2025.

CAGLIARI, Luiz Carlos; ABAURRE, Maria Bernadete. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no Português Brasileiro. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 10, p. 39-57, 1986. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8636716/4435. Acesso em: 10 out. 2025.

CARNAVAL, Manuella; MORAES, João Antônio de; RILLIARD, Albert. Os domínios da focalização: um estudo experimental. *Gragoatá*, v. 27, n. 58, p. 392-418, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.22409/gragoata.v27i58.51979. Acesso em: 20 out. 2025.

CHACON, Lourenço J. F. Subsídios linguístico-discursivos para a avaliação de linguagem (4). *In*: GIACHETI, Célia Maria (ed.). *Avaliação da fala e da linguagem*: perspectivas

interdisciplinares em Fonoaudiologia. Oficina Universitária, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-87-3.p83-104. Acesso em: 20 out. 2025.

CHEN, A. *et al.* Development of Phrase-Level Prosody from Infancy to Late Childhood. *In*: GUSSENHHOVEN, Carlos; CHEN, Aoju (ed.). *The Oxford Handbook of Language Prosody*. 90 Oxford Handbooks, 2020. Online edition, Oxford Academic, 10 Feb. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198832232.013.35. Acesso em: 30 out. 2025.

CHEN, I.-Hsuan; HUANG, Chu-Ren; POLITZER-AHLES, Stephen. Determining the types of contrasts: the influences of prosody on pragmatic inferences. *Frontiers in Psychology*, v. 9, p. 2110, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02110. Acesso em: 30 out. 2025.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York; Evanston; London: Harper & Row, 1968.

CLARO, Roberta. *Onde está o absurdo?* 40 cartas para identificar situações fora do comum. São Paulo: Matrix, 2017.

COLE, Jennifer. Prosody in context: a review. *Laboratory Phonology*, v. 6, n. 1, p. 1-37, 2015.

CORREA, Leticia Maria Sicuro *et al.* Delimitação perceptual de uma classe correspondente à categoria funcional D: evidências da aquisição do português. *Fórum Linguístico*, v. 3, n. 1, p. 55-88, 2003.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth. *An Introduction to English Prosody*. British Library Cataloguing in Publication Data, 1986.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth; SELTING, Margret (ed.). *Prosody in conversation*: Interactional studies. Cambridge University Press, 1996.

CRYSTAL, David. *Profiling linguistic disability*. San Diego, CA: Singular Pub. Group, 1992.

DA SILVA MIRANDA, Luma; MORAES, João Antônio; RILLIARD, Albert. Visual channel facilitates the comprehension of the intonation of Brazilian Portuguese wh-questions and wh-exclamations: evidence from congruent and incongruent stimuli. *Language and Cognition*, v. 16, n. 4, p. 1520-1540, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1017/langcog.2024.16. Acesso em: 24 out. 2025.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Interactional processes in the child's construction of language. *In*: DEUSTCH, W. (ed.). *The Child's Construction of Language*. Cambridge: CUP, 1981. p. 57-76.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da ABRALIN*, Recife, v. 3, p. 97-136, 1982.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Interacionismo e aquisição de linguagem. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 2, n. 2, 1986. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/31271. Acesso em: 24 out. 2025.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. *"Ser" and "estar" in Brazilian Portuguese, with particular reference to child language acquisition*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1987 [1975].

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Los processos metafórico y metonímico como mecanismos de cambio. *Substratum*, Barcelona, v.1, p. 121-136, 1992.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. A criança com(o) ponto de interrogação. *In*: LAMPRECHT, Regina (org.). *Aquisição de Linguagem*: questões e análises. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1999. p. 39-50.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Questioning the notion of development: the case of language acquisition. *Culture & Psychology*. SAGE Publications, Nova Deli, v. 6, n. 2, p. 169-182, 2000. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1354067X0062006. Acesso em: 30 out. 2025.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 42, p. 41-70, 2002. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637140. Acesso em: 30 out. 2025.

DODD, Barbara. *Differential diagnosis and treatment of children with speech disorder*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013.

EKSTEDT, Erik; SKANTZE, Gabriel. How much does prosody help turn-taking? investigations using voice activity projection models. arXiv preprint arXiv:2209.05161, 2022.

FEKAR-GHARAMALEKI, Fatemeh *et al.* The speech prosody tests: A narrative review. *Journal of Rehabilitation Sciences and Research*, v. 15, n. 1, p. 58-64, 2019.

FILIPE, Marisa G. *et al.* Prosodic development in European Portuguese from childhood to adulthood. *Applied Psycholinguistics*, v. 38, n. 5, p. 1045-1070, 2017.

FILIPE, Marisa; VICENTE, Selene; FROTA, Sónia. Aquisição prosódica entre os 4 e os 18 anos de idade. *Proceedings of the 12th International Conference of Psychology and Education*, 2012. p. 444-458.

FIRMINO, Célia *et al.* Análise da conversação: uma experiência de análise da marcação de turno em "Senhora dos Absurdos". *Anais* do Simpósio Internacional de Ensino de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras, v. 3, 2023.

FIRTH, John Rupert. Sounds and peosodies. *Transactions of the Philological Society*, v. 47, n. 1, p. 127-152, 1948.

FÓNAGY, Ivan. Des fonctions de l'intonation: essay de sinthèse. *Flambeau*, Tokyo, v. 29, p. 1-20, 2003.

FROTA, Sónia *et al.* Infant perception of prosodic boundaries without the pause cue: an eye-tracking study. *In*: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES, 19., 2019, Melbourne, Australia. *Proceedings* [...]. Melbourne, Australia. 2019, p. 3160-3164. Disponível em:

https://www.internationalphoneticassociation.org/icphs-proceedings/ICPhS2019/papers/ICPhS_3209.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.

FROTA, Sónia *et al.* European Portuguese-learning infants look longer at iambic stress: New data on language specificity in early stress perception. *Frontiers in Psychology*, v. 11, p. 1890, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01890. Acesso em: 30 out. 2025.

FROTA, Sónia; BUTLER, Joseph; VIGÁRIO, Marina. Infants' perception of intonation: Is it a statement or a question?. *Infancy*, v. 19, n. 2, p. 194-213, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1111/infa.12037. Acesso em: 26 out. 2025.

FROTA, Sónia; CRUZ, Marisa; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane; COLLISCHONN, Gisela; FONSECA, Aline; SERRA, Carolina; OLIVEIRA, Pedro; VIGÁRIO, Marina. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. *In*: FROTA, S.; PRIETO, P. (ed.). *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 235-283. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199685332.003.0007. Acesso em: 29 out. 2025.

FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar (ed.). *Intonation in romance*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

FROTA, Sónia; SANTOS, Raquel S. Aquisição da prosódia no português. *In*: *Fonologia do Português e Interfaces*. Routledge, 2023. p. 80-109. Disponível em: https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781003294344-6/aquisi%C3%A7%C3%A3o-da-pros%C3%B3dia-portugu%C3%AAs-s%C3%B3nia-frota-raquel-santos. Acesso em: 30 out. 2025.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. *Actas* do XV encontro da associação portuguesa de linguística, v. 1, p. 533-555, 2000.

GEBARA, Ester Míriam S. Alguns aspectos da intonação do Português. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.

GERKEN, Louann; ASLIN, Richard. Thirty years of research on infant speech perception: The legacy of Peter W. Jusczyk. *Language Learning and Development*, v. 1, n. 1, p. 5-21, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15473341lld0101_3. Acesso em: 23 out. 2025.

GRAVANO, Agustín; HIRSCHBERG, Julia; BEŇUŠ, Štefan. Affirmative cue words in task-oriented dialogue. *Computational Linguistics*, v. 38, n. 1, p. 1-39, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1162/COLI_a_00083. Acesso em: 28 out. 2025.

GRIGOS, Maria I.; PATEL, Rupal. Articulator movement associated with the development of prosodic control in children. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 50, n. 1, p. 119-130, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1044/1092-4388(2007/010). Acesso em: 30 out. 2025.

GRIGOS, Maria I.; PATEL, Rupal. Acquisition of articulatory control for sentential focus in children. *Journal of Phonetics*, v. 38, n. 4, p. 706-715, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.wocn.2010.10.005. Acesso em: 30 out. 2025.

GUBIANI, Marileda Barichello *et al.* Dynamic evaluation of motor speech skill: Adaptation for Brazilian Portuguese. *Journal of Communication Disorders*, v. 93, p. 106114, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jcomdis.2021.106114. Acesso em: 30 out. 2025.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge University Press, 1982.

GUSSENHOVEN, Carlos. Enhancing the durational enhancement of a tone contrast. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 199, n. 5, 2006.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Notes on transitivity and theme in English: Part 2. *Journal of linguistics*, v. 3, n. 2, p. 199-244, 1967.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Intonation and grammar in British English*. Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2015.

HAWTHORNE, Kara; FISCHER, Sarah. Speech-language pathologists and prosody: Clinical practices and barriers. *Journal of Communication Disorders*, v. 87, p. 106024, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jcomdis.2020.106024. Acesso em: 20 out. 2025.

HAYES, Bruce. *Metrical Stress Theory*: Principles and Case Studies. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

JUSCZYK, Peter W.; HOHNE, Elizabeth A. Infants' memory for spoken words. *Science*, v. 277, n. 5334, p. 1984-1986, 1997.

KALATHOTTUKAREN, Rose T.; PURDY, Suzanne C. Prosody perception in typically developing school-aged children. *Journal of Phonetics and Audiology*, v. 3, n. 1, p. 1000131-1000131, 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.4172/2471-9455.1000131. Acesso em: 20 out. 2025.

KOIKE, Kazunari J. M.; ASP, Carl W. Tennessee test of rhythm and intonation patterns. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v. 46, n. 1, p. 81-87, 1981. Disponível em: https://doi.org/10.1044/jshd.4601.81. Acesso em: 26 out. 2025.

KOISO, Hanae *et al.* An analysis of turn-taking and backchannels based on prosodic and syntactic features in Japanese map task dialogs. *Language and Speech*, v. 41, n. 3-4, p. 295-321, 1998.

LADD JR., D. Robert. *The structure of intonational meaning*: Evidence from English. Indiana University Press, 1980.

LADD, D. Robert. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LADD, D. Robert. Defining prosody, *In*: LADD, D. Robert. *Simultaneous Structure in Phonology*. Oxford, Oxford University Press, 2014. p. 57-84.

LADD, D. Robert. O que é prosódia?. Trad. de Leticia Rebollo Couto e Izabel Christine Seara. Working Papers em Linguística, v. 20, n. 1, p. 8-46, 2019.

LAMPRECHT, Regina Ritter. *Aquisição fonológica do português*: perfil de desenvolvimento e perfil para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004 [1994].

LAMPRECHT, Regina Ritter; HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. A Contribuição da teoria linguística à fonologia com desvios. *Cadernos de estudos Linguísticos*, v. 26, p. 41-47, 1994.

LEITE, Délia Ribeiro. *Estudo prosódico sobre as manifestações de foco*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LEONARD, Laurence B.; EYER, Julia A. Deficits of grammatical morphology in children with specific language impairment and their implications for notions of bootstrapping. In: *Signal to syntax*. Psychology Press, 2014. p. 233-247.

LIMA, Fernanda Leitão de Castro Nunes de; GUIDA, Cecília Lorena Silva; SONCIN, Geovana Carina Neris. Julgamento Perceptivo-Auditivo de Habilidades Prosódicas na Fala de Crianças com Distúrbios dos Sons da Fala. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE FONOAUDIOLOGIA, 31.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE FONOAUDIOLOGIA, 12., 2023, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2023. v. 1. p. 1179-1182.

LIMA, Fernanda Leitão de Castro Nunes *et al. Desempenho prosódico de crianças com transtorno fonológico em diferentes situações pragmáticas de produção de fala*: implicações para a avaliação clínica. 2024. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2025.

LOCAL, John K.; KELLY, John; WELLS, William HG. Towards a phonology of conversation: turn-taking in Tyneside English1. *Journal of Linguistics*, v. 22, n. 2, p. 411-437, 1986. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S0022226700010859. Acesso em: 27 out. 2025.

MAMPE, Birgit *et al.* Newborns' cry melody is shaped by their native language. *Current Biology*, v. 19, n. 23, p. 1994-1997, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Aspectos da oralidade descuidados mas relevantes para o ensino de português como segunda língua. *In*: GÄRTNER, Eberhard; HERHUTH, Maria José Peres; SOMMER, Nair Nagamine (ed.). *Contribuições para a didáctica do português língua estrangeira*. Frankfurt am Main, TFM-Verlag, 2003. p. 15-39.

MARTÍNEZ-CASTILLA, Pastora; PEPPÉ, Sue. Developing a test of prosodic ability for speakers of Iberian Spanish. *Speech Communication*, v. 50, n. 11-12, p. 900-915, 2008. Disponível em: https://eresearch.qmu.ac.uk/handle/20.500.12289/519. Acesso em: 25 out. 2025.

MASSINI-CALIARI, Gladis. Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. *Sínteses*, v. 1, 1999.

MATEUS, Maria Helena Mira. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. *Palavras – Revista da Associação de Professores de Português*, v. 28, p. 79-98, 2004.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

MCCABE, Patricia *et al. Clinician manual for rapid syllable transition treatment (ReST)*. Camperdown, Australia: The University of Sydney, 2017.

MEHLER, Jacques *et al.* A precursor of language acquisition in young infants. *Cognition*, v. 29, n. 2, p. 143-178, 1988. Disponível em: https://doi.org/10.1016/0010-0277(88)90035-2. Acesso em: 30 out. 2025

MELLO, Heliana; PANUNZI, Alessandro; RASO, Tommaso. *Pragmatics and prosody*: illocution, modality, attitude, information patterning and speech annotation. Firenze University Press, 2012. Disponível em: https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/55066. Acesso em: 30 out. 2025.

MORAES, João Antônio de. A entoação modal brasileira: fonética e fonologia. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 25, p. 101-111, 1993.

MORAES, João Antônio de. Variações em torno de tema e rema. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 9., 2006, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro, 2006, p. 279-289.

MORAES, João Antônio de. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. *Proc. Speech Prosody*, p. 389-397, 2008. Disponível em: 10.21437/SpeechProsody.2008-4. Acesso em: 20 out. 2025.

MORAES, João Antônio de. Three types of prosodic focus in Brazilian Portuguese: form and meaning. In: *Book of abstracts of the Workshop on Prosody and Meaning*. 2009. p. 59-60.

MORAES, João Antônio de. A entoação de atos de fala diretivos no PB. *In*: COLÓQUIO BRASILEIRO DE PROSÓDIA DA FALA, 3., 2011, Belo Horizonte. Resumos [...]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

NAME, Cristina; FERRARI NETO, José. Explorando informação de interface na aquisição da linguagem: distinções perceptuais e morfo-fonológicas relativas à Categoria Funcional D na aquisição de gênero e número em português. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., Rio de Janeiro 2003.

NAME, Cristina; TEIXEIRA, Sabrina; UCHÔA, Danielle. Thirteen-month-old infants use phonologically strong function words in word segmentation and categorization. *Revista Linguística*, v. 11, n. 1, p. 71-84, 2015.

NESPOR, Marina; OTHERO, Gabriel de Ávila. Prosódia: uma entrevista com Marina Nespor. *ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. Novo Hamburgo, RS, v. 8, n. 15, p. 374-380, ago. 2010.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*: with a new foreword. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

OLIVEIRA, Beatriz de; OLIVEIRA, Aline Mara de. Translation and cross-cultural adaptation of the therapeutic intervention manual Rapid Syllable Transition Treatment (ReST) into Brazilian Portuguese. In: CoDAS. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2023. p.

e20210257. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212021257en. Acesso em: 29 out. 2025.

PACHECO RIBAS, Letícia *et al.* Aquisição fonológica do Português Brasileiro: revisão sistemática sobre o desenvolvimento das consoantes. *Distúrbios da Comunicação*, v. 34, n. 1, e53900-e53900, 2022.

PATEL, Rupal; GRIGOS, Maria I. Acoustic characterization of the question-statement contrast in 4, 7 and 11 year-old children. *Speech Communication*, v. 48, n. 10, p. 1308-1318, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.23925/2176-2724.2022v34i1e53900. Acesso em: 30 out. 2025.

PEPPÉ, Sue J. E. *et al.* Assessing prosodic skills in five European languages: Cross-linguistic differences in typical and atypical populations. *International Journal of Speech-Language Pathology*, v. 12, n. 1, p. 1-7, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.3109/17549500903093731. Acesso em: 25 out. 2025.

PEPPÉ, Sue; MCCANN, Joanne. Assessing intonation and prosody in children with atypical language development: the PEPS-C test and the revised version. *Clinical Linguistics & Phonetics*, v. 17, n. 4-5, p. 345-354, 2003. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12945610. Acesso em: 25 out. 2025.

PETITPAIN, Aline *et al.* Status of prosody in the practices of speech-language pathologists in France: A survey on theoretical and clinical dimensions. *Journal of Communication Disorders*, v. 107, p. 106404, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jcomdis.2023.106404. Acesso em: 20 out. 2025.

PIERREHUMBERT, Janet Breckenridge. The phonology and phonetics of English intonation. 1980. Thesis (Ph.D.) –Massachusetts Institute of Technology, Dept. of Linguistics and Philosophy, 1980.

PINDZOLA, Rebekah H. *VAP, a voice assessment protocol for children and adults*. Austin, Tex.: Pro-ed, 1987.

POLLI, Luiza. Desempenho prosódico verbal e gestual em crianças com e sem transtorno fonológico. 2022. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2022.

PRESTON, Jonathan L.; EDWARDS, Mary Louise. Phonological processing skills of adolescents with residual speech sound errors. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*, v. 38, n. 4, p. 297-308, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1044/0161-1461(2007/032). Acesso em: 20 out. 2025.

PRIETO, Pilar. Part II: Experimental methods and paradigms for prosodic analysis. *Handbook of Laboratory Phonology*, p. 527-547, 2012.

QUEIROZ, Horacio. A entonação e a força ilocucionária como pistas da atitude do locutor em atos diretivos, 2010. Disponível em: https://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/gscp2012/151.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

RAMUS, Franck; NESPOR, Marina; MEHLER, Jacques. Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. *Cognition*, v. 73, n. 3, p. 265-292, 1999.

RASO, Tommaso; ROCHA, Bruno. Illocution and attitude: on the complex interaction between prosody and pragmatic parameters. *Journal of Speech Sciences*, v. 5, n. 2, p. 5-27, 2016. Disponível em: http://revistas.iel.unicamp.br/joss. Acesso em: 30 out. 2025.

RIZZO, Josefa F. Pascual. O papel da entoação do Português Brasileiro na descrição dos atos de fala. 1981. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

ROBERTS, Craige. Information structure: Towards an integrated formal theory of pragmatics. *Semantics and Pragmatics*, v. 5, n. 6, p. 1-69, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.3765/sp.5.6. Acesso em: 30 out. 2025.

ROCHA, Bruno; RASO, Tommaso. The interaction between illocution and attitude and its consequenses for the empirical study of illocutions. *Parler les langues romanes/Parlare le lingue romanze/Hablar las lenguas romances/Falando línguas românicas*. Napoli: Università di Napoli L'Orientale, 2016. p. 69-87.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. language, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974. Disponível em: https://doi.org/10.1353/lan.1974.0010. Acesso em: 29 out. 2025.

SANTOS, Karoline Araújo *et al.* Focalização prosódica na fala de crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico: análise duracional. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 27, n. 1, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.34019/1982-2243.2023.v27.40928. Acesso em: 20 out. 2025.

SANTOS, Rachel Santana. A aquisição do acento primário no português brasileiro. 2001. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SCARPA, Ester Mirian. Learning external sandhi. Evidence for a top-down hypothesis of prosodic acquisition. *In*: SORACE, A.; HEYCOCK, C.; SHILLCOCK, R. (ed.). *Proceedings of GALA'1997 Conference on Language Acquisition: knowledge representation and ruling*. 1997. p. 272-277.

SCARPA, Ester Mirian. Estudos de prosódia. *Centro de Memória Unicamp*, 1999.

SEARLE, John R. *Speech acts*: An essay in the philosophy of language. Cambridge University Press, 1969.

SEARLE, Jonh R. *Expressão e significado*: estudos da teoria dos atos da fala. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEARLE, John R.; VANDERVEKEN, Daniel. Speech acts and illocutionary logic. *Logic, thought and action*. Dordrecht: Springer Netherlands, 2005. p. 109-132. Disponível em: https://doi.org/10.1007/1-4020-3167-X_5. Acesso em: 20 out. 2025.

SEIDL, Amanda. Infants' use and weighting of prosodic cues in clause segmentation. *Journal of Memory and Language*, n. 57, p. 24-48, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jml.2006.10.004. Acesso em: 26 out. 2025.

SELKIRK, Elisabeth. *Phonology and Syntax*: The Relation between Sound and Structure. Cambridge, MA: The MIT Press, 1984.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. *In*: HULST, Harry Van Der; SMITH, Norval (org.). *The structure of phonological representations* (Part. II). Dordrecht: Foris, 1992. p. 337-383.

SELKIRK, Elisabeth. The syntax of words. *Linguistic Inquiry Monographs Cambridge*, Mass, n. 7, 1982.

SHRIBERG, Lawrence D. Motor speech disorders in idiopathic speech delay and in complex neurodevelopmental disorders using the Speech Disorders Classification System: Introduction *Clinical Linguistics & Phonetics*, v. 33, n. 8, p. 677-678, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1080/02699206.2019.1595737. Acesso em: 20 out. 2025.

SHRIBERG, Lawrence D. *et al.* The Prosody-Voice Screening Profile (PVSP): Psychometric data and reference information for children. *Phonology Project Technical Report*, v. 1, p. 1-54, 1992.

SHRIBERG, Lawrence D. *et al.* Extensions to the Speech Disorders Classification System (SDCS). *Clinical Linguistics & Phonetics*, v. 24, n. 10, p. 795-824, out. 2010. Disponível em: https://doi.org/10.3109/02699206.2010.503006. Acesso em: 20 out. 2025.

SILVA, Ícaro Oliveira *et al.* A sensibilidade de bebês brasileiros a pistas prosódicas de fronteiras de sintagma entoacional na fala dirigida à criança. *Letrônica*, v. 7, n. 1, p. 4-25, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1984-4301.2014.1.16855. Acesso em: 25 out. 2025.

SONCIN, Geovana. Contrastes marcados prosodicamente à luz de perspectiva desenvolvimental. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE FONOAUDIOLOGIA, 31., 2023, Rio de Janeiro.

SONCIN, Geovana; LIMA, Aveliny M. Prosódia: da descrição à avaliação. *In*: LOPES, Leonardo; MACHADO, Ana Paula Lefèvre; AZONI, Cíntia Alves Salgado; BENATTI, Juliana Ferreira; SANTOS, Rosane Sampaio; RIBEIRO, Vanessa Veis; ALVES, Giorvan Ânderson dos Santos; PERNAMBUCO, Leandro de Araújo. (org.). *Tratado de Fonoaudiologia*. 3. ed. São Paulo: Manole, 2024. p. 1-8.

SONCIN, Geovana; POLLI, Luiza; BERTI, Larissa Cristina. O uso de pistas secundárias na marcação de foco prosódico na fala de crianças com transtorno fonológico. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 38, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/yBbLHmBjtjJsLRwk6Zbv4sg/abstract/. Acesso em: 20 out. 2025.

SOUSA, Nathalia Elyne Vasconcelos de. *Perfil das habilidades prosódicas de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico de linguagem*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SPEER, Shari R.; ITO, Kiwako. Prosody in first language acquisition – Acquiring intonation as a tool to organize information in conversation. *Language and Linguistics Compass*, v. 3, n. 1, p. 90-110, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2008.00103.x. Acesso em: 25 out. 2025.

STRAND, Edythe A. *et al.* A motor speech assessment for children with severe speech disorders: Reliability and validity evidence. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 56, n. 2, p. 505-520, 2013.

STRAND, Edythe A.; MCCAULEY, Rebecca Joan. *Dynamic evaluation of motor speech skill (DEMSS) manual*. Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing, Company, 2019.

TEN BOSCH, Louis; OOSTDIJK, Nelleke; DE RUITER, Jan Peter. Durational aspects of turn-taking in spontaneous face-to-face and telephone dialogues. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON TEXT, SPEECH AND DIALOGUE. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2004. p. 563-570.

TERKEN, Jacques; HERMES, Dik. The perception of prosodic prominence. In: HORNE, Merle (ed.). *Prosody*: Theory and experiment: Studies presented to Gösta Bruce. Dordrecht: Springer Netherlands, 2000. p. 89-127.

TURCATTO, Larissa Gonçalves. Perfil das habilidades prosódicas em crianças com transtorno motor de fala. 2024. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia na Atenção à Saúde de Média e Alta Complexidade) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/261489. Acesso em: 30 out. 2025.

VALIM, Cristiane Dellinghausen; KESKE-SOARES, Márcia; BIAGGIO, Eliara Pinto Vieira. Efeito do treinamento auditivo nas habilidades auditivas e de fala em crianças com transtornos dos sons da fala. In: CoDAS. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2025. p. e20240008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/codas/a/YqjxJZhGLDdLcMxpfqsrbmd/?format=pdf&lang=pt. Acessado em: 30 out. 2025.

VIHMAN, Marilyn. Chapter 10. The development of prosodic structure: A usage-based approach. *In*: PRIETO, Pilar; ESTEVE-GILBERT, Núria (ed.). *The development of prosody in first language acquisition*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 185-206. Disponível em: https://doi.org/10.1075/tilar.23.10vih. Acesso em: 25 out. 2025.

WELLS, Bill; PEPPÉ, Sue; GOULANDRIS, Nata. Intonation development from five to thirteen. *Journal of Child Language*, v. 31, n. 4, p. 749-778, 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S030500090400652X. Acesso em: 30 out. 2025.

WERKER, Janet F.; TEES, Richard C. Cross-language speech perception: Evidence for perceptual reorganization during the first year of life. *Infant Behavior and Development*, v. 7, n. 1, p. 49-63, 1984. Disponível em: https://doi.org/10.1016/S0163-6383(84)80022-3. Acesso em: 26 out. 2025.

YANG, Anqi; CHEN, Aoju. The developmental path to adult-like prosodic focus-marking in Mandarin Chinese-speaking children. *First language*, v. 38, n. 1, p. 26-46, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0142723717733920. Acesso em: 25 out. 2025.

YANO, Cynthia T.; SVARTMAN, Flaviane R. F. Um estudo preliminar sobre a prosódia de construções com tópico e foco no português paulista, *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 256-82, 2020.

YAVAS, Feryal. Habilidades linguísticas na criança: uma visão geral. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 14, p. 39-51, 1988.

ZANCHI, Paola; PEPPÉ, Sue; ZAMPINI, Laura. Prosodic development from 4 to 10 years: Data from the Italian adaptation of the PEPS-C. *Speech communication*, v. 144, p. 10-19, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.specom.2022.08.007. Acesso em: 30 out. 2025.